

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Universidade de Brasília
Universidade Federal de Goiás

Caroline Pauletto Spanhol

Intergeracionalidade na escolha de alimentos

Dissertação de Mestrado em Agronegócios

Campo Grande/MS
24 de março de 2008

Caroline Pauletto Spanhol

Intergeracionalidade na escolha de alimentos

Dissertação de mestrado submetida ao programa de pós-graduação multiinstitucional em Agronegócios (consórcio entre a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Agronegócios, área de concentração: gestão, coordenação e competitividade dos sistemas agroindustriais.

Orientador: Prof. Dr. Dario de Oliveira Lima Filho

Co-orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria de Fátima Evangelista Mendonça Lima

Campo Grande/MS

24 de março de 2008

REFRÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

SPANHOL, C. P. **Intergeracionalidade na escolha de alimentos**. Campo Grande: Departamento de Economia e Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008, 182 p. Dissertação de mestrado.

Documento formal autorizando a reprodução dessa dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos. Esse estudo foi passado pela autora à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás e encontra-se arquivado na secretária do programa. A autora reserva para si os outros direitos autorais de publicação. Nenhuma parte dessa dissertação deve ser reproduzida sem autorização por escrito da autora. As citações são estimuladas desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Spanhol, Caroline Pauletto.

Intergeracionalidade na escolha de alimentos/Caroline Pauletto Spanhol; orientação de Dario de Oliveira Lima Filho e Maria de Fátima Evangelista Mendonça Lima. Campo Grande, 2008.

182 p. il.

Dissertação de mestrado (M) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Departamento de Economia e Administração.

1. Transmissão intergeracional, hábitos alimentares, comportamento do consumidor. I. Lima-Filho, D. O. de; Lima, M. F. E. M, II. Título.

Caroline Pauletto Spanhol

Intergeracionalidade na escolha de alimentos

APROVADA POR:

DARIO DE OLIVEIRA LIMA FILHO, Doutor (UFMS)

MARIA DE FÁTIMA EVANGELISTA MENDONÇA LIMA, Doutora (UFMS)

ÉLCIA ESNARRIAGA ARRUDA, Doutora (UFMS)

Campo Grande, 24 de Março de 2008.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus que oportunizou a realização desse desejado curso de mestrado e a conclusão dessa pesquisa.

Agradeço a FUNDECT pelo apoio financeiro, indispensável para a viabilização desse estudo.

Agradeço a minha família, especialmente meu pai e minha mãe, que em todos os momentos compreenderam minhas angústias e incentivaram meus sonhos.

Agradeço enormemente aos professores Dario de Oliveira Lima Filho e Maria de Fátima Evangelista Mendonça Lima, cujo apoio, paciência e amizade foram indispensáveis para a materialização dessa pesquisa e para meu amadurecimento como pesquisadora.

Agradeço aos demais professores do DEA que, com muito carinho e rigor receberam-me no início da vida como pesquisadora e que me acompanharam até aqui.

Agradeço a Rosali, Inês, Ferdinanda e Naira, funcionárias do DEA, pelo carinho, força e compreensão nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

Agradeço aos meus colegas e, principalmente meus amigos que, com muita alegria e bom humor tornaram meus dias mais proveitosos e produtivos e que entenderam minhas ausências.

Agradeço ao meu querido noivo Bruno Finocchio e sua família, que com muita paciência e cuidado, zelaram pelo meu bem estar e pelo auxílio em todos os momentos.

Agradeço, a todas as mães que aceitaram participar dessa pesquisa, pois sem o auxílio e a disponibilidade ofertadas por elas, essa pesquisa não teria sido concluída.

EPÍGRAFE

“Dize-me o que comes e eu dir-te-ei quem és!”

DaMatta (1984).

RESUMO

A escolha dos alimentos têm sido estudada por várias áreas do conhecimento, entre elas destaca-se o Marketing, a Economia, a Psicologia, a Nutrição, a Medicina, a Sociologia e a Antropologia. A área do Marketing e, também da Economia, tratam da escolha de produtos, utilizando modelos quantitativos-econômicos. Ao contrário, esse estudo baseia-se na teoria da dádiva, de Bloch e Buisson, por considerar a escolha, sobretudo, de alimentos, um fenômeno complexo. Esse estudo utiliza a metodologia qualitativa. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dez mães residentes na cidade de Campo Grande/MS. A técnica utilizada para a análise dos dados é a análise de conteúdo. Os resultados apontam que, além das restrições estruturais, há presença do fenômeno da intergeracionalidade como fator importante na escolha de alimentos, ou seja, existem dimensões subjetivas envolvidas nesse complexo processo como: a) as lembranças da infância, b) as vivências da família, que podem ser perpetuadas/transmitidas, entre as gerações na escolha de alimentos. Sendo assim, pode-se dizer que no processo de escolha de alimentos existe uma herança simbólica recebida dos pais e, principalmente da mãe, que influencia as atuais escolhas dos indivíduos por alimentos.

Palavras-chave: transmissão intergeracional, hábitos alimentares, comportamento do consumidor.

ABSTRACT

The choice of foods has been studied for some areas of the knowledge, among them is distinguished the Marketing, the Economy, the Psychology, the Nutrition, the Medicine, the Sociology and the Anthropology. The area of the Marketing and, also to the Economy, deals with the choice of products, using quantitative-econometrical models. In contrast, this study it is based on the theory of the gift, of Bloch and Buisson, for considering the choice, over all, of foods, a complex phenomenon. This study it uses the qualitative methodology. For in such a way, interviews half-structuralized with ten resident mothers in the city of Campo Grande/MS. The technique used for the analysis of the data is the content analysis. The results point that, beyond the structural restrictions, it has presence of the phenomenon of the intergeracionalidade as important factor in the food choice, that is, exist involved subjective dimensions in this complex process as:) the souvenirs of infancy, b) the experiences of the family, that can be perpetuated/transmitted, enters the generations in the food choice. Being thus, it can be said mainly that in the process of food choice a symbolic inheritance received from the parents exists and, of the mother, who influences the current choices of the individuals for foods.

Key words: intergenerational transmission, alimentary habits, consumer behavior.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição socioeconômica das participantes da pesquisa.....	54
Tabela 2 - Distribuição de frequência dos motivos explicitados na escolha de alimentos.....	54
Tabela 3 - Distribuição de frequência do significado de alimento.....	63
Tabela 4 - Distribuição de frequência dos fatores determinante da escolha de alimentos.....	67
Tabela 5 - Distribuição de frequência das informações contidas nos rótulos dos alimentos.....	69

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de entrevista.....	95
Apêndice B - Termo livre de consentimento esclarecido.....	98
Apêndice C - Transcrição das entrevistas	100

ÍNDICE

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	14
1.1 EVOLUÇÃO DOS HÁBITOS ALIMENTARES.....	18
1.2 A CULTURA E O ALIMENTO.....	24
CAPÍTULO 2 – A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL.....	35
2.1 O MODELO TEÓRICO DE BLOCH E BUISSON.....	41
2.1.2 A FAMÍLIA.....	43
2.1.3 ECONOMIA: O DINHEIRO.....	45
2.1.4 ESTADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	47
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA.....	49
3.1 AMOSTRA.....	50
3.2 ENTREVISTA.....	50
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	52
CAPÍTULO 4 – A ESCUTA DAS MÃES.....	53
4.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS ENTREVISTADAS.....	53
4.2 MOTIVOS RELACIONADOS À ESCOLHA DOS ALIMENTOS.....	54
4.3 SIGNIFICADO DE ALIMENTO.....	63
4.4 O PREÇO COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NA ESCOLHA DOS ALIMENTOS.....	67

4.5 O ESTADO E A REGULAMENTAÇÃO DOS PRODUTOS À VENDA.....	69
4.6 A RESPONSÁVEL PELOS CUIDADOS COM A ALIMENTAÇÃO EM CASA.....	71
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
BIBLIOGRAFIA.....	82
APÊNDICES.....	95

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O estudo sobre o comportamento do consumidor de alimentos tem sido objeto de estudo de muitas áreas do conhecimento, entre elas destacam-se: a Economia, a Administração, a Nutrição, a Medicina, a Sociologia e a Antropologia.

Segundo Poulain (2004) a alimentação é um fenômeno que ultrapassa as fronteiras nutricionais e biológicas do ser humano por se inscrever em um campo mais amplo, onde se observa a interação de forças políticas, sociais e psicológicas e, não menos importante, as nutricionais e biológicas.

O comportamento de consumo alimentar na área do Marketing tem assumido grande notoriedade. Em especial, a escolha de alimentos tem se fundamentado em modelos psicológicos que explicam a escolha do ponto de vista quantitativo/econométrico. O modelo de Fishbein (1966), por exemplo, argumenta que a atitude é uma função entre a importância do atributo e da avaliação desse atributo para o consumidor, sendo estes medidos com o uso da escala Likert (ENGEL; BLACKWELL; MINIARD, 1995).

O construto atitude é composto pelas variáveis crença e sentimento. Pelo modelo, essas dimensões são medidas tal como se mede um fenômeno físico, como, por exemplo, a temperatura e a extensão territorial.

Essa dissertação, para entender o fenômeno da escolha de alimentos e, para que esse fenômeno seja compreendido adota o pensamento complexo. Segundo Edgar Morin (s.d apud PETRAGLIA, 1998, p.48), o pensamento complexo deve preencher várias condições:

Deve respeitar a multidimensionalidade dos seres e das coisas. Deve trabalhar, dialogar com a incerteza, com a irracionalidade. Não deve desintegrar o mundo dos fenômenos, mas tentar dar conta dele mutilando-o o menos possível.

Sendo assim, este trabalho é pautado numa epistemologia da complexidade, que compreende quantidades de unidades, interações diversas e adversas, incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios (PETRAGLIA, 1998). Trata-se da congregação de elementos que são membros e partícipes do todo. O todo é uma unidade complexa, não se reduzindo a simples soma dos elementos que constituem as partes: cada parte apresenta sua especificidade e, em contato com as outras, modificam-se as partes e também o todo (VASCONCELLOS, 2002). Como salienta Petraglia (1998: p. 47),

[...] A complexidade integra os modos simplificadores do pensar e conseqüentemente nega os resultados mutiladores, unidimensionais e reducionistas.

Significa, assim, entender que os fenômenos só podem ser compreendidos se vistos como totalidades. A realidade social é suficientemente diferente da realidade natural. Embora haja interpenetração e espaços comuns, há horizontes de originalidade. Na realidade social depara-se com fenômenos imponderáveis, que não se sabe bem onde começam e onde acabam. As pessoas agem como resultado de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não aparece de modo imediato, precisando, portanto, ser descoberto.

Dessa forma, parte-se do pressuposto de que nenhum processo social pode ser compreendido de forma isolada, como uma instância neutra acima dos conflitos ideológicos da sociedade. Ao contrário, esses processos estão profundamente vinculados às desigualdades econômicas, culturais e políticas que dominam a sociedade (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998). Para esses autores, não se pode considerar como dicotômico, objetividade e subjetividade, implicando oposições, pois:

Objetividade nada tem a ver com leis “naturais” ou com uma “natureza” a ser descoberta, assim como subjetividade não é algo que tenha que ser expurgada da pesquisa, e sim, algo que precisa ser admitido e compreendido como parte da construção de significados inerentes às relações sociais que se estabelecem no campo pesquisado (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 140).

Como sugere Mauss (1980, apud POULAIN; PROENÇA, 2003a), o desconhecido se encontra sempre nas fronteiras das ciências. Este autor se posicionou sobre a articulação entre as dimensões biológicas, psicológicas e sociológicas, na ação do ser humano; para ele, o psicológico desempenharia um papel de engrenagem, estabilizando a conexão entre o social e o biológico.

Seguindo o mesmo raciocínio, Morin (1973, apud POULAIN; PROENÇA, 2003a, p.250) escreveu que mesmo o aspecto biológico é infiltrado de símbolos, de cultura:

Nossas atividades biológicas mais elementares, o comer, o beber, o defecar, são estreitamente ligadas a normas, interdições, valores, símbolos, mitos, ritos, quer dizer, aquilo que há de mais especificamente cultural. Assim, comer torna-se “um ato humano total”.

Dessa forma, Morin promove uma abordagem transdisciplinar, como escrevem Poulain e Proença (2003a), que não se refere juntar as disciplinas, nem mesmo criar uma ciência unitária do homem, mas se traduz em desenvolver as pesquisas e os conhecimentos metadisciplinares.

É nesse sentido que Poulain e Proença (2003a) concebem o conceito de espaço social alimentar, isto é, um instrumento de estudo de modelos alimentares, assinalando as inter-relações entre um grupamento humano e o seu meio. Para o autor, um modelo alimentar é uma configuração particular do espaço social alimentar. Da mesma forma, os hábitos de consumo alimentar podem ser entendidos como uma configuração particular do “espaço social alimentar”. Enfim, significa dizer que quando a pessoa come, cumpre não somente um ato biológico, mas, também, um ato cultural, o ato da comensalidade, ou seja, a alimentação é escolhida em função das normas que lhe foram transmitidas por sua família, por sua religião, em outras palavras, pelo seu grupo social.

Enfim, a argumentação desse trabalho sobre o conceito de escolha visa mostrar a necessidade de rompimento com a pretensão de tomar a escolha como categoria teórica. Considera-se a escolha como um conceito sócio-psicológico mais amplo, o que significa entender a escolha como prática socialmente construída.

Essa dissertação pretende problematizar as concepções existentes sobre a escolha dos alimentos que se baseiam, sobretudo, nos modelos quantitativos-econômicos. Sendo assim,

o objetivo desse estudo é captar os sentidos dados pelas mães na escolha de alimentos. Para tanto, foram entrevistadas dez mães na cidade de Campo Grande/MS.

O termo sentido é entendido como uma construção social, por meio da qual as pessoas constroem os conceitos pelos quais compreendem e lidam com os fenômenos a sua volta (SPINK; MEDRADO, 2000 apud LIMA, 2004). Em outras palavras, pode-se dizer que, interagindo com as pessoas gradativamente apropria-se da linguagem, interiorizando seu conteúdo social, isto é, seus significados. Os significados adquirem uma natureza propriamente psicológica quando entram em relações internas com os demais fatores implicados na forma de consciência individual como os interesses, motivações e experiências pessoais (LIMA, 2008).

Nesta interação subjetiva, o significado social adquire um sentido pessoal, atribuído pelo sujeito, definindo-se então, como significado individual, psicológico (PALANGANA, 2001).

Segundo Sawaia (1996 apud LIMA, 2004), a construção de sentido e cotidiano, estão associados. Interessa, então, os contextos de produção de uma época e de uma cultura e os mecanismos e os recursos que são construídos para sua sustentação (instituições, leis, governos, práticas sociais, entre outros).

A mediação de valores dos pais na constituição da escolha tem feito parte das reflexões contemporâneas da Sociologia e da Psicologia Social. Nesse sentido, buscou-se nas obras de Bloch e Buisson (1998) e Lima (2004) o fundamento para se entender o fenômeno da escolha. Essas autoras discutiram não a escolha dos alimentos, mas a escolha de educação dos filhos (as) pequenos (as) pelas relações intergeracionais. Para as autoras, essa escolha provém da reinterpretação que a mulher – mas, também, o homem - faz de **normas sociais** transmitidas por seus ascendentes.

O trabalho dessas autoras constitui o pano de fundo dessa dissertação, que permite problematizar um modelo quantitativo/econométrico bastante difundido no Marketing, sobretudo os praticados pelos países anglo-saxões. Essa pesquisa procura defender que as mães têm razões legítimas para escolher determinados alimentos. São razões que vêm, principalmente, de experiências, de informações veiculadas pela mídia e, ainda, de experiências psíquicas.

Além disso, essa dissertação pretende contribuir para a discussão das políticas públicas de alimentos, sobretudo, em um momento em que se discute a questão da alimentação saudável e da obesidade.

Isso posto, nota-se uma complexidade envolvida na compreensão do comportamento alimentar. O ato alimentar transcende os limites nutricionais, assumindo uma conotação simbólica, uma vez que é dotado de representações que podem ilustrar momentos de prazer, de relacionamento familiar e social. Nesse sentido, o ato alimentar, dado sua repetibilidade, configura-se como um dos principais elementos de transmissão dos traços culturais de uma sociedade.

Essa dissertação se desenvolve em 5 capítulos, sendo o primeiro, essa introdução. O segundo aborda o conceito de transmissão intergeracional, bem como apresenta e discute o modelo teórico de Bloch e Buisson (1998), ressaltando os elementos que o compõem: a família, o dinheiro e o Estado. O terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada nesse estudo, o quarto capítulo aborda a escuta das mães, que compreende a análise dos dados coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas. O último capítulo é conferido as considerações finais, onde se argumenta que a escolha das mães por alimentos é um fenômeno complexo que, somente examinando influências sobre o comportamento de educação e cuidado alimentar da família que estão presentes antes mesmo da escolha da mãe se efetivar é que permitirá um completo entendimento sobre essa escolha, pois conhecer em um determinado momento o número de mães que compra determinado alimento nada esclarece sobre as idas e vindas de uma mesma mãe a procura de alimentos.

1.1 A EVOLUÇÃO DOS HÁBITOS ALIMENTARES

A evolução do comportamento alimentar esteve ligada às vicissitudes da longa história da humanidade. No entanto, a evolução dos hábitos alimentares é muito mais lenta que a de outros hábitos correntes da vida cotidiana. É fato que as pessoas trocam mais facilmente de carro ou de sapatos do que de receitas culinárias ou de práticas alimentares (LAMBERT *et al.*, 2005).

Os hábitos alimentares são construídos e modificados no tempo, devido aos fatores culturais, econômicos, sociais e individuais. Torgal (1999) acrescenta que a história do homem se confunde com a própria história da alimentação.

O alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanência e mudanças dos hábitos alimentares têm referência na própria dinâmica social. Segundo Torgal (1999), alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional e comer é um ato social, pois constituem atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações (SANTOS, 2005).

Cascudo (1983, p. 405) acrescenta que: “[...] é inútil pensar que o alimento contenha apenas os elementos indispensáveis à nutrição. Contém substâncias imponderáveis e decisivas para o espírito, alegria, disposição criadora e bom humor”.

De acordo com Santos (2005), a história da alimentação busca estudar as preferências alimentares, a significação simbólica dos alimentos, as proibições dietéticas e religiosas, os hábitos culinários, a etiqueta e o comportamento à mesa e, de maneira geral, as relações que a alimentação mantém em cada sociedade com os mitos, a cultura e as estruturas sociais, ao sabor dos processos históricos.

Isso posto, nota-se que o ato alimentar, para ser compreendido, necessita de uma abordagem multidisciplinar, ou melhor, necessita de uma visão multifacetada do fenômeno. Isso implica dizer que não se pretende criar uma nova ciência para se estudar o alimento, mas fazer uso das já existentes, resguardando suas contribuições, para auxiliar na compreensão desse complexo fenômeno. Assim, a História, e mais especificamente, a Antropologia Social, a Sociologia Compreensiva e a Psicologia Social são utilizadas na presente pesquisa.

Nota-se que a função do alimento ultrapassa os limites nutricionais e encontra no social uma função, também, expressiva. Esse fato pode ser observado nos discursos de Santos (2005), Justos (2000), Warde (1997), Cascudo (1983).

A historicidade da sensibilidade gastronômica é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho que marcaram uma época. Nesse sentido, o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come (SANTOS, 2005, POULAIN, 2004;).

Segundo Cascudo (1983), o alimento representa o povo que consome numa imagem imediata e perceptiva, ou seja, a impressão viva do temperamento e a maneira de viver, de conquistar e de transformar o ato de nutrição numa cerimônia indispensável de convívio humano.

Justos (2000) mostra que a culinária de uma sociedade é uma linguagem através da qual se traduz sua estrutura social. Os tratados culinários refletem o inconsciente da vida cotidiana de uma cultura, ao mesmo tempo em que explicitamente retratam uma época. Sendo assim, Justos (2000) acrescenta que, no decorrer de quinhentos anos de história da alimentação, o Brasil pôde destacar, através de seu estilo de beber e de comer, sua produção agrícola, suas receitas, seus comestíveis, seu comportamento alimentar e a formação da identidade brasileira.

Sobre isso, encontrou-se nos estudos realizados por Alessi (2006) a relação existente entre a alimentação desde o período de colonização do Brasil e a conduta alimentar de seus cidadãos contemporâneos. Para Alessi (2006), desde as origens da sociedade brasileira até o processo de aculturação a relação do indivíduo com a comida desempenha importante papel prescrevendo normas e valores orientadores da conduta alimentar.

Os primeiros contatos entre portugueses, grupos indígenas e, posteriormente, grupos africanos, foram responsáveis pelo surgimento de condutas alimentares regionais e específicas dos ciclos econômicos que caracterizaram o desenvolvimento e a ocupação inicial do território nacional (ALESSI, 2006).

Em seus estudos, Alessi (2006) identifica que nos ciclos do Pau-Brasil e da cana-de-açúcar, período compreendido entre os séculos XVI e XVII, o Brasil era conhecido como a terra da mandioca que, ao lado do feijão, do amendoim, da caça, pesca e coletas de frutos constituíram os alimentos formadores das condutas alimentares dos grupos indígenas. A partir destes alimentos eram preparados a farinha, a tapioca e o beiju, que eram consumidos puros ou combinados com carnes, ervas, vegetais, frutos e, também, utilizados para o preparo de bebidas alcoólicas.

Os colonizadores trouxeram as especiarias como o cravo-da-índia, canela, alecrim e carnes, como a bovina, a de frango e a suína. Os escravos vindos da África trouxeram seus conhecimentos culinários influenciando o modo de preparar e temperar os alimentos. Posteriormente, o sal foi incorporado na alimentação, sendo amplamente utilizado para a conservação de carnes (ALESSI, 2006).

Como exemplos de condutas alimentares deste período e que resistem até os dias de hoje, está o vatapá e o xinxim de galinha, o caruru preparado à base de mandioca e de ervas indígenas,

à venda de doces nos tabuleiros expostos nas ruas onde se destaca a cocada entre outros pratos típicos (ALESSI, 2006; CARNEIRO, 2003; CASCUDO, 1983).

Com a chegada da família real ao Brasil, ainda segundo Alessi (2006), a libertação dos escravos e a chegada de grupos de imigrantes europeus, impulsionaram os processos de urbanização, industrialização e do mercado interno sustentadores das atividades econômicas características do período dos ciclos da mineração, café e borracha, que se estende do final do século XVII até início do século XX.

A partir daí, ocorreram profundas transformações nas condutas alimentares destacando-se: a difusão do consumo da carne seca e da carne de charque entre os desbravadores dos sertões, a introdução do pão de farinha de trigo, a famosa combinação do arroz com o feijão, o predomínio do consumo de carne bovina, algumas saladas, o manjar branco e, após a refeição, o café nas mesas das famílias das classes altas e médias. Nas classes baixas, a conduta alimentar predominante era o feijão com farinha de mandioca, o angu de milho e, ocasionalmente, a canjica e carnes (ALESSI, 2006).

Ainda de acordo com Alessi (2006), a intensificação da imigração significou a vinda de uma diversidade de grupos étnicos que, gradativamente, foram-se incorporando nas condutas alimentares dos brasileiros.

Nesse sentido, o cardápio nacional, assim como a identidade brasileira, é caracterizada pela miscigenação de culturas, em outras palavras, pode-se dizer que a alimentação é produto de uma combinação de elementos, sabores, cores e temperos.

No tocante à cultura do brasileiro, Cascudo (1983) acrescenta que é possível verificar elementos de sua cultura ao analisar um determinado tipo de alimento, a feijoada. A análise realizada pelo autor elucida a miscigenação como característica do Brasil.

Verificaria a presença constante de todos os elementos colaborantes na cultura popular brasileira: carne de gado europeu, verduras e legumes africanos, asiáticos, ameríndios, fundidos na obra-prima, contemporânea e secular (CASCUDO, 1983, p. 396).

A influência dos árabes incorporou ao cardápio brasileiro pratos como a *esfira*, o quibe, o charuto de folha de uva; já os chineses trouxeram o frango xadrez; os mexicanos introduziram a

paella; os italianos a pizza; os japoneses o *sashimi*; e os portugueses o bacalhau, entre outros pratos.

Nos dias atuais, observa-se que esses pratos estão presentes de norte a sul do país, compondo a dieta do brasileiro e estão disponíveis nos mais diversos pontos de venda como as barracas nas ruas, restaurantes, feiras livres e supermercados (ALESSI, 2006).

Outra mudança nos hábitos e na conduta alimentar ocorreu a partir da terceira Revolução Industrial verificada em meados do século XX, transformando os modos de produzir, estocar e comercializar os bens e serviços, bem como a composição e o papel desempenhado pelos núcleos familiares na conformação das condutas alimentares. Essas modificações sugeriram a produção em larga escala, o beneficiamento de alimentos naturais, a agregação de aditivos, a introdução de múltiplas variações na palatabilidade dos alimentos (mudanças no sabor, na cor, na textura), a diversidade de fórmulas lácteas industrializadas e, mais recentemente, com advento da engenharia de alimentos, a oferta de alimentos congelados, semi-prontos e desidratados (ALESSI, 2006).

Seguindo essas mudanças alimentares Cascudo (1983, p. 406), mostra em seus estudos que:

[...] cada vez mais há menos refeição e cada vez mais comidas, fáceis, encontráveis, vendidas nos botequins elegantes ou cantinas universitárias. A alimentação das classes jovens fundamenta-se em uma série de sucedâneos e de provisórios, de coisas supletivas, aperitivos, respondendo à fome sem eliminá-la.

Diante das transformações impostas pela urbanização e pela globalização, nota-se que a alimentação passou e continua passando por mudanças como a introdução no cardápio das famílias, de alimentos industrializados. Um novo estilo de vida impõe novas expectativas de consumo, que acabam orientando as escolhas de alimentos (SANTOS, 2005).

Nos dias atuais, observa-se o aumento na demanda por alimentos funcionais¹ e de alimentos *light*² e *diet*³, que intensificados pela preocupação com questões estéticas e dietéticas, que acabam por orientar as escolhas dos indivíduos por alimentos. Sobre isso, os autores Hall e Lima-Filho (2006) e Sproesser *et al.* (2006) mostram a preocupação dos indivíduos com a aparência e a saúde, à beleza e a forma do corpo.

O estudo realizado por Hall e Lima-Filho (2006) tem como objetivo compreender o perfil do consumidor de produtos *diet* e *light* e os motivos que o levam ao consumo desses produtos. Os autores realizaram uma análise quantitativa do banco de dados de levantamentos realizados em quatro regiões do país: Porto Alegre (RS), São Paulo (SP), Goiânia (GO) e Recife (PE). Foram aplicados 1605 questionários, em torno de 400 em cada cidade. A análise foi feita por meio de estatística descritiva. Os resultados revelam que 22% da população brasileira consomem frequentemente produtos *diet* e/ou *light*; Os motivos encontrados foram: prescrição médica, não engordar ou por fazer bem à saúde.

O estudo de Sproesser *et al.* (2006) chama a atenção para as diversas mudanças que interferem no comportamento do consumidor e que se encontra em constante alteração. O objetivo geral do estudo é avaliar o comportamento de consumo de carne bovina e hortaliças no Brasil verificando os tipos de perfis dos consumidores. Para tanto, fez uso do mesmo banco de dados do estudo de Hall e Lima Filho (2006). O estudo identificou: a) o perfil dos consumidores orientados para o consumo de carne bovina, b) o perfil dos consumidores orientados para o consumo hortaliças. Os resultados sinalizam para uma queda no consumo de carne bovina e

¹ Para a Agência de Vigilância Sanitária - ANVISA (Resolução n° 18, de 30/04/1999) são alimentos que contém propriedades funcionais, ou seja, relativa ao papel metabólico ou fisiológico que o nutriente ou não nutriente tem no crescimento, desenvolvimento, manutenção e outras funções normais do organismo humano e sugere ou implica a existência de relação entre o alimento ou ingrediente com doença ou condição relacionada à saúde.

² De acordo com a Portaria n° 27, de 13 de Janeiro de 1998 da ANVISA, declara que alimentos *light* são alimentos que apresentam uma diferença relativa mínima de 25%, para mais ou para menos, no valor energético ou conteúdo de nutrientes dos alimentos comparados, e uma diferença absoluta mínima no valor energético, ou no conteúdo de nutrientes.

³ Os alimentos *diet*, segundo a ANVISA (Portaria n° 29, de 13 de janeiro de 1998), são os alimentos especialmente formulados ou processados, nos quais se introduzem modificações no conteúdo de nutrientes, adequados à utilização em dietas, diferenciadas e ou opcionais, atendendo às necessidade de pessoas em condições metabólicas e fisiológicas específicas.

aumento de hortaliças, elucidando o princípio da imitação-distinção sugerido por Bourdieu (2005).

A alimentação nos dias atuais desfruta de uma diversidade de tipos, formas, funções e variedades. A indústria de processamento de alimentos foi responsável pela introdução de novos elementos no cardápio dos indivíduos e isso se deve, em parte, aos avanços obtidos na área da engenharia genética, da biotecnologia, da conservação, transporte e acondicionamento de alimentos.

Poulain (2004) afirma que na história dos comensais nunca houve momentos de diversidade e fartura como nos dias atuais e acrescenta que o alimento de hoje está deslocado, ou seja, não está restrito às fronteiras as quais foram produzidos; fato viabilizado a partir dos avanços tecnológicos.

Mintz (2001) acrescenta que muitas pessoas no mundo não mais consomem o que produzem, e tanta comida flui em tal volume e velocidade, que a unidade de produção, muitas vezes se oculta.

Além dos avanços da tecnologia e a industrialização como os impulsionadores de uma nova ordem para os comensais, a globalização mostra um impacto no contexto alimentar. Se por um lado, possibilita uma maior diversificação de elementos e pratos na culinária dos indivíduos, permitindo o contato com outras culturas, sabores e mitos alimentares anteriormente desconhecidos, por outro, padroniza produtos e gostos visando sua homogeneização, modifica valores e tradições, provocando alterações na cultura alimentar de um povo (REICHEMBACH, 2004; MINTZ, 2001).

1.2 A CULTURA E O ALIMENTO

No que tange à cultura, observa-se a presença de valores, crenças, tradições, formas simbólicas, ritos e mitos que identificam e distinguem os membros de um grupo, tal como a definição proposta por Thompson (1999, p.176). A essa classificação o autor chamou de simbólica:

[...] cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças.

Este é o conceito de cultura adotado nesta pesquisa. Nesse sentido, a alimentação reflete, também, o aspecto cultural de uma sociedade, envolta de significados, restrições e sabedoria. Brandão (1981 apud CANESQUI, 1988) acrescenta que a ideologia alimentar é entendida como parte do conhecimento social da população, compreendendo a representação das crenças e dos padrões sociais de uso e das restrições alimentares.

Canesqui (1988) mostra em uma perspectiva histórica que um dos primeiros autores que associou à contribuição da antropologia à nutrição foi Gross (1971 apud CANESQUI, 1988), estudando as modificações da produção de sisal e o gasto energético dos trabalhadores e dos seus dependentes. Esse trabalho mostrou que entre os trabalhadores rurais havia insuficiência dos salários auferidos para a manutenção de uma dieta capaz de preencher o dispêndio dos gastos energéticos no trabalho desenvolvido. Tal insuficiência tinha impacto sobre a distribuição alimentar na família, de modo que aos filhos dos trabalhadores restava uma dieta de qualidade e quantidade inferiores em relação à consumida pelos chefes das famílias. Isto resultava em baixos níveis de crescimento e de desenvolvimento dos filhos dos trabalhadores, não atingindo a taxa recomendada pela ciência nutricional (CANESQUI, 1988).

Casnequi afirma, ainda, que o estudo de Gross (1971) introduziu a importância da família no consumo alimentar, agregando uma preocupação antropológica, até então ausente. A partir daí, insere-se a família na economia de subsistência, onde se constitui, basicamente, em unidade de produção e consumo.

Já Powdermaker (1997) assegura que é imprescindível a utilização de abordagens holísticas para compreender os diferentes elementos que compõem a cultura e sua relação com o alimento. Nesse sentido, faz-se necessário discutir como funciona a família, a economia, a classe organizadora, o sistema político, a religião com seus benefícios e os valores que o homem possui em relação aos outros homens.

Baseados nos estudos de Gross (1971), Canesqui (1988) e Powdermaker (1997) incorporam a família à discussão. Entender seu funcionamento, regras, valores, crenças, mitos,

ritos, concepções e restrições são necessários para a compreensão de como se dá transmissão da cultura e, sobretudo, dos hábitos alimentares entre as gerações.

Já DaMatta (1984) incorpora a comida para explicar as manifestações da sociedade, sendo que esta se manifesta por meio de muitos espelhos e idiomas. No caso do Brasil, a comida com seus desdobramentos morais, ajudam a situar a mulher e o feminino em sentido tradicional. Assim, comidas e mulheres exprimem teoricamente a sociedade, tanto quanto a política, a economia, a família, o espaço e o tempo.

Com isso, observa-se que o ato alimentar traz consigo representações sociais que expressam a cultura de um povo e situa a mulher como provedora da alimentação em casa. No caso brasileiro, os ditados populares fazem menção a alguns aspectos da comida, como para expressar momentos de felicidade, tristeza ou, ainda, desconfiança como no ditado: “por fora bela viola, por dentro pão bolorento”.

A incorporação da comida no vocabulário popular tem origem em Claude Lèvi-Strauss que chamou a atenção para dois processos naturais: o cru e o cozido. Estas palavras não expressam somente dois estados pelos quais passam os alimentos, mas como modalidades pelas quais se pode falar de transformações sociais importantes (DAMATTA, 1984).

Para Lévi-Strauss (s.d apud WOODWARD, 2000), a cozinha estabelece identidade entre os homens (isto é, a cultura) e a comida (isto é, a natureza). Segundo o autor, é por meio da cozinha que a natureza é transformada em cultura.

Ainda segundo Lévi-Strauss, a comida é o meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias. A análise do autor vai mais longe ao incorporar, também, a dimensão econômica para a compreensão do fenômeno. Sobre isso, Lévi-Strauss afirma que o consumo de alimentos pode indicar quão ricas ou cosmopolitas as pessoas são, bem como sua posição ética e religiosa, fato, também, identificado nos estudos de Bourdieu (2005) e Powdermaker (1997).

Para Lévi-Strauss, a comida não é “boa apenas para comer”, mas, também, é “boa para pensar”. Nesse sentido, a comida assume uma dimensão simbólica e pode atuar como significante. O autor analisou as estruturas subjacentes dos mitos e dos sistemas de crenças, e que estes podem ser expressos por meio, do que o autor chama de triângulo culinário, chamando atenção para o cru e para o cozido. O triângulo culinário pode ser compreendido da seguinte

maneira: o alimento cozido é aquele alimento, cru, que foi transformado por meios culturais. Já o alimento podre é o alimento cru que foi transformado por meios naturais (WOODWARD, 2000).

Interessante notar que a análise de Lévi-Strauss se estende para as outras formas de cozimento, cada uma associada a um significado. O assar, por exemplo, que envolve exposição direta às chamas, sem a mediação de qualquer aparato cultural do ar ou da água; constitui-se a posição neutra. Cozer envolve água, reduz o alimento cru a um estado similar a decomposição do apodrecimento natural. “A defumação, não exige qualquer mediação cultural” (WOODWARD, 2000, p. 45).

O assado é o alimento festivo preparado para celebrações, enquanto o alimento cozido é mais utilizado no consumo cotidiano. A partir desses significados e usos do alimento, Lévi-Strauss chama a atenção para a importância cultural do alimento. São as convenções da sociedade que decretam o que é alimento e o que não é, e que tipo de alimento deve ser consumido e em quais ocasiões (LEACH, 1974, apud WOODWARD, 2000).

O papel do alimento na construção da identidade e, também, como mediação da cultura na transformação do natural é importante na análise da cozinha e, conseqüentemente, da relação entre o indivíduo e a comida.

DaMatta (1984) mostra que o cru e o cozido, o alimento e a comida, o doce e o salgado ajudam a classificar coisas, pessoas e até ações morais do mundo. Segundo o autor, o cru se relaciona a um estado de selvageria, ao passo que o cozido se relaciona ao universo socialmente elaborado que a sociedade humana define como sendo o de sua cultura, de sua ideologia.

A partir da contradição existente entre o cru e o cozido, DaMatta (1984) chama a atenção para a diferença entre alimento e comida. O alimento é universal e geral, é para todos os seres humanos, amigos e inimigos, gente de longe, gente de perto, mas a comida é algo que define um domínio e coloca as coisas em foco.

Então, no contrário do alimento está a comida, que se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definido por um grupo, uma classe ou uma pessoa. A comida expressa desde uma operação universal como o ato de se alimentar, quanto define e marca identidades pessoais e grupais, até estilos nacionais de ser, fazer, estar e viver (DAMATTA, 1984).

As conotações relacionadas à alimentação também podem ser vistas na obra de Mennell (1996 apud COLAÇO, 2004), que aponta para uma distinção fundamental entre o que caracteriza a fome e o apetite. A fome pode ser entendida como um estado fisiológico que coordenaria sensações, a fim de avisar o organismo de que é preciso repor as energias. Suprimir esse estado, envolve um certo auto-controle, que regulará de maneira abrangente o que será consumido, quando, como, com quem, o quê, formalizando o apetite.

Ou seja, as práticas de consumo não abordam apenas os alimentos, mas que tipos de alimentos são consumidos, quem come o quê, quando se dá o consumo, as regras de etiqueta, a natureza das ocasiões em que os alimentos são consumidos e o valor simbólico dos alimentos (GOFTON, 1986; SANTOS, 2005).

A partir do exposto por Gofton (1986), DaMatta (1984) acrescenta que o “jeitinho brasileiro” de apreciar a mesa grande, farta, alegre e harmoniosa, congrega a liberdade, o respeito e a satisfação. Sendo assim, nas nobres artes de comer, aprende-se a exercer um gosto que vai acompanhar os indivíduos para o resto da vida. A partir disso, o autor mostra a diferença existente entre os padrões alimentares de brasileiros e americanos. Ao contrário dos brasileiros, os americanos podem se alimentar individualmente, em pé e com as mãos. Para os americanos, o ato alimentar, cotidianamente, não é concebido como um momento de socialização, mas um ato particular e solitário.

De fato, o ato alimentar não se resume na ingestão de nutrientes e energia para a manutenção do corpo. Segundo Silva Santos (2006), o ato de comer envolve uma profunda ambigüidade nas fronteiras corporais entre a cultura e a natureza. A autora destaca uma contribuição de Fischler (2001 apud SILVA SANTOS, 2006, p. 5), onde, “nós nos tornamos o que nós comemos”, tanto no plano material como no imaginário, atravessando a fronteira do eu e do mundo, capazes de modificar o próprio organismo. Já DaMatta (1984, p. 58) encontra uma maneira divertida para relacionar o alimento à cultura do brasileiro: “dize-me o que comes e dirte-ei quem és!”

Como se observa, o ato alimentar revela parte da identidade cultural do indivíduo e de uma coletividade. Nessa perspectiva, Poulain (2004) afirma que os hábitos alimentares deixam de ser vistos apenas como forma de expressão ou de identidades sociais para se inscrever no processo de construção da própria identidade.

Compartilhando com DaMatta (1984), Powdermaker (1997) mostra o simbolismo existente na sociedade em torno da gordura e da magreza e a sua relação com outros símbolos e valores. Os estudos de Powdermaker (1997) revelam que nas sociedades tribais da África no passado, o acúmulo de alimentos utilizados em ocasiões especiais como casamento, aniversário e puberdade, simbolizavam prestígio, a hospitalidade para com os convidados e a valorização de algumas pessoas da tribo em detrimento de outras.

Se por um lado a acumulação de alimentos significava prestígio, por outro lado a gordura corporal marcava a beleza e despertava o desejo por uma mulher. Sendo assim, observa-se a importância das formas simbólicas assumidas pelo padrão de beleza, que, neste caso, está relacionado a quantidade de alimento.

Powdermaker (1997, p. 206) chama a atenção para a mudança dos padrões de beleza nas sociedades atuais, sobretudo porque se observou uma elevação da oferta de alimentos; assim, nas sociedades contemporâneas se come muito, devido a maior oferta e variedade de alimentos. Observou-se, também, a redução das atividades físicas, devido à ocupação dos indivíduos e a escassez de tempo para a prática de exercícios. Hoje, “caminhar por prazer é muito raro”.

Nesse sentido, o padrão de beleza das sociedades atuais é muito diferente das sociedades tribais. Observa-se a preocupação com a beleza, com a jovialidade com um corpo magro, constituindo-se em um estereótipo de classe. Já a obesidade representa um problema, pois está relacionada à imagem de classe baixa, sobretudo para as mulheres (POWDERMAKER, 1997).

Sendo assim, o alimento pode ser visto como um símbolo significativo de prestígio. O tipo de alimento, a quantidade, a maneira como é servido são importantes critérios que distinguem os indivíduos ricos e os pobres (POWDERMAKER, 1997; BOURDIEU, 2005).

Ainda sobre a diferenciação baseada na alimentação, deve-se acrescentar que, a partir da visão de Durkheim (1996), o produto das relações sociais, produzidos e reproduzidos por meio de rituais e símbolos, podem ser classificados como sagrados e profanos. Essa classificação tem raízes nas religiões primitivas. Comparando essas duas tipologias, observa-se os elementos sociais, segundo o valor simbólico que lhe são atribuídos. A partir disso, pode-se promover a análise dos alimentos, a começar pelo pão. Assim, o pão que é consumido em casa é visto simplesmente como um elemento da vida cotidiana, mas quando especialmente preparado e partido na mesa da comunhão, ele se torna sagrado, onde passa a simbolizar o corpo de Cristo. O

sagrado é concebido como diferente em relação ao profano e é por meio dos movimentos religiosos ou das refeições em comum, que o sentido é produzido, e são nesses momentos que idéias e valores são cognitivamente apropriados pelos indivíduos (WOODWARD, 2000).

Woodward (2000) acrescenta que o consumo de alimentos tem, também, uma dimensão política. A autora mostra, por meio de exemplos, que as pessoas podem se recusar a comer os produtos de determinados países como uma forma de boicote, atitude que expressa a desaprovação das políticas daquele país.

Existem proibições culturais contra o consumo de certos alimentos. Existe também uma divisão básica entre o comestível e o não comestível que ultrapassa as distinções entre o nutritivo e o venenoso (WOODWARD, 2000; POULAIN, 2004). Um exemplo é a proibição de carne de porco e bebidas alcoólicas aos indivíduos muçulmanos.

Como se vê, a incorporação da perspectiva antropológica para o entendimento dos hábitos alimentares se faz pertinente, sobretudo por abordar questões intangíveis ao ser humano. Isso se deve ao fato, por vezes já mencionado, que o ato alimentar não é restrito apenas a aspectos nutricionais. O alimento é o centro de um complexo sistema de valores e ideologias, onde os benefícios religiosos, rituais, prestígio, etiqueta e organização social também interagem (PROENÇA, 2001; OLIVEIRA; THEBÁUD-MONY, 1997; DAMATTA, 1984).

Nessa perspectiva, destacam-se os estudos recentes de Canesqui (2007), que, por meio de uma leitura antropológica e de estudos qualitativos produzidos entre 1975 e 2005, aborda os conhecimentos dietéticos tradicionais dos indivíduos expressos nas seguintes categorias de alimentos: “quente/frio”; “forte/fraco” e “reimoso”. Segundo a autora, essas categorias definem a qualidade e a propriedade dos alimentos e da comida e os seus efeitos sobre o corpo.

O trabalho de Canesqui (2007) aponta para a escassez de estudos recentes sobre as categorias alimentares tradicionais e, também, para uma multiplicidade de posições conceituais de autores na abordagem das categorias alimentares, que ora são consideradas no âmbito das idéias e representações sociais – enquanto expressões ideológicas - e ora sob a forma de conhecimento do senso comum, em uma abordagem de cunho mais fenomenológico ou, ainda, como parte do universo simbólico.

Canesqui (2007) conclui que as categorias dietéticas não são exclusivas dos alimentos e comidas, e se aplicam a outras esferas da natureza, dos animais, dos vegetais, do corpo, da

pessoa, das relações sociais e de outros produtos, como os medicamentos, sendo holístico o universo das representações populares. A autora sinaliza para a existência de uma associação entre o funcionamento corporal e o estado geral de equilíbrio com as propriedades dos alimentos e das normas sobre os seus usos. A idéia de equilíbrio utilizada no seu estudo abarca tanto os efeitos dos alimentos sobre o funcionamento corporal quanto sobre a pessoa e suas qualidades morais; predomina a idéia geral de ordem entre forças externas e internas do funcionamento do corpo ou de suas partes e da própria pessoa.

Canesqui (2007) também menciona a variabilidade da inclusão dos alimentos nas diferentes categorias alimentares, que não obedecem a princípios fixos, sendo, também, flexíveis as regras que evitam determinados alimentos, que são, freqüentemente, enunciadas e não observadas.

Por fim, mostra que a dietética tradicional impregna-se de representações, de conhecimentos, de explicações distintas da ciência nutricional, que não a torna irracional e sem lógica, mas tem sua própria lógica (CANESQUI, 2007).

Por outro lado, o trabalho de Garcia (2003) discute a comensalidade contemporânea, focalizando o impacto nas mudanças alimentares urbanas. Para isso, o estudo de Garcia buscou referencial teórico em trabalhos no campo das Ciências Sociais que discutem a globalização. O estudo abordou o processo pelo qual alimentos e serviços estão desterritorializados e alcançaram um caráter global. Segundo o autor, se por um lado, o processo de globalização amplia a diversidade alimentar, por outro também a reduz, uma vez que circula um mesmo leque de opções alimentares próprias da globalização.

Nesse contexto, Ortiz (1994) analisa o elemento tradição como parte da mundialização da cultura. Assim, o significado de “tradição” é imbuído de dois sentidos distintos: a) “tradição enquanto permanência do passado distante”, com uma forma de organização social contrária à modernização, que representa o mundo anterior à Revolução Industrial, expressa pelas culturas populares da América Latina e por algumas práticas da cultura oriental, e, b) a “tradição da modernidade”, como uma tradição reinventada, a qual recicla elementos da memória internacional popular, recriando e atualizando elementos do passado que se misturam com o presente. Na cultura mundializada, a “tradição da modernidade” é um valor que sinaliza uma maneira de ser e uma visão de mundo.

Segundo Ortiz (1994), a noção de “tradição da modernidade” explica as mudanças que ocorrem na estrutura alimentar contemporânea: os pratos tradicionais ou típicos são transferidos para os restaurantes e instituições e, no âmbito doméstico, são preparados ou encomendados (em restaurantes, rotisseries e outros prestadores de serviço) em ocasiões especiais como festividades e comemorações.

Ainda, segundo Ortiz (1994), estes pratos tradicionais, por sua vez, são readaptados às condições atuais, seja no modo de preparo, seja nos produtos utilizados. Há uma simplificação nos procedimentos culinários e uma adaptação aos valores atuais, entre eles os relacionados à saúde e ao corpo. Para Ortiz, a valorização do tradicional é observada como o principal argumento na propaganda de alimentos das décadas de 1980 e 1990 e, comparativamente com as duas décadas anteriores, foi o argumento que mais cresceu nas propagandas sobre produtos alimentícios.

O termo tradicional empregado no estudo de Garcia (2003) refere-se aos valores vinculados à natureza, à terra, à origem rural e sua suposta identificação com o “autêntico” e “puro”. A referência familiar é a tradicional, associada a práticas domésticas convencionais. É nesse momento que se observa a crescente utilização de produtos industrializados, onde o argumento “tradição” ganha mais destaque. Esta busca pela tradição se enquadra na noção de “tradição da modernidade” assinalada por Ortiz (1994). É a busca do genuíno simbólico, o qual dará o caráter de “tradicional”.

Esta tradição é, portanto, metafórica, nas palavras de Garcia (2003) acrescentando que as mudanças na alimentação devem ser entendidas no contexto sociocultural da urbanidade e seus determinantes, tanto objetivos como subjetivos.

O estudo de Poulain e Proença (2003b) mostra que pensar a alimentação a partir das Ciências Sociais pressupõe a superação de certos obstáculos epistemológicos que baseiam as posições teóricas dos fundamentos dessa disciplina: o positivismo e a autonomia do social.

Poulain e Proença (2003b) partem do conceito de espaço social, proposto por Condominas, para compreender as inter-relações entre um grupamento humano e o seu meio, e encontra na alimentação, um campo de aplicação particularmente fecundo. Assim, esse sentido propõe o conceito de “espaço social alimentar” como um instrumento de estudo dos modelos alimentares, assinalando a conexão bioantropológica de um grupamento humano ao seu meio.

Destacam-se seis dimensões principais que focalizam espaços e sistemas diversos: o comestível, a produção alimentar, o culinário, os hábitos de consumo alimentar, a temporalidade e as diferenciações sociais.

O estudo de Poulain e Proença (2003b) conclui que os conceitos de *espaço social alimentar* e de *modelo alimentar* permitem, ao mesmo tempo, fazer a Sociologia para os sociólogos e criar as condições de aplicação de um diálogo pluridisciplinar com as ciências da alimentação e da nutrição.

Em outro estudo, Poulain e Proença (2003a) apresentam a alimentação humana sob abordagem da Sociologia e da Antropologia, onde se definem as diferentes dimensões do espaço social alimentar, desde o registro do consumo alimentar até os processos de diferenciação social envolvendo as formas de cozinhar, as formas de consumir e a temporalidade. Seu estudo analisa os diferentes tipos de dados que podem ser utilizados, tomando-se o cuidado de distinguir os dados comportamentais, que podem ser obtidos tanto pela observação quanto pela declaração dos dados de representação. Ainda, apresenta os diferentes instrumentos de coleta e as vias de entrada no fenômeno alimentar. Esses instrumentos metodológicos, construídos no interior de um quadro teórico-sociológico, são propostos aos pesquisadores da área, objetivando a construção de uma possível visão comum, que proporcione uma abordagem pluridisciplinar do fato alimentar.

O trabalho de Lambert *et al.* (2005) mostra que durante a segunda metade do século XX, o desenvolvimento econômico e as evoluções dos modos de vida ocasionaram modificações importantes nos comportamentos alimentares. O estudo toma o caso da França para avaliar a evolução dos hábitos alimentares. Essa evolução confrontada a um contexto de abundância mostra que as populações adotaram uma conduta alimentar mais energética. Tal conduta resume-se, sobretudo, em um alto consumo de produtos de origem animal. Porém, entre grupos de indivíduos ricos e após um período de saturação, a atração pelo consumo desmedido desses produtos tornou-se menos intenso.

Segundo os autores, novas preocupações orientadas à saúde e às formas de mantê-la em bom estado foram despertadas. O aumento do número de mulheres que trabalham fora, e o desenvolvimento das atividades de lazer alteraram a gestão do tempo empregado à alimentação. Na busca pelo ganho de tempo, os consumidores passaram a procurar por alimentos prontos para serem consumidos e a realizarem suas refeições fora do domicílio, contudo, as culturas

alimentares não evoluem tão rapidamente como as transformações ocorridas em todo o sistema de oferta alimentar; com isso, o estudo sugere que a industrialização, a internacionalização e as inovações de toda a cadeia agroalimentar geram ansiedades no consumidor.

Lambert *et al.* (2005) revela, ainda, que todas essas transformações e tendências, que são observadas em países ricos, também, podem ser percebidas quando os comportamentos alimentares de populações ricas de países em desenvolvimento são analisados. Os autores acrescentam que o aumento das trocas de informações sobre hábitos alimentares, que passaram de um nível local para mundial, causa confrontações culturais entre grupos sociais.

Tais trocas se efetuam segundo o processo sociológico de imitação e distinção, conforme sugere Bourdieu (2005). Os grupos sociais dominados (pobres, rurais e países em desenvolvimento) imitam os grupos sociais dominantes (rico, urbanos e ocidentais). As classes abastadas ocidentais se tornam modelo para as populações ricas de países em desenvolvimento, como o Brasil. Com isso, observam-se representações, atitudes e comportamentos alimentares de brasileiros muito próximas àquelas dominantes na França.

Em suma, grandes tendências de evoluções de comportamentos alimentares, principalmente de países ricos ocidentais, têm uma probabilidade muito forte de serem praticadas ao longo dos próximos anos em países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil (LAMBERT *et al.*, 2005).

Essa conclusão é confirmada por uma ampla pesquisa, que procurou investigar a ação de diferentes determinantes (sociodemográficos, socioeconômicos e socioculturais) sobre os hábitos alimentares de consumidores brasileiros. A pesquisa foi financiada pela Financiadora de Estudos e Projetos do Ministério da Ciência e Tecnologia (FINEP-MCT), realizada em 2003, e insere-se no âmbito de um acordo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil (CAPES-COFECUB) entre a Universidade Federal de São Carlos, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a *École Nationale d'Ingénieurs des Techniques des Industries Agricoles et Alimentaires* (ENITIAA).⁴

⁴Um resumo da pesquisa pode ser encontrada em: Batalha MO, Lucchese T, Lambert JL. Hábitos de consumo alimentar no Brasil: realidade e perspectivas. In: Batalha MO. Gestão do agronegócio: textos selecionados. São Carlos: Edufscar; 2004. Capítulo 2.

CAPÍTULO 2

A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL

Entende-se como transmissão intergeracional, a herança material e simbólica passada de geração em geração. Essa transmissão se dá por meio de construções simbólicas que são passadas dos antecedentes aos descendentes. O simbólico constrói a realidade, estabelecendo um sentido imediato do mundo (LIMA, 2004).

De acordo com Bloch e Buisson (1998) compreende-se como herança simbólica as representações ou atribuições de sentidos que se faz das diversas práticas (educativas, alimentares, conjugais, parentais, sociais e culturais) produzidas na configuração familiar e as significações que elas carregam (BLOCH; BUISSON, 1998). Pode-se dizer que a herança é simbólica e carregada de valores e crenças.

A participação das crianças no mundo de cultura vai requerer a habilidade de compreensão de todo o simbolismo inerente a ele. Por meio de um processo de interação com o mundo adulto, a criança constrói diferentes linguagens, que dão acesso a diversos significados. Essas linguagens constituem-se como instrumentos culturais de apreensão do mundo, de maneira a dar forma às diversas aprendizagens infantis (CARVALHO; SALLES; GUIMARÃES, 2002).

Busca-se com isso dizer que se entende a linguagem como essas diferentes “marcas” que os seres humanos deixam no mundo. Assim, vê-se a linguagem como uma construção e uma condição humana:

A linguagem é fruto dessa nossa rica experiência humana partilhada. A linguagem é o que nos identifica como atores nessa existência histórica; é a forma através da qual nos ligamos uns aos outros, expressando nosso entendimento de um mundo que é uma construção nossa e, como linguagem, pode ser compreendido e comunicado (CARVALHO; SALLES; GUIMARÃES, 2002, p. 74).

Em outras palavras, quando se chega ao mundo, o mesmo se encontra repleto de sentidos e significados, de conceitos e valores, o que não significa que as coisas devam permanecer

sempre do mesmo jeito. Os indivíduos participam da construção e reconstrução dos sentidos, assim, participa-se da construção e reconstrução da história.

Essa visão permite compreender, de um lado, que o ser humano produz a si mesmo por meio de suas interações, e de outro que, a partir dessas interações, é capaz de realizar trocas produzindo modificações, especificamente com relação ao conteúdo do processo de socialização e, conseqüentemente, na maneira de transmitir/ensinar às novas gerações. Nessa perspectiva, a configuração familiar não é algo estático, mas sim um “palco de negociações”, em que seus membros estão num constante movimento de reinterpretação de informações, conceitos, significados e sentidos (LIMA, 2004).

A questão intergeracional tem sido discutida, notadamente, na literatura da Sociologia, Antropologia, Psicologia e, também, pela Medicina. A literatura nacional e internacional dessas áreas de conhecimento considera a perspectiva familiar para o estudo da intergeracionalidade, uma vez que a família exerce papel preponderante no que tange à transmissão de valores, comportamentos e princípios aos filhos.

Nos Estados Unidos, os estudos de Chassin *et al.* (1998) tratam da transmissão intergeracional do vício de fumar, examinando a transmissão intergeracional de fumar e sua correlação com a transmissão de apoio e controle parental. O estudo foi conduzido na Midwestern Country School entre os anos de 1980 e 1983, sendo que novos dados foram colhidos em 1993 e incorporados à pesquisa. Os resultados apontaram que o apoio para a transmissão intergeracional das práticas parentais emergia somente das mães, em outras palavras, o estudo mostra que o vício de fumar materno tem maior influência para os jovens do que os vícios do pai. Os autores sugerem que sejam divulgadas medidas preventivas para evitar o vício de fumar cigarros e, também, sejam elaboradas estratégias de socialização parental.

Ainda nos Estados Unidos, pesquisa realizada por Hardy *et al.* (1998) reuniu membros de três gerações, que, no período de 1º de janeiro de 1959 a 1º de dezembro de 1964, visitaram, pela primeira vez, os serviços públicos de obstetrícia e neonatal do hospital Johns Hopkings. A amostra do estudo é composta por 2.694 pessoas, sendo que 474 delas não foram localizados e, portanto, impedidos de participar da pesquisa.

O estudo concluiu que existem associações significativas na transmissão coordenada do nascimento do primeiro filho entre as mães e seus filhos e filhas. A continuidade da maternidade

na adolescência está associada aos aspectos familiares e com as características pessoais do indivíduo. O trabalho aponta, ainda, que a primeira maternidade, por volta dos 25 anos de idade, favorece o ambiente e o desenvolvimento das características para um adulto ser auto-suficiente. Os autores concluem que o aumento da idade na maternidade contribui, de diferentes formas, para os filhos e filhas, sobretudo, para seu desenvolvimento na idade adulta.

O trabalho de Shapiro (2005), também nos Estados Unidos, aborda a questão da solidariedade intergeracional. Esse estudo procurou investigar se há alguma evidência de que os pais e os filhos mais velhos se relacionam um com o outro de maneiras diferentes. A investigação compara a solidariedade intergeracional com 2.590 filhos mais velhos e seus pais, baseado no Exame Nacional das Famílias e dos Lares. A pesquisa utilizou um questionário auto-administrado e utilizou um modelo estrutural para testar as contribuições sócio-demográficas do indivíduo e a sua posição social com a percepção geracional de solidariedade.

Os principais resultados revelam que há alta discordância no relacionamento entre os filhos mais velhos e seus pais. Os pais relatam que há uma qualidade maior em seus relacionamentos com os filhos. Por outro lado, os filhos relatam que as trocas e o contato de auxílio são predominantes no relacionamento quando comparados ao relacionamento afetivo. O estudo revelou, ainda, que as variáveis que interferem na solidariedade intergeracional são: sexo, idade, estado civil do filho e a proximidade das residências.

Outro trabalho, de autoria de Putney e Bengston (2005), conduzido nos Estados Unidos, tem como objetivo relatar a importância da perspectiva do curso de vida das famílias para guiar as pesquisas de hoje na área intergeracional. O estudo discute aspectos demográficos e sociais e suas implicações para a família. Os fatores idade, estado civil, mudanças no ciclo de vida e valores da família, bem como o aumento da força de trabalho da mulher, afetam a estrutura e a dinâmica da família de hoje e, conseqüentemente, as relações intergeracionais de suporte no futuro. O estudo demonstrou a aplicabilidade da perspectiva do curso de vida em cinco gerações, utilizando a base de dados do *Longitudinal Study of Generations*.

O estudo identificou que as mulheres da geração *baby boom*⁵ são significativamente mais depressivas do que outras gerações. Os fatores que contribuem para este quadro são o estresse, o

⁵ O termo surgiu representando o intenso crescimento nas taxas de natalidade nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. A geração *babyboom* é associada a pessoas nascidas entre 1948 e 1955.

trabalho, a insatisfação no casamento, a instabilidade no casamento e o fraco relacionamento emocional com os pais, especificamente com o pai.

Os estudos de Glassman e Eisikovits (2006) retratam a transmissão intergeracional no padrão de maternidade em três gerações de mães imigrantes de descendência marroquina em Israel. O estudo examinou a transição das expressões interculturais entre as gerações. A metodologia baseia-se em entrevistas individuais semi-estruturadas. Para tanto, foram realizadas vinte e quatro entrevistas, sendo oito por geração. Todas as participantes eram casadas e com descendência similar.

Os autores apontam que a sociedade que recebeu os imigrantes da primeira geração incentiva à retenção dos valores da cultura da origem e, ao mesmo tempo, os expõe aos novos. Os membros da segunda e terceira gerações afirmam que sua identidade social aumenta. Os autores afirmam que é crucial proteger o mundo da família e da criança imigrante, sobretudo nas áreas em que as normas da nova cultura são impostas sobre a cultura da mãe, pois desconforto e confusão podem emergir. Quando a mãe imigrante se sente confiante e segura da sua maneira de cuidar dos filhos, os mesmos são abertos a inovações e mudanças suavizando a transição *crosscultural*.

Em Portugal, a pesquisa de Perdigão, Vitorino e Cunha (2004), retrata o papel educativo dos avós. O estudo examinou oito mães em atividade laboral com filhos de 0 a 3 anos e conclui que as divergências ou desacordos quanto às formas de educar não sofreram mobilidade significativa; as poucas divergências verificadas se devem as diferenças geracionais marcadas por contextos histórico-sociais diferentes.

No Brasil, pesquisa realizada por Dias da Silva (1986) investiga concepções e valores sobre educação dos filhos pequenos na família, ao longo de cinco décadas, e conclui que houve mudança na socialização dos filhos nas famílias pesquisadas.

Outra pesquisa, de Vitale (1997), no Brasil, realizada com grupos geracionais, procurou explorar a moralidade familiar transmitida entre as gerações, visando discutir questões como as mudanças sociais e a subjetividade. Os resultados mostram que para as três gerações investigadas, sobretudo para a geração do meio e da jovem, o mundo da esfera íntima, do afeto, da sexualidade são referenciais prioritários recebidos, revelando-se como a principal fonte de satisfação e, também, de insatisfação destes indivíduos.

O trabalho de Benincá e Gomes (1998), também conduzido no Brasil, discute as mudanças nas idéias e comportamentos familiares através de três gerações. A reprodução dos modelos apreendidos mostraram-se associadas a princípios ideais como a ética familiar. Em contraste, a ruptura desses modelos aconteceu de acordo com pressões contextuais nos aspectos práticos da vida familiar.

Outro trabalho no Brasil que merece destaque é o de Ruschel e Castro (1998). Esse trabalho discute o vínculo intergeracional existente entre o velho, o homem e o poder. O estudo aborda a problemática da comunicação na família à luz das relações vinculares entre filhos, pais e avós. É composta por uma análise dos discursos de 20 mulheres idosas e 10 jovens. A pesquisa conclui que há na prática do cotidiano a intenção de incorporar novos saberes, modificar atitudes comunicacionais, buscando a compreensão de papéis e valores conflitantes, por meio de parcerias entre gerações mais novas e mais velhas.

Ainda no Brasil, sobressai-se a pesquisa realizada por Vitali (2004). Este trabalho trata da questão da transmissão dos estilos parentais, mostrando, do ponto de vista intergeracional, que as mães mostraram níveis de responsividade e exigência significativamente superiores aos avôs maternos e parecidos às avós maternas. Assim, como estilos mais frequentes, seja para os pais ou para os avós, o estilo negligente e o autoritário destacaram-se.

Por fim, pesquisa realizada por Lima-Assis (2006) aborda a transmissão da afetividade interconectada, por meio da comunicação à luz das relações vinculares entre gerações de filhos, pais e avós. A pesquisa evidenciou os padrões afetivos formados e transmitidos intergeracionalmente e a falta de um diálogo igualitário sobre os sentimentos, onde o espaço e o tempo tornam-se empecilho na construção de melhor qualidade nas relações familiares. O estudo constatou, também, a importância dos sinais na comunicação ligados à afetividade na área relacional, mesmo em um contexto de uma família considerada afetiva e expressiva.

Como se pode notar, as pesquisas revisadas têm em comum o fato de apontar a família como o cerne da discussão sobre a transmissão intergeracional. A família é a primeira instância de socialização do indivíduo, uma vez que é a responsável por inscrever o indivíduo num vir a ser, sendo a alimentação a primeira aprendizagem social desse indivíduo.

A literatura revisada não mostra estudos científicos que discutem a transmissão intergeracional no contexto alimentar. No entanto, os estudos de Poulain (2004) e Poulain e

Proença (2003a; 2003b) evidenciam que alguns hábitos alimentares dos pais são preservados por seus filhos, como a preparação de uma refeição.

Poulain (2004) salienta que a cozinha assume um forte significado simbólico e que são as mulheres que mantêm no cotidiano a maior parte desta atividade, associando-lhes mais valores positivos e menos valores negativos. De outro lado, pesquisa realizada pela OCHA (1996 apud POULAIN, 2004) mostra que há uma rejeição ao modelo culinário da mãe. Segundo a pesquisa, essa atitude era mais forte entre as mulheres jovens (65%) que diziam “não” ao modelo culinário da mãe.

Poulain (2004) explica que essa rejeição se dá pelo fato de o modelo culinário da mãe entrar em conflito com a representação da mulher moderna, impulsionada pelo movimento feminista. Entretanto, o autor observa que entre as mulheres de 50 a 60 anos, a referência do modelo culinário da mãe é revalorizado:

[...] esta inversão deve ser compreendida num contexto de industrialização da experiência alimentar e do desenvolvimento correlativo do sentimento de ameaça do “bem comer à moda francesa”. (POULAIN, 2004, p. 55).

Nesse sentido, Poulain (2004, p.55) afirma que há necessidade de conservar e transmitir as tradições, ou seja, um conjunto de habilidades descritas por ele como o “patrimônio alimentar familiar” para as gerações seguintes. Essa preocupação fundamenta-se na necessidade de “manter viva” as tradições alimentares, promovendo, conseqüentemente, a manutenção do “bem comer a moda francesa”.

Os estudos mais recentes de Canesqui (2007, p. 2), cujo objetivo é estudar a qualidade dos alimentos na dietética popular, mostra que os diversos grupos sociais, submersos nas próprias tradições e em diferentes matrizes culturais, possuem conhecimentos dietéticos acumulados que foram transmitidos pelas gerações anteriores ou pelos agentes de saúde, sobretudo, agentes de cura tradicionais, conhecidos, também, como curandeiros. Para Canesqui, esses conhecimentos sobre o valor da dieta expressam-se por meio da linguagem. Ainda, segundo a autora, são complexos e numerosos os condicionantes que interferem na alimentação, combinando uma multiplicidade de fatores e a interdependência do homem biológico e do homem social.

O trabalho de Canesqui (2007) não trata, especificamente, da questão intergeracional dos hábitos alimentares, mas sinaliza para sua existência e sua importância na manutenção da dietética popular. A autora chama a atenção para a complexidade dos fatores que interferem na dinâmica social e, conseqüentemente, na dinâmica alimentar.

No que tange à transmissão intergeracional, foi localizado um artigo, de autoria de Bloch e Buisson (1998), e uma tese de doutorado, de autoria de Lima (2004), que abordam a questão intergeracional no contexto da escolha dos pais pela modalidade de cuidado e educação infantil (EI). Nesse sentido, a seção seguinte, dedica-se a apresentação do modelo teórico desenvolvido pelas autoras para auxiliar na compreensão do processo de escolha dos pais pela modalidade de cuidado e educação para os/as filhos/as e que será utilizado na compreensão do complexo processo de escolha dos alimentos pelas mães.

O trabalho de Bloch e Buisson (1998) relata uma pesquisa realizada na França nos anos 1990 e o trabalho de Lima (2004) refere-se a uma pesquisa realizada no Brasil na década de 2000. De ambos os trabalhos emerge a questão da transmissão intergeracional no que se refere à escolha do cuidado e educação para os filhos e filhas pequenos (as).

2.1 O MODELO TEÓRICO DE BLOCH E BUISSON

A partir da revisão de literatura, o presente estudo toma os estudos de Bloch e Buisson (1998), sistematizados no Brasil por Lima (2004), como pano de fundo para a discussão sobre a escolha alimentar, por dois motivos principais. Em primeiro lugar, por mostrar a genealogia da transmissão intergeracional. Em segundo lugar, pela metodologia e referencial utilizados.

O modelo teórico desenvolvido por Bloch e Buisson (1998) parte do conceito de “dádiva” proposto por Mauss (1974 apud LIMA, 2004), que o concebe como um ato simbólico pelo qual o doador exprime sua afeição e se conforma às normas relacionais. Segundo Lima (2004, p.63):

[...] a dádiva compreende o ato por excelência pelo qual o ser humano conquista sua subjetividade. Seguindo sua interpretação e, também, para Bloch e Buisson (1998), receber uma dádiva é se encontrar em uma relação de obrigação para com a outra pessoa, que por sua vez, sente-se reconhecido, desejando assim, ocupar a posição de doador, numa tentativa de dar mais do que recebeu.

O modelo teórico de Bloch e Buisson (1998) incorpora a dinâmica da dádiva e da dívida, ou seja, a criança depositária da herança e da transformação que seus pais almejam realizar se encontra no cerne dessa dinâmica. A “disponibilidade”, invariavelmente atribuída às mulheres é objeto de uma reinterpretação que responde às concepções sócio-históricas construídas de criança e do ideal normativo de “boa mãe”; ideal que está em constante transformação: ao longo das mudanças sócio-históricas e, também, de acordo com a maneira pela qual um reinterpreta sua história familiar e social (LIMA, 2004).

O nascimento de um (a) filho (a) é visto como uma dádiva, que gera uma dívida. Além do nascimento, a disponibilidade dada pela família e, mais especificamente, pela mãe é, também, uma dádiva que precisa ser paga. Este pagamento, isto é, o saneamento da dívida, se dá quando os pais/mães dão aos seus filhos o que receberam de seus ascendentes, tentando inclusive, dar mais do que receberam, transformando assim, a herança (LIMA, 2004).

Nesse sentido Bloch e Buisson (1998) mostram que quando a criança nasce, muda a configuração da família: o pai e a mãe deixam de ser filhos para se tornarem pai e mãe. A inserção da criança na configuração familiar significa que essa criança deve assumir um lugar na genealogia, na história da família e tornar parte dela.

A existência tanto da dádiva quanto da dívida, sobretudo no que tange ao papel da mulher e por extensão, do feminino, parece influenciar as relações sociais, tanto no que se refere ao cuidado/educação dos filhos quanto com os cuidados domésticos e de alimentação.

Bloch e Buisson (1998), consideram que interferem na escolha de educação e cuidado infantil, a **configuração familiar**, a **economia**, mais especificamente o dinheiro, e o **Estado**, através das políticas sociais públicas. Esses três componentes aparecem em constante tensão. As dinâmicas destes três componentes se diferenciam, sobretudo pelo lugar que ocupam o sujeito (a criança, os pais e os profissionais) e o objeto (o cuidado e a educação da criança). A partir disso, estes fatores interferem no psiquismo tanto da mãe quanto do pai, que se encontram em total recomposição.

Nesse sentido, torna-se pertinente detalhar os componentes do modelo teórico de Bloch e Buisson (1998).

2.1.2 CONFIGURAÇÃO FAMILIAR

A família é a primeira instituição de socialização do indivíduo. Nesse sentido, de acordo com a norma social transmitida entre as gerações, a criança, no centro da família, recebe toda a disponibilidade dos cuidados oferecidos pela “boa mãe”, isto é, aquela que se dedica inteiramente aos filhos e ao lar. A dinâmica da dádiva e da dívida apresenta a característica de tornar inseparável mãe e criança, o cuidado e educação, e os serviços domésticos.

As características contidas nessa atividade singular de trabalho doméstico e de cuidado para com as crianças – gratuidade, polivalência, serviços como, por exemplo, cozinhar, limpar a casa e fazer compras – são exatamente os traços atribuídos à dádiva e à condição feminina (LIMA, 2004) (grifo nosso).

A gerência e o controle da alimentação como atribuições femininas, são apontadas em outros estudos. Canesqui (1988, p. 213) escreve:

[...] o trabalho feminino no preparo da alimentação rege-se por regras: de economia e controle, morais, estéticas e de higiene, permeando o próprio trabalho doméstico referido à cozinha, ao uso dos equipamentos domésticos, aos cuidados com os alimentos, à casa e à alimentação da família. Comporta ainda aquele trabalho o dispêndio de tempo, uma organização específica de capacitação e treinamento.

Entretanto, é bom que se diga que este movimento de produção e reprodução de donas-de-casa, que incorpora regras e concepções que presidem o trabalho doméstico e o próprio consumo, é resultado de um processo de socialização, não sem resistência, no âmbito da família (CANESQUI, 1988).

De acordo com Bloch e Buisson (1998), a dinâmica relacional da família no processo de transmissão da herança material e simbólica se dá no processo de socialização. Nesse processo

bidirecional de influências, os pais, em geral as mães, se dedicam inteiramente aos filhos e ao lar, preocupando-se com a transmissão de valores como forma de se sentirem quites com seus antecedentes e de projetar sentido e justificação as suas vidas. Os filhos, de outro lado, como forma de resolver a dívida contraída de seus pais, terão que passar para os filhos aquilo que receberam de seus antecedentes.

Como se vê, essa disponibilidade, invariavelmente atribuída às mulheres, é objeto de uma reinterpretação que responde às concepções sócio-historicamente construídas de criança e de ideal normativo de “boa mãe”. Trata-se de uma norma social que é transmitida de geração em geração.

A responsabilidade para com a criança se encontra no centro da disponibilidade da pessoa que assume seu cuidado. Esse cuidado normalmente é interiorizado pela mulher, ou seja, pela mãe, como uma condição natural. No entanto, vale esclarecer que a criança é resultado de uma dupla dádiva, a de sua mãe e a de seu pai. Nesse sentido, os homens, também, deveriam ter acesso a esta responsabilidade, ou seja, eles também poderiam assumir a postura que cotidianamente chama-se de trabalho doméstico (LIMA, 2004).

Novelino (1989) fazendo uma crítica à constituição de família nuclear, mostra que a figura paterna está posicionada como a de um colaborador da mulher nos serviços domésticos, cabendo-lhe o papel de provedor do lar e à mãe cabe a função de cuidadora. A este pai repousa a autoridade, é ele quem propicia a introdução de uma organização, de uma discriminação, que pode ser vista como a ordem social e do mundo. Com isso, não se quer dizer que se deve dispensar a importância da figura paterna no seio da família, pois é a partir da interação do pai que leva a criança a se diferenciar da mãe, ter emoções e experiências que reconhece como suas.

Para Bloch e Buisson (1998), somente a partir de uma combinação de profissionais do sexo masculino atuando nos serviços à pequena infância é que se poderia introduzir um pouco de alteridade nesse universo unicamente feminino. Sendo assim, somente a partir dessa combinação é que seria possível transformar a norma que atribui apenas às mulheres a responsabilidade pelas crianças.

Como argumentam, ainda, Bloch e Buisson (1998) a configuração familiar não é algo pronto, na qual a pessoa se submete, mas, sim, um “palco de negociações”, em que seus membros estão em constante processo de reinterpretação de informações e significados. Dessa maneira,

[...] o processo pela qual uma pessoa internaliza sua herança simbólica, não é um processo de absorção passiva, mas de transformação ativa. Significa dizer que a pessoa pode escolher tanto manter quanto romper com sua herança simbólica (LIMA, 2004, p. 66).

Nesse sentido a escolha da família, por exemplo, pelo tipo de educação que irá dar aos filhos só pode ser entendida,

[...] pela reinterpretação dos aspectos cultural, econômico, político e psicológico, corporificados na experiência do casal, a partir de dois pontos de vista: primeiro, em uma história individual que permita observar o comportamento de seres totais e não divididos em partes; segundo, em um sistema de reinterpretação que considere, simultaneamente, os aspectos físicos, fisiológicos, psíquicos e sociológicos de todas as condutas humanas (LIMA, 2004, p. 63).

2.1.3 ECONOMIA: O DINHEIRO

Em uma sociedade capitalista é atribuído ao dinheiro o sentido de independência, ou seja, de autonomia. Assim, quando a família externaliza o cuidado/educação da criança é porque a mãe, enquanto provedora do cuidado, deseja sua independência econômica. Bloch e Buisson (1998) suscitam que o fato de remunerar alguém para esse serviço não torna quites os protagonistas, contudo, surge a questão: como os protagonistas o são na troca comercial, onde em troca do dinheiro podem obter mercadorias? Parece que no preparo e na escolha dos alimentos acontece o mesmo processo, ou seja, enquanto os filhos (as) são pequenos (as) as mães não delegam para outrem a tarefa de escolher os alimentos.

Lima (2004) mostra que a articulação entre dinheiro e cuidado/educação do filho/filha mostra-se contraditória. Numa relação de mercado, o dinheiro tem a faculdade de contribuir para criar um sentimento de independência e autonomia dos indivíduos que o possuem, pois, na prática, ele tem a possibilidade de separar objeto e sujeito. No caso da dinâmica familiar e oblativa, o sujeito e o objeto são inseparáveis, pois existe um vínculo que torna a relação dos pais e o cuidado com os filhos inseparável.

O dinheiro tem para as pessoas a possibilidade da liberdade individual, onde podem dar forma aos seus desejos mediante sua troca por algum bem no mercado. Sendo assim, o dinheiro

tem a especificidade de separar sujeito e objeto, o que não se observa quando os sujeitos são representados pelos pais e as crianças e o objeto, o cuidado/educação infantil.

Para Bloch e Buisson (1998), a relação entre a profissional de cuidado/educação com o filho/filha e seus pais, ou seja, os usuários do serviço, não pode ser colocada no mesmo plano em que se encontram as transações corriqueiras de mercado, como uma faxina ou um conserto de carro. A relação de serviço atribuída ao cuidado/educação com o filho (a) apresenta especificidades, sobretudo, em torno dos parceiros, onde se estabelece como referência a atividade a ser realizada, e como equivalência, uma remuneração (LIMA, 2004).

Para Bloch e Buisson (1998), o vínculo existente entre os pais e as profissionais do serviço de cuidado/educação com o filho/filho repousa sobre uma relação estabelecida entre a criança e a provedora, que os pais remuneram de forma direta ou indireta. Em troca desta remuneração, os pais obtêm tempo livre para investir em uma atividade remunerada, normalmente maior do que se tivesse internalizado esse cuidado, isto é, confiado-o a avó ou se a própria mãe tivesse interrompido sua atividade profissional (LIMA, 2004).

Lima (2004) afirma que na relação de mercado, as trocas estabelecidas entre compra e venda são mediatizadas por um valor monetário, ocorrendo uma racionalidade tanto do provedor quanto do consumidor. No que tange à relação de cuidado/educação infantil as trocas envolvidas, têm, também, um valor afetivo, pois este tipo de relação não se esgota no valor monetário.

Ainda segundo Lima (2004, p.75) reconhecer no serviço de cuidado/educação infantil um valor comercial remeteria a: a) confundir a criança/filho com um valor monetário e b) confundir o provedor ou a provedora do serviço com esse valor monetário. Nesse sentido, a criança não pode ser confundida com uma mercadoria. Da mesma forma, pode-se imaginar que esse fato ocorra no caso do cuidado e educação alimentar dos filhos e filhas.

Bloch e Buisson (1998) e, também, Lima (2004) trazem novamente para a discussão, a dinâmica da dádiva e da dívida na relação entre os provedores do serviço de cuidado/educação infantil e os pais. Lima (2004) afirma que o equivalente monetário não torna quites os parceiros. Cada um deles têm tendência a considerar o outro como seu devedor, como se a natureza do serviço prestado, não levasse a uma equivalência absoluta. Lima (2004) aponta, ainda, que talvez seja esse o motivo porque os pais escolhem uma “substituta” materna para dar a seu filho a disponibilidade que receberam de suas mães. Remunerando essa “substituta” materna, eles

tentam se liberar da relação de obrigação que os ligam a sua mãe, já que não podem se sentir devedores da pessoa a quem confiam o filho.

Essa relação monetária parece estar presente não apenas nas relações entre os pais e os cuidados/educação dos filhos, mas, também, nas relações entre os mesmos e os cuidados com a casa e com a alimentação dos filhos/as pequenas/as.

2.1.4 ESTADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

O terceiro elemento que compõe o modelo de Bloch e Buisson (1998) diz respeito ao Estado, por meio das políticas públicas que desenvolve. Segundo as autoras, o Estado deve garantir a igualdade entre os cidadãos e cidadãs por meio do desenvolvimento de políticas públicas.

Sendo assim, Lima (2004), a partir de Bloch e Buisson (1998), argumenta que a escolha da família por educação infantil não está restrita ao nível micro-social; isto é, há um sistema normativo construído não somente no seio da família, mas, também, em nível societal, o que sugere levar em conta o papel realizado pelo Estado.

Tendo o Estado o papel de assegurar a igualdade entre os cidadãos, cabe-lhe, também, o papel de apoio à ruptura ou manutenção da “herança” simbólica intergeracional (LIMA, 2004).

No que tange aos cuidados/educação infantil, observa-se na pesquisa realizada por Bloch e Buisson (1998) na França, que a demanda de auxílios em matéria de serviços de assistência para a pequena infância, relaciona-se com a taxa de atividade profissional das mulheres que tem filhos pequenos e a oferta de serviços de assistência a essas crianças é considerada como uma atividade facilitadora, contudo, a pesquisa aponta para uma aparente contradição entre a oferta de serviços e sua demanda, ou seja, não há igualdade nessa oferta.

Sobre isso, Bloch e Buisson (1998) afirmam que a oferta de serviços está desconectada das necessidades potenciais e acrescenta que o Estado se rende, sem dúvida nenhuma, à dimensão oblativa da disponibilidade necessária à criança.

O papel do Estado enquanto provedor de serviços de apoio à educação infantil por meio de equipamentos coletivos traz consigo a importância dos profissionais envolvidos neste processo. Nesse sentido, deve-se voltar à discussão para esses profissionais.

Para Bloch e Buisson, a escolha profissional de uma pessoa na área da educação infantil é motivada, sobretudo, pelo amor às crianças. Isso se deve, em parte, à herança simbólica da disponibilidade materna, que essas mulheres receberam ou não de suas mães. Sendo assim, o amor pelas crianças não explica sozinho a orientação por essa profissão.

Para Lima (2004), a construção social de uma carreira sexuada, dita eloqüente, pode ser derivada de uma orientação escolar falha, mas, sobretudo, pela reiteração da experiência materna, com apenas uma diferença: essas profissionais exercem uma atividade mediante remuneração, mas essa atividade provém do materno. Na atividade de empregada doméstica, nota-se que o mesmo processo ocorre.

Spers (2003) coloca o Estado como o provedor de mecanismos de defesa à saúde dos indivíduos por meio dos alimentos. Em pauta está a segurança do alimento⁶, onde, segundo o autor, o Estado deve garantir, não somente o direito de propriedade, bem como a segurança no consumo de produtos alimentícios por meio de eficientes mecanismos formais de controle. A presença de mecanismos formais de fiscalização e/ou regulação assume grande vulto quando existe a probabilidade de risco e prejuízo à saúde devido ao consumo de alimentos adulterados e/ou contaminados.

⁶ Do inglês, *food safety*, busca a garantia de o consumidor adquirir alimentos com atributos de qualidade de seu interesse, destacando-se os atributos ligados à saúde, assumindo uma abordagem, especificamente, qualitativa. (SPERS, 2003).

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Esse estudo utiliza-se de metodologia qualitativa. De acordo com Bunchaft e Gondim (2004), na abordagem qualitativa o enfoque está na compreensão de um contexto particular, respaldado na busca de significado, na subjetividade e na intersubjetividade. Como diz Demo (1994), é ir além do quantitativo, de modo hermenêutico, é saborear as entrelinhas, porque muitas vezes, o que está nas linhas é precisamente o que não se queria dizer.

Não se trata, por outro lado, de estabelecer entre qualidade e quantidade uma polarização radical e estanque, como se fosse uma a perversão da outra. Cada termo tem sua razão própria de ser e age na realidade como uma unidade de contrários. Não se pode tratar a qualidade como uma dimensão inferior ou menos nobre da realidade, mas simplesmente uma face dela. De outro lado, à qualidade não pode inevitavelmente significar deleite, êxtase (DEMO, 1994).

Não se pode fugir a formalizações, porque se constituem em passo fundamental do tratamento científico. Portanto, diante dos depoimentos é preciso sistematizar, catalogar, descobrir relevâncias que se repetem, estabelecer aspectos mais ou menos importantes. Ao se permanecer apenas nisso, não se consegue sair do estruturalismo que relega o conteúdo em favor das formas. A análise qualitativa não despreza a forma, mas coloca no seu lugar instrumento de expressão de conteúdos (DEMO, 1994).

Essa pesquisa encontra-se dividida em dois momentos. O primeiro refere-se ao levantamento bibliográfico, que, segundo Cooper e Schindler (2003), visa prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa. Dessa maneira, foram realizadas consultas a trabalhos teóricos e empíricos prévios. O segundo momento baseia-se na coleta dos dados primários por meio de entrevista semi-estruturada.

3.1 AMOSTRA

A revisão bibliográfica realizada possibilitou a opção de eleger a mãe como sujeito dessa pesquisa. De acordo com a literatura revisada, a mãe é responsável, na família, pelo cuidado e educação dos filhos (as). A alimentação integra a díade cuidado/educação dos filhos (as).

Os sujeitos da pesquisa são representados por mulheres, casadas ou não, que tenham constituído família. Todas são residentes na cidade de Campo Grande/MS e encontram-se na faixa etária entre 30 e 65 anos de idade.

O processo de amostragem foi não probabilístico. Para Mattar (1999), isso significa que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende, em parte, do julgamento do pesquisador. Acrescenta-se que as mães foram selecionadas intencionalmente.

O contato com a primeira mãe se deu, inicialmente por telefone, onde foram agendados, a data, o local e o horário para a entrevista. No final de cada entrevista, foi solicitado que a mãe indicasse outras mães para participar da pesquisa. A partir das indicações feitas pela primeira mãe, foi realizado o contato com as mães indicadas, que, de acordo com sua disponibilidade e contribuição para a pesquisa, foram incorporadas na amostra dessa pesquisa⁷. A cada mãe entrevistada solicitou-se que outras mães fossem indicadas e, a partir disso, totalizou-se dez mães entrevistadas.

3.2 ENTREVISTA

O sentido que as mães conferem à escolha de alimentos para a família, foi buscado por meio da realização de entrevista semi-estruturada, onde se utilizou um roteiro.

Para tanto, foi realizado um pré-teste com uma mãe no mês de julho de 2007. O pré-teste teve a finalidade de testar o roteiro de entrevista, no sentido de torná-lo mais adequado ao objetivo da pesquisa. Realizado o pré-teste, observou-se que mudanças precisariam ser realizadas. Com o instrumento de coleta modificado, realizou-se um novo pré-teste no mês de

⁷ No contato inicial com as mães indicadas, esta pesquisadora avaliou o potencial que cada mãe poderia dar a pesquisa. Assim, as mães que poderiam acrescentar/contribuir pouco foram descartadas.

setembro de 2007. A coleta efetiva dos dados se deu no mês de novembro de 2007. O tempo de duração de cada entrevista foi aproximadamente de 30 minutos.

As entrevistas foram realizadas nas residências para 50% das entrevistadas, as demais foram realizadas no local de trabalho, de acordo com a conveniência apresentada pela participante.

Tratando-se de uma pesquisa exploratória e, devido à falta de estudos que abordem sobre a influência da intergeracionalidade na escolha de alimentos, o roteiro da entrevista baseou-se na literatura sobre alimentação, escolha e família. Dentre os pontos abordados, destacam-se: o significado da alimentação, o papel da mãe e a influência das políticas públicas e do dinheiro.

Em contato com as mães, a entrevista iniciou-se com a apresentação da pesquisadora, seguindo com a explicação do tema e os objetivos desse estudo. Prosseguiu-se com colocações a respeito da importância de seu pensamento, uma vez que são estas as responsáveis pelo cuidado/educação dos filhos (as).

Após essas colocações, iniciou-se a entrevista com a primeira questão, onde foi solicitado que dissessem o que pensam sobre a alimentação e qual o significado do alimento. Dependendo das falas, formulou-se outra pergunta para obter uma visão mais completa: o que a motiva/influencia no momento da escolha dos alimentos? Prosseguiu-se indagando sobre o que pensam da responsabilização, na família, sobre a alimentação. Quem na família é a/o responsável pelo cuidado e educação da alimentação? Por último, as mães foram indagadas sobre o preço e a regulamentação dos alimentos, ou seja, foi questionado sobre a importância do preço dos alimentos e as informações contidas no rótulo dos alimentos (Serviço de Inspeção Federal, informações nutricionais) no contexto da escolha dos alimentos. Frequentemente era preciso refletir para as entrevistadas as questões com outras palavras, para facilitar sua compreensão.

A transcrição das entrevistas foi feita com a brevidade possível após a sua realização, na tentativa de lembrar o dito e o não dito. Algumas anotações foram feitas no início das entrevistas referentes aos dados pessoais das entrevistadas e as demais, após o seu término. O relato foi gravado, após a aquiescência das entrevistadas.

3. 3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos depoimentos das entrevistadas seguiu várias etapas, baseada na análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Cada entrevista foi lida e relida várias vezes para possibilitar uma análise em profundidade, com o levantamento dos temas mais frequentes e daqueles pouco enfatizados, sua seqüência e o seu encadeamento, as pausas e hesitações e, inclusive, o não dito, como: expressões faciais, gestos, risos etc.

Esse levantamento indicou os “núcleos de sentido”, ou seja, a essência dos depoimentos, sem perder de vista o contexto mais amplo da inserção da entrevista como o da situação em que ela ocorreu.

Não se desprezou a regra da frequência por considerá-la pertinente na caracterização da ênfase e da avaliação dos temas, mas sem um caráter predominante, por não se tratar de uma análise quantitativa.

Os núcleos de sentido compuseram os recortes do texto, constituindo a análise temática, no momento em que se procedeu a análise horizontal das entrevistas. Agrupando e reagrupando os recortes de todas elas, segundo o significado dado aos temas do mais específico ao mais geral, chegou-se às categorias, reveladoras do sentido que as entrevistadas têm sobre a escolha de alimentos.

CAPÍTULO 4

A ESCUTA DAS MÃES

4.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS ENTREVISTADAS

Foram entrevistadas dez mães, sendo oito casadas e duas solteiras. As idades variaram entre 30 e 65 anos, sendo três na faixa de 30 a 39 anos, três na faixa de 40 e 49 anos, duas na faixa de 50 e 59 anos e duas na faixa de 60 e 69 anos. A renda mensal familiar total variou de R\$ 400,00 a R\$ 4.200, assim distribuídas: três mães possuem renda salarial de R\$ 400,00 a R\$ 1.000, duas na faixa de R\$ 1.100 a R\$ 2.000, três na faixa de R\$ 2.100 a R\$ 3.000, uma na faixa de R\$ 3.100 a R\$ 4.000 e uma na faixa de R\$ 4.100 a R\$ 5.000.

Todas as participantes da pesquisa são alfabetizadas, cujos níveis de escolaridade variavam do ensino fundamental incompleto ao superior com pós-graduação, assim distribuídos: três mães possuem escolaridade de nível fundamental incompleto, duas com nível médio incompleto, três com nível médio completo, uma com nível superior completo e uma com nível superior e pós-graduação, conforme indicação na tabela 1.

Essas mulheres passam em média, sete horas fora de casa, ou seja, no trabalho. Apenas duas delas não trabalhavam fora; uma por opção e a outra por ter se aposentado. A profissão das participantes se apresenta da seguinte maneira: zeladora (3), empresária (1), comerciante (1), professora (1), do lar (2), artífice de copa e cozinha (1) e serviços gerais (1).

Tabela 1 – Descrição socioeconômica das participantes da pesquisa

Nome	Idade	Renda	Número de residentes no domicílio	Escolaridade	Profissão	Jornada de trabalho	Estado Civil
Norma	40	400	5	Fundamental Incomp.	Zeladora	8 horas	Solteira
Ana	55	2.800	4	Superior Completo	Empresária	8 horas	Casada
Cléo	51	2.500	2	Médio Completo	Comerciante	4 horas	Casada
Ediana	31	400	2	Médio Completo	Zeladora	8 horas	Solteira
Marcia	64	4.000	2	Superior Completo c/ pós graduação	Professora Aposentada		Casada
Maria	30	1.100	8	Médio Incomp.	Zeladora	8 horas	Casada
Mariana	42	3.000	5	Fundamental Incomp.	Do Lar	-	Casada
Nenice	63	4.200	4	Médio Completo	Do Lar	-	Casada
Nice	44	1.900	5	Fundamental Incomp.	Artífice de Copa e Cozinha	6 horas	Casada
Seleida	35	1.000	3	Médio Incomp.	Serviços Gerais	8 horas	Casada

* Os nomes das participantes são fictícios

Fonte: Dados da pesquisa.

4.2 MOTIVOS RELACIONADOS À ESCOLHA DOS ALIMENTOS

Às participantes da pesquisa, foi perguntado, sobre os principais motivos que as levam a escolher os alimentos; duas categorias aparecem como as mais frequentes: a vontade/gosto/preferência e a saúde. A tabela 2 ilustra as categorias extraídas dos depoimentos, a quantidade e suas respectivas frequências percentuais.

Tabela 2 –Distribuição de frequência dos motivos explicitados na escolha de alimentos

Categoria	Frequência absoluta	Frequência relativa
Preferência	3	30
Saúde	5	50
Lembrança da infância/da mãe	2	20
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na categoria “preferência” estão incluídas as respostas referentes à vontade e o gosto pelo alimento.

Uma coisa, os meninos não gostam, outras a gente gosta, então, a gente procura conciliar e comer o que todos gostam né? (Ana, empresária).

Ai eu pergunto pra ela (filha) se ela quer comer e então eu levo (Ediana, zeladora).

Nota-se que a categoria “preferência”, que inclui vontade e gosto, está entre as mais mencionadas pelas participantes da pesquisa. Sendo assim, a “preferência” por um alimento em detrimento de outro é o que motiva 30% das entrevistadas a escolher um alimento. Essa “preferência” não aparece como um gosto, uma vontade individual, somente da mãe, mas, também, dos filhos e do marido.

A categoria “preferência” traz uma dimensão subjetiva, estando muitas vezes associada às lembranças da infância, a falta ou a presença de algo que marcou sua infância, como se pode observar no depoimento a seguir:

“[...] uso muito o que aprendi em casa com a minha avó, com minha mãe, em termos de vida agradável” (Márcia, professora aposentada).

Segundo Bloch e Buisson (1998) a escolha provém de uma relação complexa adquirida a partir da reinterpretação que a mulher – mas, também, o homem – faz das alternativas de interiorização da norma de boa mãe⁸ transmitida por seus pais, que geram dinâmicas de obrigação diversificadas nas relações intergeracionais.

No fenômeno intergeracional se estabelece uma avaliação das práticas de criação do filho (a) que se tem ou que se decide ter em função da avaliação que a pessoa faz de quando era filho (a). Como argumentam Bloch e Buisson (1998), a configuração familiar não é algo pronto, no qual a pessoa se submete, mas sim, um “palco de negociações”, em que seus membros estão em constante processo de reinterpretação de informações e significados. Significa dizer que “a

⁸ Aquela que se dedica inteiramente aos filhos e ao lar.

pessoa pode escolher tanto manter quanto romper com sua herança simbólica” (LIMA, 2004, p. 66).

Para Mintz (2001), os hábitos alimentares são veículos de emoção, em outras palavras, a autora afirma que as atitudes dos indivíduos em relação à comida são aprendidas cedo e são, em geral, inculcadas por adultos, sobretudo os pais, conferindo ao comportamento alimentar um poder sentimental duradouro.

Na categoria “saúde” estão incluídos os depoimentos que mencionaram a existência de vitaminas nos alimentos, os benefícios proporcionados pela saúde, a prevenção de doenças e a preocupação com uma alimentação mais saudável.

A saúde. Porque a saúde é a coisa mais preciosa, então você tem que cuidar dela. E..nós somos o que comemos (Cleo, comerciante).

“[...] acima de tudo vou ver o que é importante para a nossa saúde, eu parto desse pressuposto [...] (Márcia, professora).

É pelas vitaminas que os alimentos propõe para a gente (Seleida, serviços gerais).

Nos discursos das entrevistadas está presente a preocupação com a saúde, assim como a consciência de que a saúde é parte do que se come. Nota-se que há uma busca pelo natural, pelo que é da terra, pelo que não é industrializado. Por mais que as mães se baseiem nas receitas de suas mães, elas as modificam, utilizando hoje um substituto menos calórico, menos gorduroso, visando o benefício para a saúde e em alguns casos, para o corpo, considerando que o momento sócio-histórico delas é outro, não igual ao de suas mães. Essa preocupação com a saúde pode, também, ser observada no discurso de Lídia.

[...] quando eu era menina eu comia muito aquele tutano, a minha vó tinha uma pedra e batia aquele osso e saia aquele tutano e juntava todos nós ali entendeu? E comíamos, se lambrecava naquilo, nunca fez mal. Hoje, se você põem um pouquinho mais de óleo...dá problema de diabetes é...tudo...os vasos entopem...tudo proveniente da gordura, do óleo. Por exemplo, o óleo que consumimos em casa ta diminuindo dia a dia, ta? Antigamente se colocava duas colheres de óleo para o arroz e hoje se coloca menos de uma colher para o arroz (Lídia, do lar).

[...] muito cuidadosa com a saúde! Acho assim, que a saúde é prioridade, que ...você vive é prioridade. E viver o que que é? É viver com saúde. Porque se você viver doente ou comer de mais [...] (Lídia, do lar).

O estudo de Novaes (2006), por exemplo, mostra que essa preocupação com a saúde e a forma do corpo vem aumentando o consumo por hortaliças e diminuindo o consumo de carne bovina no Brasil.

Assim, como mostram Torgal (1999), Gains (1994) e Lambert *et al.* (2005), os hábitos alimentares são construídos e modificados no tempo devido aos fatores culturais, políticos, econômicos, sociais e psicológicos, que funcionam como marcadores de uma determinada época.

Nos dias atuais, vivencia-se um momento em que cada vez mais se fala de alimentos naturais, entendidos aqui como alimentos não industrializados, alimentos *light* e *diet*, alimentos funcionais, aqueles com funções terapêuticas. Então, observa-se que vem sendo criado um novo estilo de vida, que impõe novas expectativas de consumo, que acabam orientando as escolhas por alimentos (SANTOS, 2005).

É nesse sentido que algumas mães baseiam-se nos modelos culinários de suas mães, mas propondo alterações, o que modifica a herança culinário-simbólica recebida como se nota no discurso de Mariana.

A receita da mãe eu faço, só que eu não faço sopa salgada, que é com carne moída com legume, então, em vez de você colocar o macarrão, você colocava o fubá, entendeu? Mamãe falava que era para ficar forte, essas coisas. Não, eu só faço o mingau doce. O mingau do fubá e coloco açúcar e canela (Mariana, do lar).

Sobre isso, Poulain (2004) salienta que a cozinha assume um forte significado simbólico e que as mulheres, que mantêm no cotidiano a maior parte desta atividade, associam-lhe mais valores positivos e menos valores negativos. Entretanto, pesquisa realizada pela OCHA (1996, apud POULAIN, 2004) mostra que há uma rejeição ao modelo culinário da mãe. Segundo a pesquisa, essa atitude é mais forte entre as mulheres jovens (65%) que diziam “não” ao modelo culinário da mãe.

Poulain (2004) explica que essa rejeição se dá pelo fato do modelo culinário da mãe entrar em conflito com a representação da mulher moderna, impulsionada pelo movimento feminista. Entretanto, o autor observa que entre as mulheres de 50 a 60 anos, a referência do modelo culinário da mãe é revalorizado.

Nesse sentido, Poulain (2004, p.55) afirma que há necessidade de conservar e transmitir as tradições, ou seja, um conjunto de habilidades descritas por ele como o “patrimônio alimentar familiar” para as gerações seguintes. Essa preocupação fundamenta-se na necessidade de “manter viva” as tradições alimentares, promovendo, conseqüentemente, a manutenção do “bem comer a moda francesa”.

Essa valorização pela receita da mãe de que fala Poulain (2004), foi evidenciada na presente pesquisa, sobretudo nas mulheres entre a faixa de idade de 40 a 60 anos. Essas mães mencionaram que dão continuidade às receitas de suas mães, embora, às vezes promovendo alterações.

Nota-se, também, que a repetição ou a continuidade das receitas da mãe, não é uma prática cotidiana, pois a escolha de fazer ou não um determinado alimento é um ato complexo e depende de muitos outros fatores para se efetivar. Assim, nota-se que a utilização das receitas aprendidas com sua mãe são realizadas, sobretudo em datas especiais como aniversários e reuniões com a família.

Pelo que a minha mãe fazia né? Sempre quando eu vejo jiló eu lembro que eu comia sempre junto da minha mãe..que ela fazia..preparava. Sempre fazia carne assada na panela né? Já fazia o jiló também. Então...isso é ..para mim..uma motivação (Nice, 44 anos).

Muita coisa eu lembro que minha fazia..macarrão com frango. As vezes meu irmão vai lá em casa para comer meu macarrão com frango por causa da minha mãe. Eu faço igualzinho o da minha mãe, ninguém acerta fazer. A única pessoa que acerta fazer o macarrão igual ao da minha mãe, é eu. Aí meu irmão fala: - Eu quero comer aquele macarrão da mãe, ele fala da mãe (Norma, 40 anos).

A busca pelo natural, pelo não industrializado, ou seja, a busca pelo “autêntico”, pelo “puro”, mostra-se contraditória, quando se percebe, pelos depoimentos, a utilização de produtos industrializados. Essa busca pela tradição parece se enquadrar na noção de “tradição da modernidade” assinalada por Ortiz (1994). Para esse autor, é a busca do genuíno simbólico, o que proporciona o caráter “tradicional”, o que para Garcia (2003) é uma tradição metafórica.

Ortiz (1994) argumenta que a valorização do tradicional é observada como o principal argumento da propaganda de alimentos nas décadas de 1980 e 1990, comparativamente às duas décadas anteriores. Em outras palavras, a valorização do tradicional foi o argumento que mais cresceu nos anúncios sobre produtos alimentícios.

Aliás, a mídia foi um fator lembrado pelas depoentes, no momento da escolha por alimentos.

É..vira e mexe estou lendo revista sobre fruta, sobre os alimentos, sobre as vitaminas que eles tem, que eles fornecem. Aí eu vou e compro e falo para ela. As vezes ela fala: - Mãe eu nunca comi, mas então, tem sempre a primeira vez. Ai eu falo para ela: - Vamo experimentar? (Ediana, zeladora).

As vezes a gente senta um pouquinho para assistir televisão e vê a propaganda, a gente tem um pouquinho de influência da propaganda. (Seleida, serviços gerais).

Para as mães entrevistadas, a opinião de um especialista (médico, cientista) quanto aos alimentos, também é fator de influência na hora da escolha dos alimentos. Como se observa no discurso de Lídia.

Eu vejo mais assim, a coisa característica, mais básica que você ouve de médicos, que você ouve de cientistas, essas coisas assim, eu vou mais nisso, eu não vou por que fulana falou, ciclano falou. (Lídia, do lar).

Por fim, nota-se que as amigas também exercem uma certa influência, ou seja:

Eu escuto o conselho das amigas e chego a comprar o determinado produto indicado (Norma, zeladora).

Na categoria “lembrança da infância”, estão inseridas as respostas que mencionam as receitas que as mães faziam e as maneiras de cozinhar dessas mães. Segundo duas entrevistadas, a lembrança da mãe é o que norteia suas escolhas por alimentos. Esse fato pode ser ilustrado a partir do discurso de Nice.

Pelo que a minha mãe fazia né? Sempre quando eu vejo jiló eu lembro que eu comia sempre junto da minha mãe..que ela fazia, preparava. (Nice, artífice).

Assim, a “lembrança de infância” refere-se à lembrança da família, da comida que a mãe fazia. É uma maneira e um momento de “matar as saudades”. Essas dimensões: lembrança e saudade, também, fazem parte de resultado de pesquisa com grupo focal, realizada pelo DEA/UFMS (2006) em Belo Horizonte⁹ dos quais faziam parte: gaúchos, mineiros e nordestinos. Os resultados apontados pelos relatórios mostram a preocupação com a perpetuação das tradições, notadamente pelos participantes gaúchos.

“É uma maneira e um momento de matar as saudades”: comer a comida da terra, ouvir e tocar música, dançar, falar sobre acontecimentos, lugares e pessoas em comum – e na mesma língua”.

⁹ Relatório que apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa, com dois grupos focais, realizada em Belo Horizonte/MG, no dia 05 de março de 2006. Cada grupo pesquisado apresentou classes sociais distintas: no primeiro, de classe C, e no outro, de classe A/B. Os indivíduos são de origem sulina e nordestina que moram em Belo Horizonte por um período superior a dois anos. O objetivo foi investigar, em caráter exploratório o comportamento alimentar típico do brasileiro.

“Olha, nós temos a parte de cultura, a dança, as coisas típicas, os acontecimentos históricos. Na parte de alimentação, trabalhamos as comidas típicas. E na parte de cultura, a gente traz pros nossos jovens, o que aconteceu no nosso passado, transmitindo as tradições, as raízes nossas. E é onde eu já levo filhos, para seguir os nossos passos”.

Para esses indivíduos, o alimento regional é concebido como para satisfazer um “prazer”, o prazer de se alimentar e revela, ao mesmo tempo, uma volta às origens, lembrando lugares, pessoas, acontecimentos da vida. Acrescenta-se que os entrevistados listam motivações adicionais para consumir esse tipo de alimento. Alguns mencionam que a comida é uma das formas de “se identificar um povo” e mantendo esses hábitos estariam, também, conservando sua identidade cultural.

Essa é uma forma de transmissão da herança simbólica recebida dos antecedentes. Para Bloch e Buisson (1998), o vínculo social familiar é o responsável pela transmissão da herança material e simbólica passada de geração em geração.

De acordo com Rutherford (1990, p. 19-20 apud WOODWARD, 2000), a existência de elementos culturais no cotidiano dos indivíduos, sobretudo na alimentação, possibilita a caracterização da identidade de um povo:

“[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora...a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”.

Tudo o que é apreendido em termos de comida relaciona-se como um corpo substantivo de materiais e culturais historicamente derivados. Assim, segundo Mintz (2001), a comida e o comer assumem uma posição central no aprendizado social, que por sua natureza é vital e essencial.

Nesse sentido, o comportamento relativo à comida revela repetidamente a cultura em que cada indivíduo está inserido. Sendo assim, observa-se à presença de valores, crenças, tradições, formas simbólicas, ritos e mitos que identificam e distinguem os membros de um grupo, tal como a definição proposta por Thompson (1999), que entende cultura como:

[...] o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças (p. 176).

A partir das categorias extraídas dos discursos das participantes, nota-se que a família aparece como categoria que aproxima, ao mesmo tempo que engloba os aspectos “preferências”, “saúde” e “lembranças da infância”.

Ah!! Isso daí vem da mamãe né? Que a mamãe nos ensinou e é uma coisa que passa de geração para geração (Ana, empresária).

A família (principalmente a mãe) aparece como um fator de grande importância no momento de escolher ou preparar um alimento, mostrando que ela é a base social de qualquer ser humano (LIMA, 2004), sendo o domínio da intimidade e molde de construção da subjetividade (NOVELINO, 1989).

De acordo com Bloch e Buisson (1998), no centro da família, devido à díade dádiva/dívida, a mãe se torna aquela que se dedica inteiramente aos cuidados dos filhos (as). Segundo essas autoras, trata-se das atividades de trabalho doméstico e de cuidado com seus filhos (as), isto é, os serviços materiais, como limpar, cozinhar e fazer compras, são traços atribuídos à dádiva e à condição feminina.

A gerência e o controle da alimentação como atribuições femininas são apontadas em outros estudos. Canesqui (1988, p. 213) escreve:

[...] o trabalho feminino no preparo da alimentação rege-se por regras: de economia e controle, morais, estéticas e de higiene, permeando o próprio trabalho doméstico referido à cozinha, ao uso dos equipamentos domésticos, aos cuidados com os alimentos, à casa e à alimentação da família. Comporta ainda aquele trabalho o dispêndio de tempo, uma organização específica de capacitação e treinamento.

4.3 SIGNIFICADO DE ALIMENTO

De um modo geral, o alimento é concebido como fator essencial à promoção e manutenção da saúde, sendo esta entendida como a ausência de doença, mas também a redução do processo de envelhecimento. Em outras palavras, o alimento é elemento promotor de vigor, robustez, energia e sustância. Contudo, o alimento, também, é entendido como fator de satisfação e frustração. Dessa forma, o alimento assume os seguintes sentidos: “segurança”, “ficar forte”, “fonte de vida”, “satisfação” e “frustração”. A tabela 3 ilustra as categorias extraídas dos discursos.

Tabela 3 – Distribuição de frequência do significado de alimento

Categoria	Frequência absoluta	Frequência relativa
Segurança	3	20
Ficar forte	2	30
Fonte de vida	2	20
Satisfação	1	10
Frustração	2	20
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa.

A comida caseira é um dos indicadores de alimento seguro. Para as entrevistadas, é o alimento caseiro, sem agrotóxicos, aquele em que se conhece o processo em que é fabricado, que é seguro e possibilita a saúde. Em meio a escândalos divulgados pela mídia de massa como a adulteração do leite de vaca, os focos de febre aftosa, o excesso de hormônio em frangos e os agrotóxicos nos vegetais, as entrevistadas mostraram grande preocupação com essas questões.

Assim, para duas das participantes, a concepção de alimento refere-se a algo caseiro, ou seja, aquele alimento produzido de forma artesanal, natural, pois se acredita que os mesmos não causam doenças. Esse fato pode ser visto nos depoimentos abaixo que revelam medo e desconfiança sobre alguns tipos de alimentos.

Mais fácil é ir lá, comprar primeiro a semente e plantar no quintal, cê sabe que ali não tem nenhum tipo de mistura química ali (Ediana, zeladora).

O frango, é mais saudável esses que a gente compra caseiro, da chácara, caseiro..não aqueles criados na granja [...] (Seleida, serviços gerais).

Olha, por causa dessa preocupação porque muitas pessoas dizem que muitas doenças que estão dando na gente, principalmente câncer, é através desses alimentos, dessas...dessas químicas que estão colocando. Então por isso que eu penso. To vendo muitas pessoas com essa doença, aí, geralmente a gente vê alguns comentários na televisão que a maioria das doenças é através dos alimentos. A gente acaba ficando com medo de alguns alimentos por causa disso (Seleida, serviços gerais).

O depoimento de Seleida mostra a preocupação com o excesso de hormônios em frangos, o que ocasionou a redução de seu consumo.

[...] pessoas dizem que muitas doenças que estão dando na gente, principalmente câncer, é através desses alimentos, dessas...dessas químicas que estão colocando. Então por isso que eu penso. To vendo muitas pessoas com essa doença, aí, geralmente a gente vê alguns comentários na televisão que a maioria das doenças é através dos alimentos. A gente acaba ficando com medo de alguns alimentos por causa disso (Seleida, serviços gerais).

Muita gente tão falando que é frango, que é carne de frango, agora, não sei o que ta acontecendo. [...] na minha casa, eu não faço muito frango, eu faço uma vez só por semana (Seleida, serviços gerais).

O alimento utilitário, ou seja, aquele alimento que supre as necessidades nutricionais e energéticas do organismo, em outras palavras, aquele que dá energia, que faz “ficar forte”, que dá sustância (CANESQUI, 2007), é o promotor de saúde, como pode ser visto no discurso de Maria, a seguir.

Que a gente come e fica forte, não fica doente, fica fraco, tem que comer na hora certa. (Maria, zeladora).

Segundo Canesqui (2007), existem categorias de alimentos que expressam e definem a qualidade e a propriedade dos alimentos e da comida e os seus efeitos sobre o corpo, entre elas, destacam-se os alimentos fortes/fracos. Essas categorias alimentares, que são consideradas no âmbito das idéias e representações sociais, fazem parte das expressões ideológicas de uma sociedade e, por vezes, baseada no senso comum, mas que tem forte significado como aponta o discurso de Maria.

Mas, o alimento também assume o sentido de “fonte de vida”, para algumas entrevistadas: é ele que promove a vida, portanto, ele é o primeiro de todas as necessidades, devendo, assim, ser priorizado.

O alimento é fonte da vida, sem eles nós [...] não seria nada (Mariana, do lar).

Se um lado o alimento assume o significado de saúde, de outro ele também aparece com o sentido de “satisfação”, sendo aquele alimento que por seu cheiro parece saboroso e saudável, o que leva à vontade de comer, sem a preocupação com a saúde.

Alimento na minha cabeça é [...] quer dizer uma comida saudável, sabe? Aquela comida que você faz e o vizinho fala: - Ah!! Que coisa boa que está esse cheiro!! Então, alimento para mim tem que ser cheiroso, saudável e que na hora que a turma senta na mesa come mesmo para se satisfazer assim..sabe? (Ana, empresária).

Dados empíricos da pesquisa realizada pelo DEA/UFMS (2006), em Belo Horizonte, junto a grupos regionalistas (gaúchos, nordestinos e mineiros), apontam para o significado de alimento como sendo de prazer. Por exemplo, os gaúchos parecem preservar alguns de seus hábitos alimentares como o chimarrão e a carne assada gorda, pois proporcionam satisfação, em razão de trazerem lembranças da terra natal. Ao invés de preservarem a saúde, preferem comer pelo prazer.

O sabor que gera o prazer tem se apresentado como um dos fatores determinantes na escolha de alimentos, como se vê no estudo de Alvarenga e Lima-Filho (2007). O estudo desses autores se propôs a estudar o perfil dos consumidores orientados para a saúde, mas identificou

que o sabor dos alimentos, ainda é um dos maiores motivos na escolha de um alimento. Esse mesmo estudo identificou, também, dois grupos distintos de consumidores orientados à saúde. O primeiro grupo caracterizado como utilitarista saudável, que busca componentes fundamentais para uma vida com qualidade e o segundo diestético, que busca um corpo perfeito, além de almejarem exercer o princípio da distinção de Bourdieu, por meio da conduta alimentar.

Além disso, o alimento assume o significado de “frustração”, isto é, está ligado à estética e ao sentimento de culpa ou frustração ao se alimentar. Nesse sentido, alimentar-se bem é ter equilíbrio e auto-controle, o comer demais é errado e proibido, enquanto ter equilíbrio e auto-controle é correto e permitido. Nesse sentido, o alimento assume uma conotação moral. É o que pode ser observado no discurso de Lídia.

Porque se você viver doente ou comer demais, ou comer coisas assim que você vê que não vai trazer benefício para você e aí você viver prejudicada, viver obesa que eu não tenho nada contra, mas eu acho que as pessoas que são, têm. Então eu acho assim, que tem que ter....não é fazer regime, é ter uma conduta. (Lídia, do lar).

A importância que se dá ao corpo e a jovialidade, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, trata-se de convenção da sociedade que decreta o que é alimento e o que não é, e que tipo de alimento deve ser consumido e em quais ocasiões (LEACH, 1974 apud WOODWARD, 2000). Ou seja, essas práticas de consumo, não abordam apenas os alimentos, mas que tipo de alimentos devem ser consumidos, as regras de etiqueta, auto-controle, que regulará o que será consumidor, quando, como e o quê, personalizando, de certa forma, o apetite.

Os estudos de Powdermaker (1997) e de Bourdieu (2005) mostram o alimento como um símbolo significativo de prestígio, ou seja, o tipo de alimento, a quantidade, a maneira como é servido são importantes critérios de distinção de classe social. Dessa forma, hoje, esteticamente, a obesidade representa um problema, pois está relacionado à imagem das classes sociais mais baixas (Poulain, 2004).

Na verdade, o ato alimentar não se resume apenas à ingestão de nutrientes e energia para o corpo. O ato alimentar atravessa as fronteiras do eu e do mundo, ou seja, existe uma associação

entre o material e o imaginário como coloca Fischler (2001, apud SILVA SANTOS, 2006, p. 5), “nós nos tornamos o que nós comemos”.

Com isso, nota-se que o ato alimentar é um complexo sistema de valores, crenças onde interagem os fatores sociais, econômicos, culturais, políticos, emocionais e psicológicos. Os hábitos alimentares deixam de ser vistos apenas como forma de expressão ou de identidades sociais para se inserir no processo de construção de identidades individuais, segundo Poulain (2004).

Sobre isso, ressalta-se a contribuição de Mintz (2001, p. 1), quando diz que “o comportamento relativo à comida liga-se ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social, e isso parece valer para todos os seres humanos”.

4.4 O PREÇO COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NA ESCOLHA DE ALIMENTOS

Às mães foi perguntado quanto à importância do preço na escolha de alimentos. Os resultados obtidos apontam que não somente o preço e a renda do consumidor influenciam na escolha de um produto, mas, sobretudo, suas preferências. Os resultados apresentam as preferências dos consumidores por um determinado alimento como a categoria mais frequente. A tabela 4 ilustra as categorias obtidas.

Tabela 4 – Distribuição de frequência dos fatores determinante da escolha de alimentos

Categoria	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Preferência (Gosto)	6	60
Saúde	2	20
Preço	2	20
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa

A categoria “preferência (gosto)” engloba as respostas que mencionaram a vontade e a satisfação em comer. Para 60% das entrevistadas, o preço, em geral, não é impedimento para a aquisição de um alimento, o que importa mesmo é estar com vontade, é gostar.

Pagaria. Qualquer preço. Se tiver vontade eu pago. Se for bom eu compro, não importa o preço, porque é alimento. (Seleida, serviços gerais).

Eu compro por nós. Se é uma coisa que eu gosto e todo mundo gosta! (Mariana, do lar).

Resultados semelhantes aos apresentados, no que se refere ao preço dos alimentos, foram encontrados na pesquisa realizada pelo DEA/UFMS (2006), isto é, o preço não aparece como um fator determinante na escolha dos alimentos.

Apenas duas entrevistadas disseram considerar o preço no momento de escolher um alimento.

Não...não. Porque se o alimento é caro e mesmo eu tendo dinheiro, eu não vou pegar o dinheiro e pagar aquilo que a pessoa pediu por um simples alimento, enquanto tem outros alimentos que podem substituir (Lídia, do lar).

Entretanto, dentre as entrevistadas que consideraram o fator preço como impedimento para a escolha de alimentos, argumentaram que pagariam caro se o alimento fosse essencial para a saúde, como indica o depoimento de Cléo.

Então, eu compraria um alimento caro desde aquilo que eu sentisse que ele é indispensável e bom para a saúde da família. (Cléo, do lar).

4.5 O ESTADO E A REGULAMENTAÇÃO DOS PRODUTOS À VENDA

Outro fator que influencia na escolha de alimentos é a regulamentação/autorização dos alimentos pelo poder público. Oito entrevistadas disseram estar atentas, quer aos selos de qualidade, quer aos prazos de validade. Alguns depoimentos revelam essa preocupação.

Olho aquele selinho lá...do ministério da agricultura..acho que é da agricultura. Aquele selinho lá. Se tem aquele selinho, quer dizer que o produto é bom (Seleida, serviços gerais).

Ai eu pego e vejo o valor calórico também, vejo tudo (Ediana, zeladora).

Entretanto, a ênfase é dada, sobretudo nos prazos de validade como mostram os depoimentos de Cleo e Nice. A tabela 5 ilustra as categorias e as frequências associadas.

Eu olho validade né? Mas o selinho eu não reparo, a gente esquece né? (Cléo, comerciante).

Eu observo mais a data de validade né? (Nice, artífice).

Assim, para a maioria das entrevistadas, a data de validade é a informação mais relevante no momento da compra de alimento.

Tabela 5 – Distribuição de frequência das informações contidas nos rótulos dos alimentos

Categoria	Frequência absoluta	Frequência relativa
Vê tudo	2	20
Data da validade	6	60
Outros*	2	20
Total	10	100%

* Nesta categoria encontram-se as respostas relacionadas a: não olho e selo do Ministério da Agricultura

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse estudo chama a atenção para um fato: a adulteração do leite de vaca. Os dados dessa pesquisa foram coletados no momento em que a mídia noticiou o escândalo na adulteração do leite. A partir disso, algumas entrevistadas preocupadas com esse fato, passaram a olhar mais atentamente as informações contidas nas embalagens e, em alguns casos, houve a substituição de um produto por outro.

O que é muito importante...é o que aconteceu ...as propagandas, os comentários né? De televisão, cê entendeu? Isso é muito importante, porque te dá um alerta. Porque na verdade, eu não tenho costume de ver se tem selo. Só quando passou lá uma coisa na televisão, aí, você fica mais atenta. Mas fora isso...não. (Mariana, do lar).

Pelo discurso de Mariana nota-se que as informações contidas nos rótulos das embalagens ainda não se constitui uma prática cotidiana para a maioria das donas de casa, mas que, frente a problemas e informações que afetam a confiança e a segurança do alimento, geram preocupações e tensões, fato que acaba desencadeando modificações nos hábitos alimentares, como se observa no discurso de Mariana, citado acima e de Lúcia a seguir.

Como também nunca observei o leite. A minha filha, chegou pra mim um dia e falou assim: - mãe, eu acho bom a senhora mudar de marca de leite. E eu falei? Por que? Esse leite, ela virou a caixa e me mostrou...esse número quer dizer que o leite veio para o consumo, não foi consumido, venceu a validade, ele é devolvido entendeu? Lá...ele vai para a máquina, vão colocar outros produtos e ele vem com nova data de validade, nova embalagem. Quando ela me falou aquilo, eu olhei assim..não dei outra, eu fui comprar, cheguei lá, olhei e vi...eu disse: - Nunca mais! Não comprei. Agora eu compro de saquinho. Eu compro leite C. Eu não vou mais comprar, primeiro por que ele tem conservante que é prejudicial (Lúcia, do lar).

4.6 A RESPONSÁVEL PELOS CUIDADOS COM A ALIMENTAÇÃO EM CASA

Foi perguntado às entrevistadas de quem era a responsabilidade pela alimentação em sua casa, durante sua infância; oito entrevistadas responderam que suas mães eram as responsáveis pelo preparo da alimentação da casa. Apenas duas afirmaram que essa atividade foi delegada a outras pessoas da configuração familiar, como a avó ou a irmã mais velha, como se vê nos depoimentos a seguir:

A mamãe. Sempre foi a mamãe. Ela tinha empregada para fazer tudo menos a cozinha, porque ela gostava de cozinhar, como é até hoje. Ela tem 78 anos e ela que gosta de cozinhar. Então, ela faz...também a comidinha da mamãe é deliciosa e é ela e ela mesmo! Que o papai nunca aceitou comer comida de outra pessoa (Ana, empresária)

Bom, às vezes, a minha mãe, né? Só que as vezes, ela saía para trabalhar e deixava no jeito, aí ela chegava e esquentava. A gente chegava da escola e ia almoçar, tomava banho e ia almoçar para depois fazer o que tinha que fazer.

[...], quem sempre quem ia para cozinha com ela era minha irmã mais velha do que eu [...] (Ediana, zeladora).

As mães procuram elaborar a refeição de acordo com os gostos dos participantes de sua configuração familiar, buscando, por meio disso, a satisfação e a reafirmação do ideal de “boa mãe”. Os discursos de Maria, Mariana e Ana mostram esse fato.

Ah! Sempre eu peço opinião para minha mãe. Ah mãe! Vamos fazer tal coisa, uma comidinha diferente, uma coisinha ou outra, a senhora me ajuda? (Maria, zeladora).

Mas eu penso assim: o que que eu vou fazer para os meus filhos hoje? Eu sempre procuro fazer uma coisa que eles gostam. (Mariana, do Lar).

- Puxa, meu filho gosta de nhoque vamos dizer. Procuro fazer aquele nhoque tanto amor...eu capricho tanto. (Ana, empresária).

Esse fato chama a atenção para a herança simbólica recebida de sua mãe, que, segundo Bloch e Buisson (1998), na busca de sanar a dívida contraída com ela, Mariana procura transmitir esses valores de disponibilidade e cuidado para as gerações futuras, ou ainda, busca dar aos filhos mais do que recebeu, transformando essa herança.

Nos discursos das entrevistadas, nota-se a presença da norma social de ideal de “boa mãe”. O papel de cuidado com a casa, com os filhos e com a alimentação é conferido à mulher, embora, às vezes, sendo dividido com outras pessoas da configuração familiar como avós e filhas. Em todos esses casos, deve-se destacar a importância da mãe, da mulher, pois os serviços de alimentação e da casa são cotidianamente associados a ela.

No entanto, é importante ressaltar que nos últimos anos, o pai começa a participar mais ativamente da vida familiar, auxiliando a mãe nos serviços domésticos e de cuidado com os filhos. Em contraposição, a mulher tem buscado assumir mais atividades públicas, saindo da esfera do privado como se vê no depoimento de Márcia.

O tempo foi passando e os casais conversando mais, foram se acertando mais, se abrindo mais como seres humanos independente daquele papel social...mãe, naquele momento e pai naquele momento, profissional aqui...e de repente o pai passou a ser um também, educador, um co-educador, a participar mais da vida da casa, da família, ele deixou de ser o provedor, mesmo porque a mulher passou a trabalhar fora , ganhar seu dinheiro...aquela posição de igualdade, pelo menos dentro de casa, ele passou a colaborar mais nesse sentido. Acredito que hoje, principalmente, acho que os pais são maravilhosos como participantes de um processo (Márcia, professora aposentada).

Sendo assim, observa-se que o papel mais efetivo do pai traz um pouco de alteridade a esse universo unicamente feminino, fato impulsionado pela inserção da mulher no mercado de trabalho, na modificação na estrutura social familiar, pela agitação das atividades cotidianas nos dias atuais entre outros. Entretanto, nota-se que o ideal normativo de boa mãe¹⁰ está presente no cotidiano das famílias, mas que já está presente o compartilhamento do cônjuge nas atividades domésticas, como mostra o depoimento a seguir:

¹⁰ Trata-se de uma norma social que é transmitida de geração em geração.

Ele age assim..ele ajuda a esposa porque hoje em dia, um só..muitas famílias tem que juntar as rendas né? Então ele tem que...eu acho que ele interage dessa maneira né? Ele chega em casa, ele vê que a esposa ta trabalhando, ele vai ajudar na alimentação, no cuidado dos filhos, da casa. ...tem que ver para os dois (Nice, artífice).

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi captar os sentidos que as mães dão à escolha dos alimentos. Somente examinando as influências sobre o comportamento de educação e cuidado alimentar da família que estão presentes antes mesmo da escolha das mães se efetivar, é que permitirá um completo entendimento sobre a escolha de alimentos. Conhecer, em um dado momento, o número de mães que compra determinado alimento, nada esclarece sobre as idas e vindas de uma mesma mãe na escolha dos alimentos.

As mães entrevistadas têm razões legítimas para escolher determinados alimentos. São razões que vêm, principalmente, da experiência cultural que conheceram como usuárias de produtos, de informações veiculadas pela mídia, do boca-a-boca e, ainda, de experiências psíquicas, enquanto filhas, e como percebem a educação e o cuidado alimentar intergeracional.

Esse estudo mostra alguns motivos que influenciam as mães a escolher os alimentos tais como: a preferência/gosto/vontade, a saúde, a lembrança da infância, o preço e o alimento com o selo de inspeção sanitária.

Na categoria “preferência/gosto/vontade” pode ser enquadrada a categoria “lembrança da infância”. Na verdade, trata-se de experiências psíquicas enquanto filhas e, também, às experiências culturais que aconteceram enquanto usuárias.

Nesse sentido, o aprendizado em relação à alimentação que apresenta características como requinte pessoal, destreza manual, cooperação, compartilhamento, restrição e reciprocidade são atribuídas ao processo de socialização alimentar que envolve os indivíduos desde cedo. Contudo, os hábitos alimentares podem mudar quando o indivíduo cresce, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e algumas formas sociais aprendidas com seus pais permanecem (MINTZ, 2001).

O significado de saúde como força, energia, fortaleza, isto é, ausência de doença, leva as mães à busca por alimentos naturais, pelo “puro”, pelo “autêntico”, pelo “rural”, denotando uma

tradição metafórica, já que de um lado há a busca pela tradição, de outro lado, há a busca por produtos industrializados. Sobre isso, Mintz (2001, p. 36) destaca: “o novo e o tradicional se revelam em complexa interação”.

Reichembach (2004) mostra que, por meio da divulgação científica, leiga e da propaganda, há uma fusão entre os conceitos como saúde, beleza, jovialidade e disposição que se integram na concepção de alimentação saudável e de cuidado com o corpo. Reichembach afirma, ainda, que o cuidado com a alimentação está calcado, sobretudo na manutenção de um corpo esbelto e da boa aparência e que a preocupação com as doenças fica relegada ao segundo plano.

Os resultados dessa pesquisa denotam essas preocupações, contudo verifica-se que as preocupações relacionadas à saúde prevaleceram sobre as preocupações com o corpo, aparecendo como uma das categorias mais frequentes entre as questões pesquisadas. A preocupação com o corpo aparece no depoimento de apenas uma depoente.

O preço aparece como categoria de pouca importância, diante da preferência. Isso faz repensar a teoria microeconômica da demanda, que entende que a escolha é função do preço, prevalecendo o custo/benefício, ou seja, a demanda aumenta quando o preço reduz.

Segundo Casotti (2002, p. 134-138), de fato, a escolha é função das preferências e combinações aprendidas, portanto, “não é estabelecido por uma relação custo-benefício”. Na verdade, os depoimentos das mães mostram que ao preço, é dada menor importância diante da preferência/gosto/vontade, quando se paga um preço mais alto.

É nesse sentido, que este estudo contribui para aumentar o arquivo já existente sobre a escolha dos alimentos. Em sua maioria, observa-se a predominância de métodos quantitativo-econômicos de análise e este estudo, ao contrário, dá ênfase aos aspectos subjetivos, presentes no ato da escolha, sem deixar de considerar, contudo, os fatores objetivos.

O alimento com o selo de inspeção sanitária federal assume grande relevância para as mães entrevistadas. Uma pequena parcela de mães disse que no momento da compra de alimentos observa, ao mesmo tempo, a data de validade dos alimentos, as informações nutricionais e, se o mesmo é autorizado/certificado pelo Ministério da Agricultura (MAPA) (20%). Entretanto, para a maioria (60% das entrevistadas), a ênfase é dada somente no prazo de validade dos alimentos, o que implica dizer que as demais informações contidas nos rótulos são negligenciadas no momento da compra.

Esse fato sugere que campanhas de conscientização devam ser realizadas ressaltando a importância dos alimentos serem inspecionados pelo Poder Público, uma vez que garantem a segurança do alimento, atestando padrões de qualidade e de comercialização, bem como zelando pela saúde dos consumidores.

Os resultados mostram, ainda, que em geral, na família, as mulheres ainda são as principais responsáveis pelo cuidado e educação quanto à alimentação dos (as) filhos (as), muito embora, a participação dos homens se torne cada vez mais presente.

Quanto à manutenção ou continuidade dos hábitos alimentares dos pais, essa pesquisa mostrou que há uma revalorização das receitas aprendidas com as mães, sobretudo em mulheres na faixa etária de 40 a 60 anos, o que corrobora com o exposto por Poulain (2004). Contudo, a continuidade das receitas aprendida com as mães não é uma prática cotidiana, ou seja, são práticas alimentares reservadas para momentos especiais como aniversários e reuniões entre os membros da família. Sendo assim, no cotidiano alimentar, observa-se que algumas modificações ocorreram quando comparadas a alimentação que recebiam quando essas mães eram pequenas. As principais modificações na alimentação se devem a introdução de novos produtos no cardápio das famílias, sobretudo produtos com baixo valor calórico.

Por outro lado, pôde-se verificar, nos relatórios com os grupos de discussão de Belo Horizonte/MG (DEA/UFMS, 2006), que uma minoria de jovens de classe mais alta declara estar mantendo hábitos alimentares saudáveis aprendidos com a família; os demais consideram os hábitos de seus pais pouco saudáveis, o que implica dizer que a herança simbólica sofre modificações de acordo com o momento histórico em que se vive e, hoje, o fator saúde aparece como importante na escolha dos alimentos como mostra os estudos de Ortiz (1994), Garcia (2003), Santos (2005), Lambert *et al* (2005) e Alvarenga e Lima-Filho (2007).

Como se vê, a transmissão intergeracional dos hábitos alimentares não é estática e tampouco linear. A perpetuação ou reprodução da herança simbólico-alimentar recebida dos ascendentes está associada ao contexto sócio-histórico em que o indivíduo está inserido e a reinterpretação que esse mesmo indivíduo faz destas práticas. Em outras palavras, o indivíduo tanto pode escolher manter como romper com essa herança simbólica recebida. O que se vê, é que essa herança simbólico-alimentar tem sofrido alterações no tempo.

Para os participantes dos grupos de discussão (DEA/UFMS, 2006), a justificativa mais comum é a de que, com o avanço da idade começam as preocupações e o desejo de uma velhice mais saudável; e porque o próprio organismo passa a repelir os “excessos da juventude”. Acrescenta-se que a vaidade, ou seja, a preocupação com um corpo magro, a qualidade de vida e o acesso a informação são outros argumentos que explicam a mudança.

No momento da escolha da alimentação para os filhos (as) pequenos (as), as mães recorrem às lembranças íntimas de infância quanto à alimentação. Contudo, apesar da recorrência da lembrança da mãe, de suas receitas, de suas escolhas, hoje, geralmente optam pela receita da mãe, porém, de forma diferenciada. Nesse sentido, essas mães alteram o cardápio, pensando em uma alimentação mais saudável, com ingredientes menos calóricos.

Os resultados apontados por essa pesquisa, sobretudo a preocupação com a saúde e o culto ao corpo, corroboram com as conclusões de Lambert *et al.* (2005) e, também, as de Warde (1997) afirmando que a saúde, hoje, é um dos fatores predominantes nas discussões sobre alimentos.

Para Lambert *et al.* (2005), a boa saúde, era constantemente associada à ausência de doenças, mas atualmente, está mais associada à idéia de bem estar, bem como ao aumento da expectativa de vida e a redução do processo de envelhecimento. Ainda segundo esses autores a gestão do corpo e da saúde que assumia um caráter essencialmente curativo, atualmente assume um caráter preventivo. Assim, há inquietações quanto à ingestão de alimentos que são complementadas por preocupações quanto aos seus efeitos, sobretudo em longo prazo, derivadas do consumo de substâncias nocivas para a saúde humana.

Sobre o culto e a gestão do corpo, destaca-se a contribuição de Warde (1997) que mostra a crescente preocupação dos indivíduos com sua gestão. O autor chama a atenção para esse fenômeno, pois está relacionado com questões de identidade e personalização dos indivíduos, que, com isso, buscam seguir os padrões de beleza de uma sociedade. Contudo, o autor ressalta que, em excesso, as dietas e, até a falta de alimentação, pode influenciar de forma negativa os campos cognitivos, de classe social e de geração.

Lambert *et al.* (2005) menciona que ocorre, ainda, a diminuição no consumo de determinados alimentos que poderiam estar ligados a certos tipos de câncer. Essa preocupação gera angústia em algumas mães entrevistadas.

Como se nota, há a preocupação com o que é consumido. Essa preocupação se intensifica à medida que a mídia veicula informações ou escândalos relacionados ao consumo de alimentos, o que, em muitos casos, provoca modificações no comportamento dos consumidores quanto à escolha dos alimentos.

Nesse contexto, destaca-se que a mídia assume duas funções, uma de alertar os indivíduos sobre as práticas ilícitas na indústria de alimentos e outra de orientar os consumidores sobre as práticas corretas de consumo.

Mesmo com os escândalos relacionados à insegurança do alimento divulgados pela mídia, os resultados dessa pesquisa apontam que, para a maioria das entrevistadas (60% da amostra), a preocupação está somente em olhar o prazo de validade dos produtos.

É nesse contexto que se deve mencionar a importância das políticas públicas para a alimentação. Em uma breve análise da evolução das políticas públicas para a alimentação encontradas no estudo desenvolvido por Hirai e Anjos (2007), observa-se que muitas delas estão, ainda, voltadas para a segurança alimentar, que, em outras palavras, podem ser descritas por políticas que visam garantir o acesso aos alimentos pela população, muito embora, possam ser observados movimentos orientados para a segurança do alimento.

No Brasil, o Ministério para o Desenvolvimento Social e de Combate à Fome (MDS), juntamente com o Ministério da Saúde e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) promovem ações no sentido de garantir a segurança alimentar e do alimento à população brasileira.

No caso da França, Lambert *et. al* (2005) mostra que na década de 1950, suas políticas públicas estavam voltadas, sobretudo, à segurança alimentar, que tinha como objetivo garantir o acesso da população ao alimento. Já no final do século XX, as preocupações com a segurança do alimento passaram a ser o tema central de suas políticas públicas para a alimentação. Por fim, a preocupação relacionada ao aumento dos casos de obesidade na França promoveu no país a criação da Agência Francesa de Segurança Sanitária dos Alimentos (AFSSA) em 1999 e do Programa Nacional de Saúde (PNNS), em 2002.

A preocupação com a segurança do alimento é uma constante em países desenvolvidos, o que explica, em parte, a existência de elevadas barreiras fitosanitárias aos países produtores de alimentos. No Brasil, a segurança alimentar detém as atenções da maioria das políticas públicas

para a alimentação, sendo essa a motivação para a criação de uma Política Nacional de Alimentação e Nutrição e programas de assistência à população como o “Bolsa Alimentação” e o “Fome Zero”.

Nesse sentido, nota-se que o MDS tem desenvolvido algumas ações para conscientizar a população para o consumo de alimentos adequados, como uma forma de garantir o direito dos seres humanos a uma alimentação adequada. O relatório do Brasil para a Cúpula Mundial de Alimentação em Roma (1994 apud Política Nacional de Segurança Alimentar, 2003) afirma que:

[...] O acesso à alimentação é um direito humano em si mesmo, na medida em que a alimentação constitui-se no próprio direito à vida...negar este direito é, antes de mais nada, negar a primeira condição para a cidadania, que é a própria vida.

Entretanto, a preocupação das mães entrevistadas está, sobretudo, na segurança do alimento. Sobre isso, nota-se movimentos do Estado, por meio de políticas públicas nessa direção, ou seja, em prol da segurança do alimento. Entre eles destaca-se o papel efetivo da Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA), que regulamenta a comercialização de produtos alimentícios, bem como a regulamentação da propaganda dos alimentos e das embalagens, as quais devem conter informações nutricionais, existência de substâncias geneticamente modificadas, gorduras trans e do MAPA, na fiscalização dos frigoríficos.

Essa forma de atuação do poder público por meio de tais regulamentações vai ao encontro das preocupações das mães apresentadas nessa pesquisa, mas ressalta-se que a fiscalização sanitária, tanto nas fábricas como nos estabelecimentos atacadistas e, principalmente, no varejo, deve ser intensificada para garantir maior segurança ao consumidor de alimentos. Mas nota-se que a preocupação das políticas públicas para a alimentação em países em desenvolvimento ainda está voltada para a garantia da segurança alimentar.

No Brasil, não faltam estudiosos preocupados em avaliar a eficácia das políticas públicas para a alimentação. Entre eles destaca-se os estudos de Minayo (1991) que, a partir de uma abordagem antropológica, busca avaliar as políticas sociais; Santos e Santos (2007), que avalia a eficiência dos programas sociais entre os anos de 1995 e 2002; Salay (1993), que se dedicou ao

estudo da evolução dos conceitos nas políticas para a alimentação; Bittencourt (1998) que propõe alternativas para as políticas de alimentação e nutrição no Brasil; Yasbek (2004) que se dedicou ao estudo do programa “Fome Zero”; Pessanha (2004), que realiza um histórico das políticas públicas para a alimentação no Brasil; e Siliprandi (2004), que discute as políticas de segurança alimentar e de gênero.

Nesse sentido, ressalta-se a importância das políticas públicas para a alimentação, tanto no Brasil como no mundo, e esse estudo aponta para a importância das mesmas no processo de escolha de alimentos, sobretudo em um cenário de insegurança alimentar e de aumento dos casos de obesidade.

Em suma, os resultados desta pesquisa revelam que a família se constitui num importante fator de influência nas escolhas do consumidor e é a família que, de acordo com Bloch e Buisson (1998), ainda é a responsável pela transmissão da herança material e simbólica passada de geração em geração, sendo que o amálgama desse vínculo é a dinâmica da dádiva e da dívida que nela se instalam.

Esse estudo contribui para a área da Administração na medida em que traz uma nova vertente de estudo para se compreender o complexo fenômeno da escolha alimentar, ou seja, traz para a análise a dimensão da subjetividade até então pouco privilegiada nos estudos sobre comportamento do consumidor. Outra contribuição é que este estudo traz uma nova forma de fazer ciência, complexificando, uma vez que as relações humanas não podem ser simplificadas.

Para a comunidade empresarial esse estudo reafirma a importância da família como centro de referência e de influência nas escolhas alimentares. Sendo assim, as empresas devem considerar em suas estratégias de produção e comercialização a influência que a família exerce sobre a escolha dos indivíduos.

Para as políticas públicas, esse estudo chama a atenção para a preservação das tradições alimentares da família e, conseqüentemente, de uma nação. Assim, políticas públicas voltadas para uma alimentação saudável devem estar em consonância com a manutenção das tradições alimentares de uma nação, como também com a prevenção de doenças.

Por fim, acrescentam-se as limitações deste estudo. Os depoimentos das mães entrevistadas revelam grande preocupação com a saúde, sobretudo, no que tange a escolha dos alimentos, o consumo de alimentos caseiros, plantados em casa, a predominância do gostar, da

vontade e da preferência, o preço relegado a um plano secundário. Estas afirmações, feitas pelas mães parecem configurar uma limitação desse estudo, uma vez que as depoentes podem ter feito afirmações que não condizem, necessariamente, com sua prática cotidiana alimentar. Assim, é possível que algumas mães podem ter optado por fazer afirmações que a sociedade julga como correta, isto é, afirmações socialmente aceitáveis, ou ainda ter mencionado o que pensam a respeito dos tópicos abordados, o que pode ter contribuído para uma análise apenas parcial do conteúdo das mensagens, uma vez que há diferenças entre o pensar e o agir.

Esse estudo, assim como o de Bravo, Fraj e Martinez (2007), que trata da influência intergeracional na relação entre jovens consumidores e as dimensões da marca, não é conclusivo, mas apresenta novos subsídios para a discussão sobre as escolhas dos alimentos.

Sendo assim, como recomendação para estudos futuros, sugere-se que sejam realizadas outras pesquisas, tanto quantitativas como qualitativas, reunindo mais de uma geração de indivíduos, para continuar a investigação e a aplicabilidade da questão intergeracional no contexto alimentar.

BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/alimentos/acoes/index.htm>. Acesso em 20 set. 2007.

ALVARENGA, A. S., De.; LIMA-FILHO, D.O.; ARAUJO, G.C. Perfil do Consumidor de Alimentos Orientado para Saúde no Brasil. In: ENANPAD – ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXI, 2007. Rio de Janeiro/RJ. **Anais...**Rio de Janeiro: Anpad, 2007, CD ROM.

ALESSI, N. P. Conduta alimentar e sociedade. Simpósio Transtornos Alimentares: anorexia e bulimia nervosas. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 39, n. 3, p. 327-332, 2006.

ARES, G.; GÁMBARO, A. Influence of gender, age and motives underlying food choice on perceived healthiness and willingness to try functional foods. **Appetite**, [S.l], v.49, p. 148–158, 2007.

BABICZ-ZIELINSKA E. Role of psychological factors in food choice: A review. **Polish journal of food and nutrition sciences**, [S.l], v. 15, n. 4, p. 379-384, 2006. Disponível em: <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=18450011>. Acesso em 27 nov. 2007.

BARRETO, S.A.J, CYRILLO, D. C. Análise da composição dos gastos com alimentação no município de São Paulo (Brasil) na década de 1990. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 1, p.52-59, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 1977.

BENINCÁ, C.R.S, GOMES, W.B. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n.002, p 177-205, 1998.

BITTENCOURT, S. A. Uma alternativa para a política nutricional brasileira? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 14, v. 3, p. 629-636, 1998.

BLOCH, F.; BUISSON, M. **La garde des enfants une histoire de femmes**: entre don, équité et rémunération. Paris : L'Harmattan, 1998.

BRASIL. Resolução nº 18, de 30 de Abril de 1999. **Diário Oficial da União** de 03 de maio de 1999. Disponível em: <<http://e-legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=109>>. Acesso em 28 fev. 2007.

BRASIL. Portaria nº 27, de 13 de janeiro de 1998. **Diário Oficial da União** de 16 de janeiro de 1998. Disponível em: <<http://e-legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=97>>. Acesso em 28 fev. 2007.

BRASIL. Portaria nº 29, de 13 de janeiro de 1998. **Diário Oficial da União**, de 30 de março de 1998. Disponível em: <<http://e-legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=17213&word=>>>. Acesso em 28 fev. 2007.

BRAVO, R., FRAJ, E., MARTÍNEZ, E. Intergenerational influences on the dimensions of young customer-based brand equity. **Young Consumers**, [S.l], v. 8, n. 1, p. 58-64, 2007.

BOURDIEU, P.J. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação, 7 ed. São Paulo: Papirus, 2005.

BOVE, C.F.; SOBAL, J.; RAUSCHENBACH, B. S. Food choices among newly married couples: convergence, conflict, individualism, and projects. **Abstract/Appetite**, n. 40. p. 25- 41, 2003.

BUNCHAFT, A. F.; GONDIN, S.M.G. Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação. **Rev. Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 63-77, 2004.

CASCUDO, C. L. Da. **História da alimentação no Brasil**, 2 ed. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1983.

CANESQUI, A.M. Antropologia e Alimentação. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 22, n.3, p. 207- 216, 1988.

CANESQUI, A.M. A qualidade dos alimentos: análise de algumas categorias da dietética popular. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 20, n. 2, p.203-216, 2007.

CARNEIRO, H. **Comida e sociedade**: uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CARRIGAN, M.; SZMIGIN, I. “Mothers of invention”: maternal empowerment and convenience consumption. **European Journal of Marketing**, [S.l], n. 9/10, v.40, 2006.

CARRIGAN, M.; SZMIGIN, I.; LEEK, S. Managing routine food choices in UK families: The role of convenience consumption. **Appetite**, [S.l], v. 47, p.372–383, 2006.

CASOTTI, L. *ET AL.* Consumo de Alimentos e Nutrição: dificuldades práticas e teóricas. **Revista Cadernos de Debate**, Campinas, n. 6, p. 26-39, 1998.

CASOTTI, L. **À mesa com a família**: um estudo do comportamento do consumidor de alimentos. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M.. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Proex/UFMG, 2002.

CHASSIN, L.; PRESSON, C.C.; ROSE, J. S; SHERMAN, S. J. Maternal socialization of adolescent smoking – the intergeneration transmission of parenting and smoking. **Developmental Psychology**, [S.l], v. 34, n. 6, p. 1189-1201, 1998.

COULSON, N.S. An application of the stages of change model to consumer use of food labels. **British Food Journal**, v.102, n. 9, p. 661-668, 2000.

COLAÇO, J. Novidade, variedade e quantidade: os encontros e desencontros nas representações do comer em praças de alimentação em shopping-centers. Mneme. **Revista Virtual de Humanidades**, n. 9, v. 3, 2004. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme/ed9/052.pdf>
Acesso em: 28 Fev. 2007.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/consea/exec/index.cfm>. Acesso em 20 set. 2007.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DAMATTA, R. **Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2000.

DIAS DA SILVA, M.H.G. **A educação dos filhos pequenos nos últimos 50 anos: a busca do “melhor”?**. Dissertação de mestrado (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ENGEL, J. F.; BLACKWELL, R. D.; MINIARD, P. W. **Comportamento do consumidor.** Rio de Janeiro: LTC, 1995.

FISHBEIN, M. **A consideration of beliefs, attitudes, and their relationship.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 107-20, 1966.

FRANCO, A.L.P.B. **Análise de conteúdo**, 2 ed. Líber Livro: Brasília, 2005.

FREITAS, H.M.R. De; CUNHA, M.V.M. Jr.; MASCAROLA, J. Pelo resgate de alguns princípios da análise de conteúdo: aplicação prática da análise de conteúdo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, n. 20, Angra dos Reis/RJ, **Anais...** Angra dos Reis: Anpad, 1996, p. 467-487.

FREITAS, M.S.C. De, PENA, G. L. P. Segurança alimentar e nutricional: a produção do conhecimento com ênfase nos aspectos da cultura. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 20, n.1, p. 69-81, 2007.

GARCIA, R. W. D. Práticas e comportamento alimentar no meio urbano: em um estudo no centro da cidade de São Paulo. **Cad. Saúde Pública**, São Paulo, v.13, n.3, 1997.

GARCIA, R.W.D. Dieta Mediterrânea: inconsistências ao se preconizar modelos de dieta. **Caderno de Debates**, UNICAMP, Campinas, v. 8, p. 28-36, 2001.

GARCIA, R.W.D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 4, p. 483-492, 2003.

GARCIA, R.W.D. Representações sobre consumo alimentar e suas implicações em inquéritos alimentares: estudo qualitativo em sujeitos submetidos à prescrição dietética. . **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 17, n.1, p.15-28, 2004.

GAINS, N. The repertory grid approach. In: MACFIE, H.J.H.THOMPSON, D.M.H. **Measurement of food preference**. Blackie Academic e Professional, 1994.

GLASSMAN, I., EISIKOVITS, R.A. Intergenerational transmission of motherhood patterns: three generations of immigrant mothers of moroccan descent in israel. **J Comp. Fam. Stud.**, [S.1], v. 37, n.3, 2006.

GRIFFITH, C.J. Food safety: where from and where to? **British Food Journal**, [S.1], v. 108, n. 1, p. 6-15, 2006.

GOFTON, L. The rules of the table: Sociological factors influencing food choice. In: RITSON, C.; GOFTON, L.; MCKENZIE, J. (Ed.) **The food consumer**, [s.l], John Wiley & Sons Ltda, 1986.

HALL, R. J. **Fatores que influenciam o consumo de alimentos diet e light no Brasil**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Agronegócios) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

HALL, R. J.; LIMA-FILHO, D. O. Perfil do consumidor de produtos diet e light no Brasil. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO (SIMPEP), XII 2006, Bauru/SP, **Anais...** Bauru/SP : UNESP, 2006. p. 1-12.

HARDY, J.B., ASTONE, N.M., GUNN, J.B. Like mother, like child – intergeneration patterns of age at first birth and associations with childhood and adolescent characteristics and adult outcomes in the second generation. **Developmental Psychology**, [S.l], v. 34, n. 6, p. 1220-1232, 1998.

HERBST, K. C.; STANTON, J.L. Changes in family dynamics predict purchase and consumption. **British Food Journal**, [S.l], n.8, v. 109, p. 648-655, 2007.

HIRAI, W.G.; ANJOS, F.S. Dos. Estado e Segurança Alimentar: alcances e limitações de políticas públicas no Brasil. **Revista Virtual Textos e Contextos**, [S.l], n.8, 2007.

JUSTUS, D. Alimentação e nutrição no Brasil - 500 anos de história, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/nutricao/ixjanais.doc>>. Acesso em: 23 set. 2006.

KENNEDY, J. ET AL. Consumer food safety knowledge: segmentation of Irish home food preparers based on food safety knowledge and practice. **British Food Journal**, [S.l], v. 107, n. 7, p. 441-452, 2005.

LAMBERT, J. L, BATALHA, M. B., SPROESSER, R.L., SILVA, A. L. DA, LUCCHESI, T. As principais evoluções dos comportamentos alimentares: o caso da França. **Revista de Nutrição**. Campinas, v.18, n.5, p. 577-59, 2005.

LANNON, J. How people choose food: advertising and packaging. In: RITSON, C.; GFTON, L.; McKENZIE, J. **The food consumer**. New York: John Wiley, 1986, p.241-256.

LILLEY, J. Food choice in later life. **Nutrition & Food Science**, [S.l], n.2, p. 4-7, 1996.

LIMA-FILHO, D. O. **Valor percebido e o comportamento do consumidor de supermercado: um estudo exploratório em uma média cidade brasileira**. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1999.

LIMA-ASSIS, W.R.C. **O caminho intergeracional dos sentimentos**: estudos dos padrões afetivos transmitidos pela família. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LIMA, M.F.E.M. **A demanda e escolha das mães por educação infantil**: um novo tema para o estudo da educação infantil. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

LIMA, M.F.E.M. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**: curso de Psicologia, mar. à nov., 2008. Notas de aula.

LINDMAN, M. SIRELIUS, M. Food choice ideologies: the modern manifestations of normative and humanist views of the world. **Appetite**, [S.l], v. 37, n° 3, p. 175-184, 2001.

LORDELO, E. ROCHA, Da. Interação social e reponsividade em ambientes domestico e de creche cultura e desenvolvimento. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n.2, p. 343-350, 2002.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, L.Z. **Famílias e individualismo** – tendências contemporâneas no Brasil. Serie Antropológica, 2001. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista8/ensaio1.pdf>> Acesso em 04 fev. 2007.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia Científica**, 4 ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2004.

MALHOTRA, N. **Introdução à pesquisa de marketing**. São Paulo: Prentice Hall, 2005.

MATTAR, F. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 1999.

MAZZOTTI, A.J.; GEWANDSZNNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

MELLO, S.L.De. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, M.C.B.De (Org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 1997.

MENASCHE, R. Frankenfoods e representações sociais: percepções contemporâneas sobre biotecnologia, natureza e alimentação. **Revista Theomai**, Universidade Nacional de Quilmes, Quilmes, n.99, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/124/12499404.pdf>>. Acesso em 08 Jul. 2006.

MINAYO, M.C.S. Abordagem antropológica para avaliação de políticas sociais. **Rer. Saúde Pública**, São Paulo, n. 25, v. 3, p. 233-238, 1991.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO – MAPA. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/>. Acesso em 20 set. 2007.

MINISTÉRIO PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME – MDS. Disponível em:<<http://www.mds.gov.br/>> Acesso em 24 fev. 2008.

MINTZ, W.S. Comida e Antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p.31-41, 2001.

MITCELL, W. Research Review: The role of grandparents in intergenerational support for families with disabled children: a review of the literature. **Child and Family Social Work**, [S.], V. 12, pp 94–101, 2007.

MUSTONEN, S. *et al.* Hedonic responses as predictors of food choice: flexibility and self-prediction. **Appetite**, [S.], v. 49, p. 159–168, 2007.

NOVAES, A. L. **Comportamento do consumidor de carne e hortaliças no Brasil: o perfil dos consumidores**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Agronegócios)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

NOVELINO, A. M. **A cartilha da mãe perfeita: um discurso normalizador na psicologia de mídia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

OLIVEIRA, S.P, THÉBAUD-MONY, A. Modelo de consumo agro-industrial: homogeneização ou diversificação dos hábitos alimentares? **Revista de Cadernos de Debate**, Campinas, v. 4, p. 1-13. 1996.

OLIVEIRA, S.P, THÉBAUD-MONY, A. Estudo do consumo alimentar: em busca de uma abordagem multidisciplinar. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, n. 32, vol. 2, p. 201-208, 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO – FAO. Disponível em: < <https://www.fao.org.br/>>. Acesso em 20 set. 2007.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância do social. São Paulo: Summus, 2001.

PERDIGÃO, F., VITORINO, P., CUNHA, S. O papel educativo dos avós. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2004. Disponível em: < <http://maracuja.homeip.net/doc/soc/pdf/avos.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2007.

PETRAGLIA, I. C. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PETTINGER, C.; HOLDSWORTH, M.; GERBER, M. Psycho-social influences on food choice in Southern France and Central England. **Appetite**, n. 42, p. 307–316, 2004.

PESSANHA, L.D.R. A experiência brasileira em políticas públicas para a garantia do alimento - breve histórico. **Cadernos de Debate**, Campinas, v.11, p. 1-37, 2004.

PHILIPPI, S. T. ET AL. Pirâmide alimentar adaptada: guia para escolha dos alimentos. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 12, n.1, p. 65-80, 1999.

POLÍTICA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

POULAIN J. P. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**. UFSC, Florianópolis, 2004.

POULAIN, J.P, PROENÇA, R.P.C. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.16, n.3, 245-256, 2003a.

POULAIN, J.P, PROENÇA, R.P.C. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.16, n. 4, 365-386, 2003b.

POLLONIO, M. A. Rodrigues. **Impactos da globalização na segurança de alimentos**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005. Disponível em: <www.fooddesign.com.br/arquivos/academia/marise_pollonio_impactos_da_globalizacao_na_seg_alim.pdf>. Acesso em: 27 Junho 2005.

POWDERMAKER, H. An anthropological approach to the problems of obesity. In: COUNIHAN, C.; ESTERIK, P.V. (Org). **Food and Culture**. New York: Routledge, 1997.

PROENÇA, R., P. **Desafios da alimentação humana**, 2001. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sti/publicacoes/futAmaDilOportunidades/rev20011219_07.pdf>. Acesso em 04 Jul. 2006.

PUTNEY, N, M. BENGTON, V.L. Family relations in changing times: a longitudinal study of five cohorts of women. **International Journal of Sociology and Social Policy**, [S.l], v. 25, n. 3, p. 92-119, 2005.

REICHEMBACH, M. T. **Refeição em família: um lugar de encontro entre a história da alimentação e da enfermagem**, 2004. Disponível em:<<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/viewPDFInterstitial/1716/1424>>. Acesso em 18 set. 2006.

ROZIN, P. FALLON, A. E.; PELCHAT, M. L. Psychological factors influencing food choice. In: RITSON, C.; GFTON, L.; McKENZIE, J. **The food consumer**. New York: John Wiley, p.85-106, 1986.

ROININEN, L. K.; LAHTEENMAKI, L.; TUORILA, H. Quantification of Consumer Attitudes to Health and Hedonic Characteristics of Foods. **Appetite**, [S.l], v. 33, 71–88, 1999.

RUTTER, M. Some research considerations on intergenerational continuities and discontinuities: comment on the special section, **Developmental Psychology**, [S.l], n 34, v. 6, p. 1269-1273, 1998.

RUSCHEL, A. E., CASTRO, O. P. De. O vínculo intergeracional – o velho, o jovem e o poder. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 11, n .3, 1998.

SALAY, E. política de alimentação e nutrição: evolução das abordagens. **Cadernos de Debate**, Campinas, v. 1, p. 1-19, 1993.

SAMARA, E.M.de. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, C.R.A. Dos. Alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa, 2005. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/4643/3797>>. Acesso em 29 out. 2006.

SANTOS, S. M. C. Dos; SANTOS, L.M.P. Avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e combate à fome no período de 1995-2002. 1 – Abordagem metodológica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 23, v. 5, p. 1029-1040, 2007.

SAMPAIO, M.F.A, CARDOSO, J.L. Análise Comparativa do consumo de alimentos: América Latina e União Européia. **Caderno de Debates**, Campinas, v.9, p.17-37, 2002.

SARI, C.A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M.C.B.De (Org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 1997.

SERBIN, L.A *et al.* Intergeneration transfer of psychosocial risk in womwn with childhood histories of aggression, withdrawal, or aggression and withdrawal. **Developmental Psychology**, [S.I], v. 34, n. 6 p. 1246-1262, 1998.

SHAPIRO, A. Revisiting the ‘generation gap’: correlates of adult child-older parent discrepancies in their reports of intergenerational solidarity. **International Journal of Aging and Human Development**, [S.I], p. 1-25, 2005.

SILVA-SANTOS, L.A. Da. **O corpo, o comer e a comida**: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares cotidianas na cidade de Salvador – Bahia. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILIPRANDI, E. Política de Segurança Alimentar e relações de gênero. **Cadernos de Debate**, Campinas, v.11, p.38-57, 2004.

SPROESSER, R. L. ; NOVAES, A. L. ; LIMA-FILHO, D. O.; BATALHA, M. O. ; LAMBERT, J. L. Perfil do consumidor brasileiro de carne bovina e de hortaliças. In: CONGRESSO DA SOBER, XLIV, 2006, Fortaleza/CE. **Anais...**Fortaleza: Unifor, 2006, CD ROM.

SPEARS, E.E. **Mecanismos de regulação da qualidade e segurança dos alimentos**. Tese de Doutorado (Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social na era dos meios de comunicação de massa, 3. ed, Petrópolis: Vozes, 1999.

THOMPSON, K.E.; HAZIRIS, N.; ALEKOS, P.J. Attitudes and food choice behaviour. A study of consumers' attitudes on the consumption of olive oil in the UK. **British Food Journal**, [S.l.], n. 11, v.96, p. 9-13, 1994.

TORGAL, G. J. S. Dos R. Subsídios para a história da alimentação. **Revista de Guimarães**, Volume Especial, II, Guimarães, p. 661-667, 1999.

VASCONCELLOS, M. J. E. De. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.

VITALE, M.A.F. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, M.C.B.De (Org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 1997.

VITALI, I.L. **Como nossos pais?** A transmissão intergeracional dos estilos parentais. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

VON ALVENSLEBEN, R. Consumer Behavior. In: PADBERG, D.I; RITSON, C; ALBISU, L.M. (Org). **Agro Food Marketing**, Wallingford: Cab International, 2002.

WARDE, A. **Consumption, food and taste**. London: Sage, 1997.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. Da (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes 2000.

WOORTMANN, K. **Hábitos e ideologias alimentares em grupos de baixa renda**: relatório final de pesquisa. Brasília. Universidade de Brasília, 1978. (Série Antropologia 20). Disponível em: <www.unb.br/ics/dan/serie20empdf.pdf>. Acesso em 23 fev. 2008.

WRIGHT, L.T.; NANCARROW, C.; KWOK, P.M.H. Food taste preferences and cultural influences on consumption. **British Food Journal**, [S.l], v. 103, n. 5, p. 348-357, 2001.

YUNES, M.A.M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.8, n.esp., p. 75-84, 2003.

YASBEC, M. C. O programa fome zero no contexto das políticas sociais brasileiras. **São Paulo Em Perspectiva**, São Paulo, n.18, v. 2, p. 104-112, 2004.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

I. Caracterização da participante

Nome: _____

1. Idade: _____

2. Naturalidade: _____

3. Renda mensal familiar: _____

4. Número de participantes na família (morando junto): _____

5. Escolaridade:

Superior completo Superior incompleto Médio Completo

Médio Incompleto Fundamental Completo Fundamental Incompleto

6. Profissão: _____

7. Jornada de trabalho: _____

8. Estado Civil: _____

II. Sobre as escolhas

2. 1 Existe algum motivo para comprar um alimento influenciado (relate dados que julgar interessantes de serem registrados) ?

2.1.3 A mídia exerce influência na hora de escolher os alimentos? Por quê?

III. Fale-me sobre sua concepção acerca de:

- a) Alimento:
- b) Cozinhar:
- c) Família:
- d) Mãe:
- e) Pai:
- f) Mulher “moderna”:
- g) Homem “moderno”:

IV. Sobre os hábitos alimentares

- 4.1 Quando seus filhos eram pequenos quem cozinava para a família?
- 4.2 Agora que os filhos cresceram quem cozinha em casa?
- 4.3 Quando a senhora era pequena, quem cuidava da alimentação?
- 4.4 Qual a inspiração para o preparo dos alimentos (cardápio) da família?
- 4.5 Quem sugere o cardápio?
- 4.6 No momento do preparo da refeição, a senhora pensa em coisas que a senhora comia quando era pequena?
- 4.8 No momento da compra do alimento você observa se o produto é regulamentado/autorizado pelo poder público?
- 4.9 Você pagaria qualquer preço pelo alimento que você e sua família gostam?

APÊNDICE B – Termo Livre de Consentimento Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Departamento de Economia e Administração

Mestrado em Agronegócios

Termo Livre de Consentimento Esclarecido

Eu, _____, portador
(a) da cédula de identidade (RG) _____, residente
na _____ Bairro, _____,
CEP: _____, cidade _____.

AUTORIZO, a utilização dos dados obtidos nas entrevistas com a pesquisadora **Caroline Pauletto Spanhol**, portadora do RG: 001287490 e CPF: 002.741.251-29, constantes os telefones para dúvidas e informações: (67) 3341-9188 e do Comitê de Ética em Pesquisa/CEP/UFMS: (67) 3345-7184, para fins de ENSINO E PESQUISA sobre: **O comportamento do consumidor de alimentos sob a perspectiva da transmissão intergeracional**, cujo objetivo é buscar entender de que forma o fenômeno da intergeracionalidade, compreendido como a herança material e simbólica transmitida de geração em geração, interfere nos hábitos de alimentação.

Declaro estar ciente de que:

- Qualquer publicação deste material excluirá toda informação que permita a identificação dos participantes por meio de terceiros;
- Os participantes estão autorizados a encerrar sua participação no trabalho a qualquer momento que julguem necessário;
- As entrevistas serão gravadas e, logo após o uso (restrito ao pesquisador) serão desgravadas. O conteúdo das entrevistas será transcrito a identidade dos participantes será preservada e o anonimato respeitado e assegurado.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será elaborado em duas vias, sendo uma do participante e outra do pesquisador.

Campo Grande, 09 de Maio de 2007.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C – Análise de conteúdo das mensagens

1. Existe um motivo para comprar um alimento?			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	Não, às vezes eu vou e vejo, aí eu pergunto para ela se ela quer comer ou então eu mesmo já compro e já levo e deixo separado porque vira e mexe ela lancha a tarde e aí eu já tenho que comprar e deixar para ela.	.. aí eu pergunto para ela se ela quer comer ou então eu mesmo já compro e já levo	Preferência
Seleida	Eu escolho preço e pelo produto também, o melhor. E pelas vitaminas que eles propõem para a gente.	Eu escolho preço e pelo produto também, o melhor.	Vitamina
Maria	No caso das verduras é por causa que tem vitaminas, é bom para a saúde, principalmente a beterraba...eles não gostam, aí eu bato no liquidificador e do pra elas...elas tem que toma, já que não comem na salada, então faço suco e do pra elas toma.	No caso das verduras é por causa que tem vitaminas, é bom para a saúde....	Vitamina
Mariana	Bom, é qualidade, né? Se é uma verdura, uma fruta, se é saudável. Porque depende do que eu vou comprar, se tem vitamina e se tem qualidade, né? E valor também né?	Bom, é qualidade, né? Se é uma verdura, uma fruta, se é saudável.	Saúde
Cleo	A saúde. Porque a saúde é a coisa mais preciosa, então você tem que cuidar dela. E..nós somos o que comemos.	A saúde. Porque a saúde é a coisa mais preciosa, então você tem que cuidar dela. E..nós somos o que comemos.	Saúde
Ana	Não...não....simplesmente é que tem	Uma coisa, os meninos não gostam	Preferência

	<p>determinados alimentos que a gente não gosta, mas muitas vezes, você é obrigado a comer por causa do....que é saudável né? Tem muitas vitaminas. Uma coisa, os meninos não gostam ..outras a gente gosta, então, a gente procura conciliar a comer o que todos gostam né?</p>	<p>..outras a gente gosta, então, a gente procura conciliar a comer o que todos gostam né?</p>	
Nice	<p>Olha, em certos alimentos sim em outros...por necessidade, como nosso organismo, como acabei de falar, precisa né?</p> <p>Ah! Por exemplo, um motivo de eu gostar de jiló é motivado pelo sabor né? Pelo que a minha mãe fazia né? Sempre quando eu vejo jiló eu lembro que eu comia sempre junto da minha mãe..que ela fazia..preparava. Sempre fazia carne assada na panela né? Já fazia o jiló também. Então...isso é ..para mim..uma motivação.</p>	<p>Olha, em certos alimentos sim em outros...por necessidade....</p> <p>Pelo que a minha mãe fazia né? Sempre quando eu vejo jiló eu lembro que eu comia sempre junto da minha mãe..que ela fazia..preparava.</p>	Lembrança da infância
Nenice	<p>A razão tem, que todos nós temos, a razão de escolher um bom alimento. Veja bem, é..você assiste televisão, você assiste jornal, não é? E então, o que que acontece? Você fica sabendo de tudo o que não é bom que eles passam para a gente. Então, através disso, nós temos várias doenças que a gente não</p>	<p>Então, é...o motivo é esse, de onde ta vindo tanta doença, tanta coisa, porque nós não sabemos, nem os médicos sabem.</p>	Saúde

	<p>sabe da onde vem e que antigamente não tinha, não é? Antigamente, as pessoas trabalhavam no campo, sol a sol não é? Alimentação não era nem óleo, era banha de porco não é? E viviam muitos anos e com saúde. Quer dizer, tinha mortes súbitas e tal, tinha, lógico, mas...porque não tinha aquele recurso que nós temos hoje, mas eu não acredito que seja por...olha, quando eu era menina eu comia muito aquele tutano, a minha vó tinha uma pedra e batia aquele osso e saia aquele tutano e juntava todos nós ali entendeu? E comíamos, se lambrecava naquilo, nunca fez mal. Hoje, se você põem um pouquinho mais de óleo...dá problema de diabetes é...tudo...os vasos entopem...tudo proveniente da gordura, do óleo. Por exemplo, o óleo que consumimos em casa ta diminuindo dia a dia, ta? Antigamente se colocava 2 colheres de óleo para o arroz e hoje se coloca menos de 1 colher para o arroz. Você vê que meus meninos são magrinhos, não são gordos, mas se eles comessem muita comida gordurosa, eles seriam mais gordos, não tenha a menor dúvida, mas eles não teriam a saúde que eles tem, então, eu, como eu não gosto, também não passo para eles, entendeu? Então, é...o motivo é esse, de onde ta vindo</p>		
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	tanta doença, tanta coisa, porque nós não sabemos, nem os médicos sabem.		
Márcia	<p>Porque às vezes os médicos preconizam regras muito rígidas e eu não sigo tão rigidamente não. Eu vou muito naquilo que eu gosto também, mas, é claro que eu vou observar determinadas regras de bom senso. Ai entra o bom senso, eu não sigo exatamente o que o médico diz não, eu vou pelo bom senso, uso muito o que eu aprendi em casa com a minha avó, com a minha mãe, em termos de vida agradável. Porque também não adianta só quantidade de tempo de vida, tem que levar em conta a qualidade, então, complemento o que os médicos preconizam com muita sabedoria que eu vivenciei em casa com a minha avó e com minha mãe. Então, eu posso comer dois ovos fritos ou um bife a milanesa, com a consciência bem tranqüila, porque eu vou procurar minimizar um possível transtorno que aquilo possa causar na minha vida com um chazinho, uma beberagem bem caseira entendeu? E isso tem funcionado numa boa. O equilíbrio. Faço o que eu gosto, como o que eu amo, sem consciência pesada.</p>	<p>Eu vou muito naquilo que eu gosto também, mas, é claro que eu vou observar determinadas regras de bom senso. Ai entra o bom senso, eu não sigo exatamente o que o médico diz não, eu vou pelo bom senso, uso muito o que eu aprendi em casa com a minha avó, com a minha mãe, em termos de vida agradável.</p>	Lembranças da infância
Norma	Não, eu acho que não, né? Tudo o que eu compro lá em casa eles comem. A	Não, eu acho que não, né? Tudo o que eu compro lá em casa eles	Preferência

	<p>escolha ta ligada porque gosta..é. A única coisa que eu compro que eu sou obrigada a comprar todo mês, é uma caixa de chocolate quando vou fazer compra, essa eu tenho que trazer. Se eu não trazer...Ave Maria! É três caixa, porque é três filhos né? Tem que ser três caixas de chocolate. Eu gosto, mas não faço questão, é mais para eles.</p>	<p>comem. A escolha ta ligada porque gosta..é.</p>	
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------	--

1.1 Recebe alguma influência na hora de comprar?			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	<p>É..vira e mexe estou lendo revista sobre fruta, sobre os alimentos, sobre as vitaminas que eles tem, que eles fornecem. Aí eu vou e compro e falo para ela. As vezes ela fala: - Mãe eu nunca comi, mas então, tem sempre a primeira vez. Ai eu falo para ela: - Vamo experimentar. Aí, tem hora que ela fala: -Ah mãe! Eu não gosto, aí eu falo: - você nunca provou. Ai ela fica assim...porque quando ela come mesmo ela fala: -Ah mãe! È gostoso! Aí...ela às vezes fica ou ela vai no mercado com a vó dela, aí ela fala: - vó, minha mãe comprou dessa fruta aqui. Compra dela!</p>	<p>É..vira e mexe estou lendo revista sobre fruta, sobre os alimentos, sobre as vitaminas que eles tem, que eles fornecem.</p>	Mídia

Seleida	<p>Não. Não de nenhuma influência. Às vezes a propaganda ajuda, porque as vezes a gente não tem muito tempo de ficar vendo o produto né? Porque a gente trabalha o tempo todo quase. Às vezes a gente senta um pouquinho para assistir televisão e vê a propaganda, a gente tem um pouquinho de influência da propaganda.</p>	<p>Às vezes a gente senta um pouquinho para assistir televisão e vê a propaganda, a gente tem um pouquinho de influência da propaganda.</p>	Mídia
Maria	<p>Não. O único que eu peço opinião é pro meu marido, só! Fica entre nós dois. Ai! Amigo..ah experimenta isso que é bom, não sei o que. Não experimento não.</p> <p>Ah! Cada um sabe do seu jeito dentro da sua casa, do seu estilo..eu não...eu também quase não converso, eu quase não tenho tempo. Chego lá, vou fazer o serviço da casa e não fico conversando com ninguém.</p>	<p>Não. O único que eu peço opinião é pro meu marido, só! Fica entre nós dois.</p>	Cônjuge
Mariana	<p>Alimentos frescos, vindo de horta próximo da cidade, sem agrotóxicos, não passa muito pelo sol quente, embalagens limpas são alimentos mais confiáveis. Campo Grande tem várias hortas nas proximidades, próximos da onde a gente mora. Aqui mesmo próximos ao rádio Clube, aqui, próximo ao bairro Monte Castelo, lá atrás da Monza, na avenida nova, tem uma horta...muito grande também. É muito</p>	<p>Uma das grandes influências é você comprar um produto da terra, de próximo de você.</p>	Produto da terra natal

	<p>importante ir à horta, não é importante o que você ia comprar fresco e você visita a qualidade da horta, a qualidade de quem está plantando, quem ta manipulando aquilo, a terra e tal. Isso tem uma certa influência. Por exemplo, esse produto veio daqui, veio dali é diferente de dizer, aquele produto veio de São Paulo é de longe, você não sabe. Uma das grandes influências é você comprar um produto da terra, de próximo de você.</p>		
Cleo	<p>Então, tem esse lado da religião, porque a gente procura cada vez melhorar, com a questão da alimentação....conselho sobre isso. Do lado da família também, porque a minha mãe cuida da alimentação que é uma coisa linda. Eu queria ser como minha mãe. Minha mãe cuida muito, cuida, cuida...ela faz ali oh! Minha mãe tem 71 anos, sempre caminhada, sempre cuidando da alimentação, muita fruta, muita verdura, muita fruta, muito suco. Ela levanta de manhã e já bate o suco e toma. Ela cuida muito. Então, tem esse lado da família, a minha irmã se preocupa muito com isso. Então a gente conversa, a gente troca leitura eeu acho que a mídia não...não...é negócio de comer coisa, tomar coca cola, por exemplo, que mais</p>	<p>Eu queria ser como minha mãe. Minha mãe cuida muito, cuida, cuida...ela faz ali oh! Minha mãe tem 71 anos, sempre caminhada, sempre cuidando da alimentação, muita fruta, muita verdura, muita fruta, muito suco. Ela levanta de manhã e já bate o suco e toma.</p>	Mãe

	que a mídia puxa muito? Esse lado de fast food, a gente não..não somos. Época de páscoa que é aquela loucura, a gente não...a gente não vai por isso não.		
Ana	<p>Ah!! Isso daí vem da mamãe né? Que a mamãe nos ensinou e é uma coisa que passa de geração para geração.</p> <p>Eu acho que em primeiro lugar é o carinho né? Porque a mamãe nos criou com muito amor, com muito carinho...impressionante! Somos 5 filhos e os 5 seguem a culinária da mamãe e graças a aquela lá de cima, nos somos todos saudáveis,sem doença nenhuma, sem nada e eu acredito que seja por causa dos alimentos que a gente procura comer..muito legume, muito verde, o feijão que é muito importante..pro meu filhão que adora fazer regime de feijão. Feijão cheio de caldo, bem grosso!! De vez em quando coloca uma beterrabinha para cozinhar junto com o feijão, um pedaço de carne seca para que sustente realmente..eu acredito que seja isso!</p>	<p>Ah!! Isso daí vem da mamãe né? Que a mamãe nos ensinou e é uma coisa que passa de geração para geração.</p>	Mãe
Nice	<p>Ah!! Acho que da minha mãe.</p> <p>Os filhos pedem alguma coisa. Eles gostam muito de frango assado é....eu</p>	Ah!! Acho que da minha mãe.	Mãe

	sempre comi peixe na minha alimentação de infância, eles também gostam muito né? Então...essas coisa eles sempre pedem.		
Nenice	Eu não vou atrás de...fulana comeu alguma coisa estragado..não, não, não...isso não. Eu vejo mais assim, a coisa característica, mais básica que você ouve de médicos, que você ouve de cientistas, essas coisas assim, eu vou mais nisso, eu não vou por que fulana falou, ciclano falou.	Eu vejo mais assim, a coisa característica, mais básica que você ouve de médicos, que você ouve de cientistas...	Médicos e cientistas
Márcia	Bom, claro! Eu tenho quatro filhos, todos casados, então a família vai multiplicando por 2, já são oito na casa, eles vem todos os sábados almoçar conosco e cinco netos. Sendo que 3 moram aqui e 2 em São Paulo. Então, o que que acontece....eu por exemplo, não sou muito de refrigerante, sobretudo, zero, diet, light etc, mas eu sempre tenho em casa porque minhas filhas gostam, tomam. Então, eu sou compelida a comprar esses produtos por causa delas. Os netos por sua vez gostam de suco de uva é o único suco aliás que eles tomam. Então, permanentemente você vai encontrar na minha dispensa com as garrafas de suco	Eu procuro comprar alimento orgânico, sem aditivo, sem açúcar, sem nada.	Alimento Natural

	<p>de uva. Eu procuro comprar alimento orgânico, sem aditivo, sem açúcar, sem nada.</p> <p>O resto claro, tendo orgânico é claro que eu vou preferir orgânico. Mas assim, coisas que eu não compraria com a frequência que eu compro, mas eu compro por causa das crianças, dos filhos, dos netos etc. realmente eles me influenciam sim.</p>		
Norma	Não. Não tem nenhuma. A única coisa que meus filhos pedem para mim é a caixa de chocolate, mais nada. Eu escuto o conselho das amigas e chego a comprar o determinado produto indicado.	Eu escuto o conselho das amigas e chego a comprar o determinado produto indicado.	Amigas

1.2 A mídia exerce influência nas suas escolhas por alimentos?			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	Não. Eu acho que não. Porque eu vou mesmo assim...por intuição, mesmo, pelo que eu vejo! Eu falo assim...tem certas vitaminas então é bom para o corpo, pro organismo.	Não. Eu acho que não. Porque eu vou mesmo assim...por intuição, mesmo, pelo que eu vejo!	Intuição
Seleida	Olha, eu vi na propaganda aquela verdurarabanete. Eu via sempre, mas	Olha, eu vi na propaganda aquela verdurarabanete. Eu via sempre,	Propaganda

	<p>eu nunca tinha comprado, e sempre na propaganda. Ai eu resolvi comprar, experimentar e gostei do rabanete que eu tinha comprado e o brócolis. É...eu sempre via na propaganda e nunca tinha comprado, porque assim...a gente compra aquilo que a gente mais usa no dia a dia né? Ai, eu resolvi comprar, fazer e gostei! E agora eu sempre compro. Adorei o brócolis, muito bom. Eu achava que era uma coisa sem graça, sensível, por ser uma florzinha, então, eu fiz e gostei.</p>	<p>mas eu nunca tinha comprado, e sempre na propaganda. Ai eu resolvi comprar...</p>	
Maria	<p>Ah! Sempre minha guria mais velha fala que ela fica mais na TV ela fala, mas mais é shampoo para ficar com cabelo bonito essas coisas, pra comida é mais minha mãe que vê..receita da Maria Braga ela quer fazer, só. Eu não tenho tempo para assistir.</p>	<p>Ah! Sempre minha guria mais velha fala que ela fica mais na TV ela fala, mas mais é shampoo para ficar com cabelo bonito essas coisas, pra comida é mais minha mãe que vê..receita....</p>	Mãe
Mariana	<p>De repente para conhecer o produto né? Porque tudo a gente...a propaganda influencia bastante né? Chego lá, suponhamos, a propaganda do Omo, aí, Omo com Comfort...vou comprar para ver se é bom né?. Assim...panfletagem também.</p>	<p>De repente para conhecer o produto né? Porque tudo a gente...a propaganda influencia bastante né?</p>	Para conhecer
Cleo	<p>Bom, da religião sim. Foi como eu falei para você, nós temos muitos livros sobre</p>	<p>...então, tem esse lado da família, a minha irmã se preocupa muito com</p>	Família

	<p>alimentação, temos a revista Vida e Saúde que é mensal né? Muita gente faz assinatura, é muito vendida. É uma revista bem conhecida.</p> <p>...então, tem esse lado da família, a minha irmã se preocupa muito com isso. Então a gente conversa, a gente troca leitura eeu acho que a mídia não...não...é negócio de comer coisa, tomar coca cola, por exemplo, que mais que a mídia puxa muito? Esse lado de fast food, a gente não..não somos. Época de páscoa que é aquela loucura, a gente não...a gente não vai por isso não.</p>	<p>isso. Então a gente conversa, a gente troca leitura eeu acho que a mídia não...não...é negócio de comer coisa, tomar coca cola, por exemplo, que mais que a mídia puxa muito? Esse lado de fast food, a gente não..não somos. Época de páscoa que é aquela loucura, a gente não...a gente não vai por isso não.</p>	
Ana	<p>Não, eu não vou por anúncio não. Não, porque eu tenho uma personalidade minha, porque muitas vezes aquilo que você gosta eu não gosto e..então, eu vou muito pela minha cabeça.</p>	<p>e..então, eu vou muito pela minha cabeça.</p>	<p>Vou pela minha cabeça</p>
Nice	<p>Depende. Depende muito assim....depende do tipo da propaganda e o que eles estão falando sobre o alimento e sobre o que eles estão falando sobre aquele alimento. Acho que depende assim. Eu não vou muito pela propaganda. Eu acho que eu não vou muito pela propaganda da tv não.</p>	<p>Ah!! Sobre a saúde mesmo...que a gente tem que escolher o alimento certo, bom pela saúde e não pela propaganda.</p>	<p>Saúde</p>

	Ah!! Sobre a saúde mesmo...que a gente tem que escolher o alimento certo, bom pela saúde e não pela propaganda.		
Nenice	Levo, levo...levo mas não vou assim...entrando de cabeça. Eu tiro o que é bom, o que eu acho que bom, porque o que eu acho que não é bom, que é ruim, eu deixo de lado, ta? Não trago para casa, porque não é tudo que você vê é....nem tudo o que balança cai. Então, não é aquilo que é muito bonito que é bom! Você tem que pesquisar, você tem que ver se realmente...puxa! Essa propaganda acho que é meio enganosa e tal. Eu não vou entrar nessa! Mesma coisa com a propaganda de roupa, surge uma moda aí...extravagante..eu vou entrar? Não. Pra mim, não serve, então eu vou continuar nas minhas...na minha maneira de vestir e vou deixar que aquilo passe, depois se voltar outra que me adapte tal..tudo bem, se não, não!	Então, não é aquilo que é muito bonito que é bom! Você tem que pesquisar, você tem que ver se realmente...puxa! Essa propaganda acho que é meio enganosa e tal. Eu não vou entrar nessa!	Desconfia
Márcia	Vamos falar em termos de mídia fica melhor. Não, a mídia não exerce muito grande sobre mim não. Porque inclusive, vou te falar com toda a sinceridade, quando eu estou assistindo televisão, na hora do intervalo comercial, eu mudo de canal, eu vou	Eu vou mais pela propaganda boca a boca, amigas que indicam algum produto bom, vou pelo fabricantes...	Amigas

	<p>procurar...então, eu posso ver uma novela e um filme...um pedaço do filme, porque a propaganda não me interessa. Eu vou mais pela propaganda boca a boca, amigas que indicam algum produto bom, vou pelo fabricantes como eu te disse, porque as vezes o nome fantasia pode mudar, o produto é o mesmo, mas o nome fantasia pode mudar. O produto é o mesmo e o nome fantasia outro, mas eu vou lá atrás para ver se é da Procter e Gamble ou ver se é da Jonhson e Jonhson, vou ver se é da ...para mostrar que não é não é propriamente a mídia que faz a minha cabeça. Eu acho até que a mídia vai até me influir se eu me deixar influir porque a mídia é subliminar, porque ela vai repetindo, jogando aquelas coisas bonitas, a mensagem sempre bonita, quando mais supérfluo o produto, mas bonita é a propaganda. Então, eu não me deixo levar por isso. Eu sou mais racional nas minhas compras.</p>		
Norma	<p>As vezes sim. Olha, sobre alimentação? Eu tenho uma menina ela tem anemia sabe? Minha filha, eu vi na televisão que a beterraba é muito boa, né? Batida no liquidificador com fígado aí eu dei pra ela e ela melhorou, ela tava com anemia profunda mesmo. E melhorou e ela</p>	<p>A médica já tinha falado pra mim fazer, só que eu não tinha dado muita importância né?, ai, eu vi no jornal e resolvi fazer. Aí eu fiz.</p>	Mídia

	<p>tomava tudo, mas voltava e ela dizia que não tava bem e ela tinha medo e melhorou. Eu vi e disse: Vou fazer e ela falou: - Faz pra mim mãe, compra e faz! Ela queria sair daquela, aí ela tomo, foi fazer exame e não tem mais anemia. Eu comprava remédio pra ela, dava pra ela, mas era a mesma coisa que nada. Ela sarou com aquilo sabia? Nem parece...simples. A médica já tinha falado pra mim fazer, só que eu não tinha dado muita importância né?, ai, eu vi no jornal e resolvi fazer. Aí eu fiz.</p>		
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

2.Fale-me sobre sua concepção acerca de alimento			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	<p>...a gente vai comprar um produto, uma fruta, a gente comendo muita mistura, ali... que eles fazem..química...para o alimento crescer, cê vai comer e você fica meio assim, né? Será que esse aqui ta com alguma mistura? Mais fácil é ir lá, comprar primeiro a semente e plantar no quintal, cê sabe que ali não tem nenhum tipo de mistura química ali. Pelo menos cê ta tratando da sua verdura ali. Mas cê compra de outro, cê fica até meio assim...</p>	<p>Mais fácil é ir lá, comprar primeiro a semente e plantar no quintal, cê sabe que ali não tem nenhum tipo de mistura química ali.</p>	Alimento sem agrotóxico/caseiro

	<p>Minha mãe mesmo quando criava frango, nós socava mandioca e dava para os frango come ai eles engordavam, só com aquilo ali, só com a mandioca. A gente ia, tirava da roça, aí chegava lá e socava. Porque é mais fácil caseiro do que comprar um frango comprado.</p>		
Seleida	<p>Olha menina! Ultimamente a gente tem até medo um pouco de comer certos alimentos, ta tudo envenenado, tudo cheio de coisa, principalmente agora que saiu na televisão agora sobre o leite. Jogaram soda caustica, água oxigenada no leite. Então a gente, as vezes, fica com medo de alguns alimentos, de comprar, de dar para os filhos, para criança, principalmente para criança, né? Que criança tem...é mais sensível que a gente, que a adulto. Então, eu penso muito nos alimentos, sobre essa questão aí. Principalmente esses produtos químicos que estão colocando nos alimentos</p> <p>Olha, por causa dessa preocupação porque muitas pessoas dizem que muitas doenças que estão dando na gente, principalmente câncer, é através desses alimentos, dessas...dessas químicas que</p>	<p>Olha, por causa dessa preocupação porque muitas pessoas dizem que muitas doenças que estão dando na gente, principalmente câncer, é através desses alimentos, dessas...dessas químicas que estão colocando. Então por isso que eu penso. To vendo muitas pessoas com essa doença, aí, geralmente a gente vê alguns comentários na televisão que a maioria das doenças é através dos alimentos. A gente acaba ficando com medo de alguns alimentos por causa disso.</p>	Alimento sem agrotóxico/caseiro

	estão colocando. Então por isso que eu penso. To vendo muitas pessoas com essa doença, aí, geralmente a gente vê alguns comentários na televisão que a maioria das doenças é através dos alimentos. A gente acaba ficando com medo de alguns alimentos por causa disso.		
Maria	Que a gente come e fica forte, não fica doente, fica fraco, tem que comer na hora certa. Acho que é isso que é o alimento de toda a pessoa, do Brasil inteiro.	Que a gente come e fica forte, não fica doente, fica fraco, tem que comer na hora certa.	Ficar forte
Mariana	O alimento ele é fonte da vida, sem eles nós.... não seria nada. E quanto mais colorido o prato, mais rico em vitaminas é. Coloridos se possível. Até porque hoje, através das reportagens da televisão, vem orientando nós. Orientando as mães, orientando as cozinheiras nos modos de preparar e de embelezar. É da onde vem a palavra colorido, que fique bonito também e enfeitado.	O alimento ele é fonte da vida, sem eles nós.... não seria nada.	Fonte de vida

Cleo	Ah! Eu penso assim, que o alimento é prioridade na nossa vida, porque como eu falei, tudo no nosso organismo depende daquilo que a gente come. Tudo depende..tudo! Então, ele é prioridade na nossa vida.	Então, ele é prioridade na nossa vida.	Fonte de vida
Ana	Alimento na minha cabeça é...quer dizer uma comida saudável, sabe? Aquela comida que você faz e o vizinho fala: - Ah!! Que coisa boa que está esse cheiro!! Então, alimento para mim tem que ser cheiroso, saudável e que na hora que a turma senta na mesa come mesmo para se satisfazer assim..sabe?	Ah!! Que coisa boa que está esse cheiro!!	Satisfação em comer
Nice	É a questão de saúde né? E questão de saudável né?	É a questão de saúde né?	Saúde
Nenice	Ah!! O alimento para mim é fonte de riqueza, saúde! Embora, o que eu já lhe disse, tem que ser bem escolhido, né? Não é tudo que você vai pegando e trazendo para casa, se alimentando disso ou daquilo, mesmo sendo alimentos gostosos, por exemplo, sorvete..é uma delícia...quem não gosta? Eu adoro...eles tudo bem..são jovens podem comer a vontade, mas eu por exemplo, na minha	Porque se você viver doente ou comer de mais, ou comer coisas assim que você vê que não vai trazer benefício para você e aí você viver prejudicada, viver obesa que eu não tenho nada conta, mas eu acho que as pessoas que é, tem. Então eu acho assim, que tem que ter....não é fazer regime, é ter uma conduta.	Frustração

	<p>idade e da do meu marido, a gente já se reserva mais..mesmo estando com vontade, eu tomo uma vez, até ultrapasso as vezes, mas levo mais assim...deixando passar vários dias para tomar outro, que eu sou cuidadosa com a saúde. Muito cuidadosa com a saúde! Acho assim, que a saúde é prioridade, que ...você vive é prioridade. E viver o que que é? É viver com saúde. Porque se você viver doente ou comer de mais, ou comer coisas assim que você vê que não vai trazer benefício para você e aí você viver prejudicada, viver obesa que eu não tenho nada conta, mas eu acho que as pessoas que é, tem. Então eu acho assim, que tem que ter....não é fazer regime, é ter uma conduta.</p>		
Márcia	<p>O alimento é uma coisa maravilhosa! Bom, que que nós podemos falar sobre alimentos? Quando a gente é pequenininho e estuda sobre os alimentos a gente vai entender que os alimentos são construtores, reguladores, energéticos etc. A partir daí, eu acho que até fica no subconsciente, sobretudo para uma geração como a minha geração que foi criada é..vivendo essa realidade porque as professoras frizavam muito e as mães em casa, só que é bom..até para motivar a vaidade feminina eu lembro que eu comia algumas coisas que a</p>	<p>Então, eu acho que o alimento é uma coisa muito valiosa na nossa vida, é um instrumento para gente viver feliz, não é para gente sofrer não.</p> <p>E pra deixar a gente feliz! (risos). Para não ficar com sentimento de culpa se come muito, não ficar com sentimento de frustração se deixa de comer..uma coisa séria.</p>	Frustração

	<p>minha mãe falava que esse aqui vai deixar o cabelo com brilho, então a gente comia, esse vai deixar a pele viçosa, pele de pêssego, quem não queria ter uma pele de pêssego? E tudo numa época que não havia esses recursos, como existe hoje. Então, todo mundo queria ser maravilhoso né? Claro! Tanto o rapaz como a moça. A gente comia mesmo, coisa até que a gente não gostava de comer, mas era saudável e a gente acaba comendo. Então, eu acho que o alimento é uma coisa muito valiosa na nossa vida, é um instrumento para gente viver feliz, não é para gente sofrer não. Porque tem muita gente que acaba deixando de comer muita coisa e sofre com essa carência, por quê? Porque se acha gorda, por exemplo e outros que acabam exagerando e ficando obeso como a gente vê, tantas pessoas. Isso ai se torna um caso de medicina, de saúde publica lá nos Estados Unidos, aqui no Brasil também esta ficando uma coisa séria. Extrapolam até uma coisa interna, uma coisa da alma. Então, o alimento não é uma coisa para viver comendo não, é para a gente viver bem! E pra deixar a gente feliz! (risos). Para não ficar com sentimento de culpa se come muito, não ficar com sentimento de frustração se</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	deixa de comer..uma coisa séria.		
Norma	É bom! Eu acho bom! Ai Jesus! É bom para a saúde né?	É bom! Eu acho bom! Ai Jesus! É bom para a saúde né?	Saúde

2.1 Fale-me sobre sua concepção acerca do cozinhar			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	Ah!! As vezes você tem que ter amor quando você vai fazer. Chegar lá e fazer com capricho ter ..ta ali no momento da cozinha e fazer minha comida e ce tem que ta ali com amor com carinho na comida. Não é fazer tudo correndo, de mal jeito, distrabelha e não sair bem feita a comida.	... você tem que ter amor quando você vai fazer.	Amor
Seleida	Olha, eu gosto! Eu gosto de cozinhar. Eu gosto de fazer comidas diferentes. Não gosto de fazer o mesmo arroz e feijão todo dia. Eu gosto de comida diferente. Eu já gosto cozinhar. Eu acho que nasci para a cozinha. Eu acho...eu já gosto!	Eu gosto de comida diferente. Eu já gosto cozinhar. Eu acho que nasci para a cozinha. Eu acho...eu já gosto!	Gostar
Maria	É bom, eu gosto de fazer comida. Eu gosto, mas de vez em quando. Lá em casa tudo é eu né? Então eu acho que é de vez em quando, que é eu que cozinho.Sempre eu cozinhei, já faço almoço e janta. É porque eu não to em	Eu gosto, mas de vez em quando.	Gosto de vez em quando

	casa para fazer o almoço ...		
Mariana	Cozinhar tem que ter muita dedicação, porque, primeiro, eu vejo assim...cozinhar é uma arte. Não é só você jogar um arroz, um óleo... um arroz para fritar, um feijão, uma carne e tacar numa panela. Você tem que fazer com amor, com carinho e fazer bonito. É uma satisfação, porque tem que ter amor tem que ter vontade, paladar. Tem que ter, cê entendeu? Porque se não tem paladar como a pessoa vai saber provar se tem sal, se tem pouco sal, o gosto da comida .Tem que ter gosto.	Cozinhar tem que ter muita dedicação, porque, primeiro, eu vejo assim...cozinhar é uma arte.	Dedicação
Cleo	Nunca foi meu fraco. Não, não..não gosto. Eu não tenho aquela coisa nata da cozinha. Por exemplo minha filha, ela cozinha muito bem, ela ama cozinhar. Minha outra filha já não tem. Ela é igual a eu, cozinha porque precisa, mas se puder não cozinhar, não cozinha. A minha mãe já é nata. A esposa do meu irmão é nata, ela tem prazer de cozinhar. Eu não tenho, mas quando eu cozinho, eu procuro fazer direitinho e bem feito, mas não é meu fraco (risos).	Minha outra filha já não tem. Ela é igual a eu, cozinha porque precisa, mas se puder não cozinhar, não cozinha. A minha mãe já é nata.	Necessidade
Ana	É amor!! Porque não adianta você fazer nada se não tiver amor. Então quando a pessoa não tem amor para cozinhar não adianta ela querer que não sai né? É muito amor..muito amor mesmo!	É amor!! Porque não adianta você fazer nada se não tiver amor.	Amor
Nice	Para muitos é um prazer né? É por prazer e	Para muitos é um prazer né? É por prazer	Necessidade

	porque a gente precisa né?	e porque a gente precisa né?	
Nenice	<p>Não gosto. Não, não gosto de cozinhar, ta? Não gosto. Eu sou uma dona de casa, tenho que cozinhar, mas não é o meu forte. Entendeu? Não é o meu forte. É o serviço manual, mexer com planta, adoro! Não tem coisa igual, porque eu acho que faz muito bem para a saúde, para a mente, para os olhos, para a vida é você mexer com planta. Nem todo mundo gosta, mas é o meu forte. Eu gosto! Então, você vê, eu já superei problemas, mexendo com isso. Já superei uma depressão muito forte anos atrás, há anos uma depressão muito forte, eu me senti assim...porque mexer com planta eu sempre gostei, eu quando era menina, na beira do rio eu e minhas primas, a gente...o rio tinha umas ilhas ta?Era um rio corrente, com água muito cristalina, então a gente atravessava e ia pro meio do rio e naquela ilha a gente fazia horta. E nós éramos tão inocentes que a gente atravessava o rio para molhar a horta. Entendeu?</p>	<p>Não gosto. Não, não gosto de cozinhar, ta? Não gosto. Eu sou uma dona de casa, tenho que cozinhar, mas não é o meu forte.</p>	Obrigaçã
Márcia	<p>Bom, eu acho cozinha uma coisa assim...bem divertida porque eu não entro todo dia, se eu entrasse todo dia, eu não veria com esses olhos não. Pode até ser, mas como felizmente eu sempre tive uma pessoa que me ajudasse nesse sentido, aliás minha secretária é antigüíssima em casa e os meus filhos</p>	<p>Bom, eu acho cozinha uma coisa assim...bem divertida porque eu não entro todo dia, se eu entrasse todo dia, eu não veria com esses olhos não.</p>	Divertimento

	<p> cresceram e eu vi os filhos dela nascerem, crescerem, então, eu fico bem tranqüila nesse ponto. Mas eu acho que é uma atividade, vamos dizer, terapia. Porque eu me lembro que quando eu ainda trabalhava, estava muito cansada mentalmente, eu fazia um macarrão básico, não necessariamente um miojo, que eu não gosto de miojo, mas um macarraozinho, alho e óleo com molhinho de tomate, tomate, molhinho feito em casa, tomate mesmo, não de lata de mesmo e aquilo me ajudava a desestressar, vamos dizer assim. Era uma terapia, como era molhar planta é como brincar com as crianças, trazer os cachorros para participar da brincadeira, antes eu morava numa casa e então ficava fácil. Então, a cozinha nesse sentido era algo prazeroso, mas eu não sei se seria se eu tivesse que fazer como obrigação, não vou mentir para você. </p>		
Norma	<p> Bom né? Muito bom cozinha...eu gosto de cozinhar. </p> <p> Faço, à noite, eu faço janta e almoço...as crianças vão para a escola, chegam 11:00 e é só esquentar. </p>	Muito bom cozinha...eu gosto de cozinhar.	Eu gosto.

2.2 Fale-me sobre sua concepção acerca de família			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	eu acho que família...se você não tiver uma união ali entre você, o filho, o irmão... não é nada, né? Porque fica aquele pé de guerra e não é família. Pra mim eu acho assim...tem que ter uma união conjunto de força, para unir, para vencer as batalhas que vier pela frente, né? Um ajuda o outro..eu acho assim.	...tem que ter uma união conjunto de força, para unir, para vencer as batalhas...	Conjunto de forças
Seleida	Ah!! Família é o alicerce nosso. A coisa mais importante é a família. Pra mim é mais importante a família. Porque...sem a família, a gente não tem estrutura. Eu acho que família é tudo.	Ah!! Família é o alicerce nosso	Alicerce
Maria	É bom ter família! Mas dá um trabalho, mas a gente leva para os desencontro...as pirraças das crianças, marido que fica perturbando, a gente leva para os desencontro e esquece um pouquinho, mas é bom ter família, mas do que ficar sozinho no mundo.	mas é bom ter família, mas do que ficar sozinho no mundo.	Trabalho
Mariana	Tudo né? Tudo...a base né? Porque a família tem que ser inteira...porque meia família não...constrói, não segue em frente, cê entendeu? Meia família assim...é pai e mãe separado, entendeu? Não é inteiro...não é inteiro...porque para ser inteiro a família precisa estar unida.	Tudo né? Tudo...a base né? Porque a família tem que ser inteira...porque meia família não...constrói...	A base

Cleo	Ah!! Família é tudo. Família é tudoé a base de tudo, é tudo! Eu e a minha irmã pensamos igual em questão da alimento, a gente trouxe de casa, com a minha mãe. Nós trocamos idéia, trocamos receitas. Eu acho que a família, por exemplo as meninas, quando elas eram adolescentes, adolescente tem aquela coisa de querer comer só muito...é batatinha fritas, é catchup, cachorro quente, então você era obrigada..então a alimentação tinha que puxar para esse lado, porque não tem como você não fazer hoje em dia, pizza....porque eles gostam. Agora não né? Elas mesmas, já não puxam tanto para isso e em casa mudou depois que elas saíram. A gente voltou a ter aquela alimentação...nossa! Tem um mundo de coisa que eu não compro mais, de quando elas estavam em casa.	Ah!! Família é tudo.Família é tudoé a base de tudo, é tudo!	A base
Ana	Tudo! Não existe nada melhor do que família. A palavra já diz: família! É maravilhoso!	Tudo! Não existe nada melhor do que família. A palavra já diz: família! É maravilhoso!	Maravilhoso
Nice	Olha, nós precisamos de uma família porque família é aquele aconchego, aonde você chega, discute os problemas do esposo, dos filhos. Então acho assim...que a família é todos devem constituir porque faz parte da sociedade né? Eu acho que é uma....	Olha, nós precisamos de uma família porque família é aquele aconchego, aonde você chega, discute os problemas do esposo, dos filhos.	Aconchego
Nenice	Para mim é prioridade. Família para mim..olha...é o básico, família para mim...se a	Para mim é prioridade. Família para mim..olha...é o básico, família para	Prioridade

	<p> pessoa não tem uma família, não tem aqueles cuidados, não recebe aquele carinho de uma família, a pessoa não é feliz! Família é básico para todo....família é você aceitar as pessoas da família como elas são, é você..porque todas as famílias tem problemas e nós não vivemos sem problemas. Nós somos seres humanos e nós não vivemos sem problemas, mas a família é tão importante que...quem tem uma família tem uma religião. Quem tem uma família, tem uma religião! Isso..tem uma base. </p>	<p> mim...se a pessoa não tem uma família, não tem aqueles cuidados, não recebe aquele carinho de uma família, a pessoa não é feliz! </p>	
Márcia	<p> Ah!! Eu acho um assunto tão bonito, porque eu já estou na época de olhar uma segunda geração, porque tudo o que eu tinha que plantar com meu marido eu já plantei e tudo o que nós dois tínhamos que colher, nós já colhemos. Agora é a vez dos nossos filhos plantarem para eles colherem e eu só tenho que dar graças a Deus pela família que nós constituímos. Nós lutamos muito, tivemos muitas dificuldades, enfrentamos dificuldades, conseguimos vencer essas dificuldades os dois juntos, lutando bastante e sobretudo com as bênçãos de Deus. Ai entra uma concepção que eu acho fundamental, é minha, é bem subjetivo isso que vou te falar: - A presença de Deus no lar, eu acredito que uma família que não tem Deus, tem uma casa, uma família que tem Deus tem um lar. A presença de Deus na vida da gente é que da aquele balizamento, da força, que dá paz, enfim, que faz as coisas acontecerem assim, </p>	<p> Agora é a vez dos nossos filhos plantarem para eles colherem e eu só tenho que dar graças a Deus pela família que nós constituímos. Nós lutamos muito, tivemos muitas dificuldades, enfrentamos dificuldades, conseguimos vencer essas dificuldades os dois juntos, lutando bastante e sobretudo com as bênçãos de Deus. </p>	Luta/União

	de uma forma mais serena, mais feliz, então, meus filhos graças a Deus, todos criados com suas profissões em andamento, suas famílias agora. Agora sim, eu só brinco, porque o que eu tinha que trabalhar eu já fiz, agora eles tem que fazer. A obrigação de cuidar netos não é minha. A gente só curte, ajudar a hora que precisa né? E curtir bastante.		
Norma	É muito bom né? Ah! Família é tudo.	Ah! Família é tudo.	Tudo
2.3 Fale-me sobre sua concepção acerca de mãe			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	<p>A mãe é tudo, né? Ela que tem que orientar os filhos, do que é certo do que é errado, do que pode fazer, do que não pode. Então, ela é praticamente um alicerce ali. Porque ela ta comando o objetivo da criança ou do adolescente o que quer na vida. Eu oriento minha menina com base nisso.</p> <p>Eu sempre chego e falo para ela: - Vamos sentar, você quer comer tal fruta, tal coisa..vamos comer. Porque as vezes, ela pega as coisas e sai correndo...comendo correndo, ai eu falo: - Assim não se não você vai passar mal. Eu oriento ela. Senta, come e depois vai brincar e fazer o que tem que fazer. Falo para ela: - Depois você vai soltar as frangas, as bruxas você tiver aí com essa energia toda. Ai ela fica: - Ta bom. Ai eu falo: - Se você comer e começar a correr e a pular</p>	Ela que tem que orientar os filhos, do que é certo do que é errado, do que pode fazer, do que não pode.	Orientação moral

	<p>...você vai engasgar e vai passar mal. Ai ela pega e começa a sentar lá e comer sentada.</p>		
Seleida	<p>Olha, a mãe ela tem que preparar a alimentação dos filhos, do marido. Arrumar a mesa, organizar e sentar todo mundo ali e degustar do alimento. Aproveitar aquele momento ali, porque é o melhor momento.</p>	<p>Olha, a mãe ela tem que preparar a alimentação dos filhos, do marido. Arrumar a mesa, organizar e sentar todo mundo ali...</p>	Cuida da alimentação
Maria	<p>É uma trabalhadeira...tudo o que vai fazer é: oh mãe! Oh mãe! Tudo é a mãe, né? (Risos). Qualquer coisinha é a mãe. Você larga o que ta fazendo para ver o que que é...tudo é a mãe, mas é gostoso ser mãe. É bom!</p> <p>Na alimentação é preocupante. Filho que não quer come, você fica preocupada...você come isso para não ficar doente, você fica sempre pegando no pé, não come coisa doce, não come isso que não faz bom pra você. Eu tenho uma de 5 anos que é assim. É preocupante.</p>	<p>...você come isso para não ficar doente, você fica sempre pegando no pé, não come coisa doce, não come isso que não faz bom pra você.</p>	Cuida da alimentação
Mariana	<p>A mãe, olha, é serviço de casa, é...se o filho briga, a mãe tem que unir o filho, se o pai ta aborrecido com o filho, a mãe tem que conserta, cê entendeu?</p> <p>Pra mim, mãe, é o geral. Mãe... se ela baqueia, eu acho que ninguém percebe. Cê entendeu? Mas a mãe consegue é...perceber se o filho não ta bem, se aconteceu alguma</p>	<p>A mãe, olha, é serviço de casa, é...se o filho briga, a mãe tem que unir o filho, se o pai ta aborrecido com o filho, a mãe tem que conserta, cê entendeu?</p>	Cuida da casa/família

	<p>coisa, se o marido não ta bem, se o marido chega estressado a mãe tem que controlar os filhos...OH!! calma que o pai ta estressado. Fica no quarto ou fala baixo..procura assim..não gritar, não fazer barulho que o pai ta nervoso para apaziguar, para tentar conserta e..cê vê...que mãe tem que ta atento na mensalidade que vai vencer, o pai dá dinheiro, mas a responsabilidade é da mãe. O pai trabalha fora né? Então, mais essa carga para a mãe. Vai vencer tal dia lá...reunião da escola, mãe que tem que ir..mãe tem que..sabe...se um filho ta com problema de saúde você tem que levar ao médico, você tem que se preocupar com horário que o filho vai sair, vai para a escola, sabe? Eu acho que a carga da mãe é pesada.</p> <p>...como a gente pode dizer a mãe tem que...porque se a mãe não cuidar do filho, a mãe, cê entendeu? Eu acho que a mãe é tudo. É tudo porque...</p>		
Cleo	<p>Ah! É primordial. A mãe é a que faz tudo né? Porque o pai não é ele que cozinha, não é ele que fica em casa, então, recai sobre a mãe. Porque a mãe se preocupa com a alimentação...levando para a saúde né? Já educa os filhos desde pequenos a ter uma alimentação balanceada, não dá...vai no mercado, compra só bobeira, salgadinho, bolacha recheada. Mãe né? Eu percebo isso,</p>	<p>Ah! É primordial. A mãe é a que faz tudo né? Porque o pai não é ele que cozinha, não é ele que fica em casa, então, recai sobre a mãe.</p>	<p>Cuida da casa/família</p>

	<p>principalmente na minha filha mais velha. Mas agora elas já estão mudando, minha filha mais velha já gosta de soja, mudou né? Mas gosta de muita bobeira.</p>		
Ana	<p>Ah! É muito importante, o papel da mãe é ensinar, educar e tentar fazer assim..o possível e o impossível para que seus filhos sigam aquela alimentação correta, para mais tarde...que hoje em dia a alimentação tem deixado as pessoas muito obesas e isso é ruim. E todos os dias a televisão está mostrando que é ruim, então, a mãe tem que ser firme nessa hora. Orienta, educar,,porque ai a criança vai e ela segue. Porque a criança, tudo o que ela vê de primeiro impacto é o que..ela vai olhar e vai dizer: - Ah! Mas eu não gosto disso! Mas como meu filho que você não gosta se você nunca experimentou. Então, experimenta um pedaço, nunca fala: - Ah! Que nojo! Que existe essa expressão. Então, você fala: Experimenta para depois você falar isso! Então, eu sempre falo isso para eles.</p>	<p>Ah! É muito importante, o papel da mãe é ensinar, educar e tentar fazer assim..o possível e o impossível para que seus filhos sigam aquela alimentação correta,</p>	Educar e cuidar
Nice	<p>É fundamental na vida de um filho. É muito importante a influência da mãe na alimentação do filho, porque é em termos de</p>	<p>É importante. Ah! Com carinho, a mãe cuida com muito carinho, ela escolhe, faz da melhor forma que ela pode fazer né?</p>	Cuida da alimentação

	<p>crescimento, de tudo, acho. É importante. Ah! Com carinho, a mãe cuida com muito carinho, ela escolhe, faz da melhor forma que ela pode fazer né? Pega o filho, senta para, né? É aquele momento de atenção para com o filho, porque é um ser vivo que não..ele ainda não sabe distinguir. Então, o papel da mãe nessa hora de alimenta ele, está sendo muito importante, porque ela está escolhendo o que vai servir para ele, né? Pro desenvolvimento.</p>		
Nenice	<p>Ah! É muito importante! A mãe, a mãe ...é o ser humano mais precioso que existe na terra é a mãe. Eu digo isso aqui, meu marido esta acostumada a ouvir e meus filhos também. O pai é pai, mas a mãe supera qualquer coisa, porque a mãe é aquela que se doa, pelo filho. A mãe é aquela que deixa de comer...se tiver um pedaço de frango e não tiver outra coisa para comer..ela da pros filhos aquilo. Ela fica sem comer. Então a mãe é um ser que....só por Deus. Entendeu? Então, eu acho fundamental. Uma família...aquela pessoa que tem o carinho, o amor de uma família que tem uma família, que recebe aquele carinho é..aquela semente que é a religião...seja ela qual for, você recebe aquela semente de ...mesmo quando você é bem jovem. Aquela semente que a mãe plantou, que aquela família plantou ali dentro, ela vai ficar ali, então ela vai demorar muito tempo talvez para ela brotar para ela...mas sempre os jovens quando...é bom que eles aprendam porque a</p>	<p>A mãe é aquela que deixa de comer...se tiver um pedaço de frango e não tiver outra coisa para comer..ela da pros filhos aquilo. Ela fica sem comer. Então a mãe é um ser que....só por Deus.</p>	Abnegação

	<p>gente tem uma vivencia de muitos anos e que o jovem esta começando agora e quando ele quer aprender e pegar essa vivencia para ele..muitas coisas que ele quer, porque nem tudo ...mas quando você quer....isso é fantástico e você nunca vai esquecer.</p> <p>É um papel muito importante. Mãe é tudo! É tudo!</p>		
Márcia	<p>Sabe aquela história do pêndulo? Então, vamos para trás como eu fui criada, hoje a gente entende melhor as mães. A cobrança que as mães tinham pra gente era uma cobrança muito grande, mas a gente acabava entendendo que elas eram muito cobradas. Eu me lembro que com o olhar número cinco, mamãe mandava todo mundo sair da sala, porque tinha recebido visita e criança não podia escutar conversa de adulto. Era desse tipo, então a gente sabia que aquele olhar tinha um significado. E se achava que não estava entendendo direito..ai a gente....por outro lado, elas ensinavam para gente que as coisas tinham limites, que criança não queria tudo que bem entendesse, mas queria só o que podia e a gente vivia feliz com isso. De uns tempos para cá, a gente observa é que as mães, não querem ser mães, querem ser amiguinhas, eu vejo isso em reportagens, sobretudo com artistas, eu sou amiga do meu filho. Não é por ai, mãe não é para ser amiguinha do filho, mãe é mãe. Tem que</p>	<p>...mãe não é para ser amiguinha do filho, mãe é mãe. Tem que educar, tem que corrigir, se precisar punir, se precisar põe no colo, acaricia, carrega, embala, mas tem que ser mãe para educar aquele filho, que o filho não é dela.</p>	<p>Educar e corrigir os filhos</p>

	<p>educar, tem que corrigir, se precisar punir, se precisar põe no colo, acaricia, carrega, embala, mas tem que ser mãe para educar aquele filho, que o filho não é dela. Aí entra a minha posição: - eu aprendi que filho não é da gente, é do mundo, e por isso, a gente tem obrigação de cuidar bem, porque se fosse filho para ficar com a gente, porque a mãe tende a ser egoísta nesse sentido, isso não é amor...ela tem que criar o filho da melhor forma que ela puder. Se você só para ela, o filho poderia ser um delinqüente, um vagabundo, qualquer coisa...porque ia ficar só com ela, mas o mundo não tem obrigação de agüentar ninguém desse jeito. E quem vai sofrer com isso? O próprio filho. Então, filho a gente cria para o mundo. A missão dos pais, da mãe,.</p>		
Norma	<p>É muito bom, eu gosto de ser mãe. Graças a Deus!</p> <p>Ai! Ela faz come também né? Não deixa fica com ...quando não que. Eu faço muito pão lá em casa, as vezes eles comem só pão, em vez de comer arroz e feijão né? Mas e faço para eles come. Nossa! Eu cuido muito das minhas crianças!</p>	Nossa! Eu cuido muito das minhas crianças!	Cuidado dos filhos
2.4 Fale-me sobre sua concepção acerca de pai			

Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	<p>Bom, eu não tenho muito o que falar, porque o pai da minha menina até hoje nunca me ajudou com ela. Então, eu faço mãe e pai ao mesmo tempo. Tenho incentivado ela, também, até nos estudos. As vezes oriento em alguns dúvidas que ela quer saber, eu tiro as dúvidas dela. Ai eu falo para ela: - Oh! Não é porque seu pai não está presente, que eu vou largar você aí de lado. Então, se quer tirar uma dúvida, se quer tirar uma conclusão, a gente vai junto, a gente vai tentar resolver qual o problema. Ai ela para, pensa e tenta pegar a explicação. É importante!</p> <p>É que nem meu cunhado, quando a gente chega lá minha menina fica quietinha, faz o que ele pede, porque se eu falo para ele, ela não obedece. Aí ele fala: - Cê não ouviu sua mãe fala! Ela já sai correndo para fazer. Ai eu falo: - Ah! Tem que ter uma voz de homem, tipo autoritária para poder obedecer.</p>	Tem que ter uma voz de homem, tipo autoritária para poder obedecer.	Autoridade
Seleida	O papel do pai é importante, muito importante também. Mas nem sempre ele ajuda, porque as vezes ele deixa tudo para a mãe resolver, né? Principalmente meu marido. Ele deixa tudo para mim resolver. A única coisa que ele resolve é na hora que ela, a minha filha pede para ir em algum lugar e ele fala não! Porque para mim, eu falo que sim. Aí então, fica naquela. Mas geralmente quem resolve tudo	E, geralmente é os filhos, respeita mais o pai. A minha mesmo, respeita mais o pai. Assim, ela me respeita, mas as vezes ela pensa que eu sou uma colega dela, uma amiga, entendeu? Agora já o pai não. Ela respeita mais, obedece..o pai fala não...é não!	Autoridade

	<p>os problemas sou eu. Problemas na escola, reuniões, levo no médico, converso né....mas o papel do médico é importante na educação, ajuda bastante. E, geralmente é os filhos, respeita mais o pai. A minha mesmo, respeita mais o pai. Assim, ela me respeita, mas as vezes ela pensa que eu sou uma colega dela, uma amiga, entendeu? Agora já o pai não. Ela respeita mais, obedece..o pai fala não...é não! E eu não..o meu não. Então, o papel do pai é importante.</p>		
Maria	<p>É bom ter pai, sempre conversar com o filho, orientar...na hora que vai comer, a mãe ta com falta de paciência ou muito apurada chega nele, da comida, ajuda a cuidar quando ta doente tudinho ..é bom! Eu tenho uma menina de 13 anos que não é desse meu marido, é de outro...é terrível, ela sempre fica jogando na cara da gente: - Ah! Eu sou sozinha, você...ela tem pai e eu não tenho...eu sou abandonada. É preocupante, sim. É difícil as vezes você agüenta calada, mas tem que agüenta.</p>	<p>...na hora que vai comer, a mãe ta com falta de paciência ou muito apurada chega nele (pai), da comida, ajuda a cuidar quando ta doente tudinho ..é bom!</p>	Ajudar a mãe
Mariana	<p>Do pai...tem obrigação acompanhar o desenvolvimento e a saúde dos filhos e ajudar a mãeajuda a orienta a mãe.</p> <p>Eu acho que ele (o marido) participa bastante. Porque ele não gosta que as crianças tomem refrigerante, fica comendo essas porcarias..bolacha recheada. Porcaria cê sabe</p>	<p>Do pai...tem obrigação acompanhar o desenvolvimento e a saúde dos filhos e ajudar a mãe</p>	Ajudar a mãe

	o que que é? Lanche ...ele não gosta. Ele prefere que as crianças comam comida, cê entendeu? Fazem as alimentações no horário certo, não comer fora de hora, não comer antes da refeição...cê entendeu?		
Cleo	<p>Ai! O pai. O ideal ou o que é? Bom, o meu esposo sempre assim...por causa da criação dele foi aquela alimentação de arroz, feijão e carne e a minha alimentação já foi bem diferente. Então, assim..era aquela coisa, de eu não querer fazer muito essa coisas e mais outras coisas e ele não gosta, sabe? Mas foi...hoje em dia ele come bem salada, ele come já muita coisa..ele já melhorou muito. Nossa! Tudo ele já gosta...antes ele não gostava. Antes era arroz, feijão, carne, arroz doce essas coisas bem assim...como da família dele né? É assim..ele influenciava muito as meninas quando eram crianças em come bobeira...daí é uma coisa que eu não gostava, mas como ele era o pai ce tinha que....ce não podia cortar assim né? Então as meninas foram muito acostumadas..ele chegava em casa sempre com doce, com sorvete, com balinha, com salgadinho, com danoninho...tudo sabe? Mas ele gostava disso, porque ele achava que o agrado era em trazer essas coisas. Então, eu acho que o bom é quando os dois se preocupam igual. Lá de vez em quando, eu não acho nada de errado uma criança comer um salgadinho, uma bolachinha recheada, mas que não seja como</p>	<p>É assim..ele influenciava muito as meninas quando eram crianças em come bobeira...daí é uma coisa que eu não gostava, mas como ele era o pai ce tinha que....ce não podia cortar assim né?</p> <p>Mas ele gostava disso, porque ele achava que o sagrado era em trazer essas coisas. Então, eu acho que o bom é quando os dois se preocupam igual.</p>	Influenciador/Participante

	a gente vê. Eu fazer daquilo uma alimentação, no lugar da fruta, no lugar de uma outra coisa mais saudável.		
Ana	O pai deseduca muito. O pai deseduca porque o pai, ele quer sempre ta achando assim..para não aborrecer o filho ele acaba fazendo tudo o que o filho deseja. Por que? Porque ele quase não passa o tempo todo com o filho, então ele acha assim..Ah!! Vamo ali comer uma pizza, vamo tomar um sorvete! Então, ele não pensa na alimentação correta do filho, porque ele quer só agradar o filho pra o filho falar: Meu pai é um paizão! A mãe é sempre o bicho papão! Não é? Eu acho assim também!	O pai deseduca muito. O pai deseduca porque o pai, ele quer sempre ta achando assim..para não aborrecer o filho ele acaba fazendo tudo o que o filho deseja.	Deseduca
Nice	Olha, o pai ele..no caso do meu esposo, ele gostava de escolher os alimentos, porque quando elas eram pequenininhas, ele comprava muito cálcio, dava para elas fortificarem os ossos, né? Ele gostava muito de comprar mocotó. Fazer aquelas né...pucheiro com mandioca..essas coisas fortes assim...para elas. Hoje em dia elas reclamam. – Mãe,você deu muita carne, muita coisa para a gente!! Sabe, mas tão aí..ce vê? Um as moças. Tem dias que elas vem...você ta	Olha, o pai ele..no caso do meu esposo, ele gostava de escolher os alimentos, porque quando elas eram pequenininhas, ele comprava muito cálcio, dava para elas fortificarem os ossos, né?	Participante

	<p>fazendo muita carne.</p> <p>Depende de família para família, mas porque a criança é pequenininha eu acho que o pai ajuda.</p>		
Nenice	<p>O pai, ele tem um papel fundamental né? Um papel fundamental na vida da família, filho, mulher....tudo mais. Mas o pai é mais....como vou dizer, mais duro. Ele é menos afetuoso.</p>	<p>Mas o pai é mais....como vou dizer, mais duro. Ele é menos afetuoso.</p>	<p>Autoridade</p>
Márcia	<p>Então, novamente vamos fazer aquela viagem no tempo. Antigamente, o pai era só o provedor, o papel da educadora era sempre da mulher e ela era cobrada disso, se o filho ia muito bem na escola ou era elogiado por todo mundo, sorte dela, se não, o pai, caía matando a coitada. E isso, a gente veio saber bem depois, porque a gente não sabia dessas coisas, a gente intuía que tinha alguma coisa nesse sentido, então a cobrança em cima de nós era grande, porque a cobrança em cima da mãe também era grande. Mas ele não agia, ele agia só nos bastidores. O tempo foi passando e os casais conversando mais, foram se acertando mais, se abrindo mais como seres humanos independente daquele papel social...mãe, naquele momento e pai naquele momento, profissional aqui...e de repente o pai passou a ser um também, educador, um co-educador, a participar mais da vida da casa, da família, ele deixou de ser o provedor,</p>	<p>....e pai naquele momento, profissional aqui...e de repente o pai passou a ser um também, educador, um co-educador, a participar mais da vida da casa, da família, ele deixou de ser o provedor, mesmo porque a mulher passou a trabalhar fora , ganhar seu dinheiro...</p>	<p>Co-educador</p>

	mesmo porque a mulher passou a trabalhar fora , ganhar seu dinheiro....aquela posição de igualdade, pelo menos dentro de casa, ele passou a colaborar mais nesse sentido. Acredito que hoje, principalmente, acho que os pais são maravilhosos como participantes de um processo.		
Norma	Ai, lá em casa nem sei, porque meu marido é doente, ele é alcoólatra, você entendeu? Ele brigava, xingava, por ele, eu não comprava nada para as crianças, então, nem posso falar dele né?	Ele brigava, xingava, por ele, eu não comprava nada para as crianças, então, nem posso falar dele né?	Provedor

2.5 Fale-me sobre sua concepção acerca da mulher moderna

Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	<p>Oh! A mulher moderna, hoje em dia, está se atualizando. Sempre em busca do que quer, a procura, trabalhando fora, além dos deveres de casa, que hoje em dia, a gente não ta só no serviço de casa e deixando o avanço da geração correr e ficar pra trás.</p> <p>Ah!! Ela sempre dá um jeito né? Dá um jeito...ela faz o tempo dela, faz tudo no decorrer certinho, sempre por dentro da atualidade.</p>	Sempre em busca do quer, a procura, trabalhando fora, além dos deveres de casa...	Múltiplos papéis

Seleida	Olha, o que eu penso da mulher moderna? Que hoje, a mulher moderna tem que se atualizar tudo, tem que atualizar em tudo e tem que buscar novas... coisas diferentes também. Como se diz? Fica...atualizada no serviço, tanto em casa como fora. Não fica só naquilo.	Fica...atualizada no serviço, tanto em casa como fora. Não fica só naquilo.	Múltiplos papéis
Maria	Essa mulher moderna..é corrido pra ela..é muita coisa, cuidar do serviço, cuidar da casa, cuidar de criança. Ah! Ela comeu hoje, ela ta bem? Deu febre? E vai lá lava roupa, limpa a casa..é corrido, mas ela da conta. Ela trabalha mais do que o homem, se para e pensa, ela trabalha mais do que o homem. Porque ela cuida das crianças e ainda cuida da casa e trabalha fora ainda. É corrido, mas ela da conta. E o homem não, ele faz um servicinho ali e já ta cansado! E a mulher ta lá ...ralando!	Essa mulher moderna..é corrido pra ela..é muita coisa, cuidar do serviço, cuidar da casa, cuidar de criança.	Múltiplos papéis
Mariana	Aquela que cuida da casa pela metade, que compra comida, que faz a comida pela metade, faz a comida pela metade, que compra comida congelada. Essa é mulher moderna? Sinceramente, eu cho...coitada! Coitada dela, primeiro porque envelhece mais cedo, que estraga a saúde, vai se envelhecer, vai ficar uma velha doente cheia de problema cê entendeu? Sinceramente, eu acho uma coitada! Sinceramente...eu acho coitada! Aqui em casa é diferente! Ela vai antecipando as doenças e a velhice!	Sinceramente, eu acho uma coitada! Sinceramente...eu acho coitada! Aqui em casa é diferente! Ela vai antecipando as doenças e a velhice!	Múltiplos papéis

Cleo	<p>Olha, eu acho que de um lado foi muito essa evolução toda...a mulher cresceu, ela se desenvolveu, deixou de ser escrava do lar, ela...tem o espaço dela, ela trabalha, ela se sente mais livre, mas do outro lado, quando ela coloca o trabalho em primeiro lugar, ela deixa o lar a desejar né? Então, é isso que eu penso. Que a gente vê muito, ela deixa a desejar na questão dos filhos, então, porque não tem tempo, aí como qualquer coisa, faz comida correndo ou deixa na mão dos outros, aí a alimentação saudável mesmo..saúde...fica em segundo plano. Eu acho que ela pode trabalhar, ela deve trabalhar, ela deve ter seu espaço, se sentir bem, mas...porque eu..eu tava dando aula, eu casei dando aula, aí eu fiquei grávida, aí quando minha filha nasceu eu continuei dando aula um pouco, mas depois...era muito corrido...as vezes tinha empregada, as vezes não, então..eu senti o drama e escolhi parar de trabalhar. Sabe? Fiquei um tempo até as meninas ficarem grandes, quando eu comecei a trabalhar com meu esposo elas já estavam com 7/8 anos..eu não me arrependi. Eu acho que valeu a pena, sabe, mas eu acho que é uma escolha de cada um.</p>	<p>...a mulher cresceu, ela se desenvolveu, deixou de ser escrava do lar, ela...tem o espaço dela, ela trabalha, ela se sente mais livre, mas do outro lado, quando ela coloca o trabalho em primeiro lugar, ela deixa o lar a desejar né?</p>	Deixa o lar a desejar
Ana	<p>Olha! Eu penso assim. Não é porque você trabalha fora que você vai deixar teu filho de lado. A mãe moderna de hoje ela é muito dinâmica, porque ela da conta...coisa que o</p>	<p>A mãe moderna de hoje ela é muito dinâmica, porque ela da conta...coisa que o homem não daria. Ela da conta do trabalho, ela da conta da casa, ela da conta</p>	Múltiplos papéis

	<p>homem não daria. Ela da conta do trabalho, ela da conta da casa, ela da conta da alimentação, da roupa. A mulher ela ganha do homem nesse sentido, ela ganha geral, porque ela faz tudo e ainda ela é esposa! Ta! Ela chega de noite do serviço, cansada, mas ela vai fazer comidinha dos filhos, do marido e deixar tudo em dia, por o outro dia é um novo dia eu acho que a mulher hoje é nota dez!</p>	<p>da alimentação, da roupa.</p>	
Nice	<p>Olha eu acho importante a mulher ter se descobrido... a descoberta dela nessa nova era. Eu acho que..foi um salto importante. Sabe? Em direção a previsão dela, em termos de trabalho, de estudo né? Eu acho que é muito importante.</p> <p>Elas eu acho assim que não têm muito tempo, mas...não é? Mas no fundo, elas devem tirar um tempinho para fazer uma escolha, porque é essencial que ela cuide da saúde, é? Ela é moderna, mas ela tem que pensar na saúde. Eu acho que ela deve tirar um tempinho né? Apesar de não ter muito tempo, mas eu acho que ela deve.</p>	<p>Eu acho que..foi um salto importante. Sabe? Em direção a previsão dela, em termos de trabalho, de estudo né? Eu acho que é muito importante.</p>	<p>Liberdade</p>
Nenice	<p>A mulher atual, eu por exemplo, hoje, me sinto muito mais feliz, muito mais feliz agora do que eu era antigamente...como mulher. Muito mais feliz, porque hoje o mundo se torna muito mais fácil, muita gente acha que o mundo esta difícil, ele não esta difícil,</p>	<p>A mulher atual, eu por exemplo, hoje, me sinto muito mais feliz, muito mais feliz agora do que eu era antigamente...como mulher. Muito mais feliz, porque hoje o mundo se torna muito mais fácil, muita gente acha que o mundo esta difícil, ele</p>	<p>Novas Possibilidades</p>

	<p>depende você saber viver. Ele esta fácil para todo mundo. Hoje você tem a saúde, as orientações sobre saúde, sobre as vestimenta, tem um emprego...você perde emprego, mas uma outra coisa você vai conseguir. Se você precisar você vai conseguir trabalhar de qualquer maneira ou domestica ou varrendo rua, qualquer coisa você vai fazer e antigamente era difícil, antigamente nem emprego não se tinha, era todo mundo na roça, era todo mundo plantando uma coisinha vendendo ali, e hoje não, hoje...não. Hoje, tudo está mais fácil. Tudo ta mais fácil, Antigamente, você tinha que guardar o dinheiro e comprar o que você quisesse a vista. Hoje, compra em longos pagamentos. Você paga mais caro? Paga, mas tem facilidade para isso. Então, a vida hoje é muito melhor. Eu hoje eu sou muito feliz, quer dizer sempre fui, mas sou muito mais. Mas a cada dia que passa eu me sinto mais feliz. Minha vida assimGraças a Deus é uma coisa maravilhosa!</p>	<p>não esta difícil, depende você saber viver. Ele esta fácil para todo mundo. Hoje você tem a saúde, as orientações sobre saúde, sobre as vestimenta, tem um emprego.</p>	
Márcia	<p>É uma guerreira! Posso resumir assim...é uma guerreira! É...ela é muito ciosa da sua feminilidade, isso é importante, ao mesmo tempo que seja ciosa da importância de estar cada vez se preparando mais para o mercado de trabalho, se já trabalha, lutando para ter um...progresso na sua carreira. Acho isso muito bonito na mulher de hoje. Dou muito</p>	<p>É uma guerreira! Posso resumir assim...é uma guerreira! É...ela é muito ciosa da sua feminilidade, isso é importante, ao mesmo tempo que seja ciosa da importância de estar cada vez se preparando mais para o mercado de trabalho, se já trabalha, lutando para ter um...progresso na sua carreira. Acho isso muito bonito na</p>	Guerreira

	valor a mulher, porque a mulher já adquiriu a consciência da sua individualidade. Quando eu era pequena, eu estudei em São Paulo, eu não estudei aqui, então, tenho uma visão de mundo um pouquinho maior do que as outras mulheres da minha geração. Eu estudei numa época que mulher não estudava, trabalhei numa época que mulher não trabalhava.	mulher de hoje. Dou muito valor a mulher, porque a mulher já adquiriu a consciência da sua individualidade	
Norma	Ah meu Deus! Meio difícil né? Tem que dar conta de tudo. Pula daqui, pula dali, mas consegue.	Meio difícil né? Tem que dar conta de tudo.	Tem que dar conta de tudo

2.7 Fale-me sobre sua concepção acerca do homem moderno

Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	Eu tenho um namorado só que ele vai fazer quarenta anos. E ele que faz as coisas dele na casa dele, lava roupa, cozinha, ele faz tudo! Então, ele fala que ele está se modernizando, fazendo um serviço que uma mulher faz. Então ele fala que é moderno, mas ele não gosta de tatuagem no corpo, nada dessas coisas assim. Ele fala que isso é a maior frescura. Ele critica isso. Esses dias passou um rapaz com cabelo comprido e ele disse: - Pra que isso gente! Se ele quer ser moderno, corta o cabelo, porque a gente não sabe se é homem ou se é mulher. Ele trabalha também. Ele trabalha para fora.	...fazendo um serviço que uma mulher faz.	Múltiplos papéis

	Ele fala que está modernizando.		
Seleida	<p>O homem moderno é complicado, porque ele é cheio de frescura. Ah! O homem moderno...eu mesmo não gosto muito do homem moderno não, principalmente pelo modo dele se vestir hoje...o homem moderno. Assim, nem todos, tem uns que é moderno demais, é mais vaidoso. Muito vaidoso, muito cheio de frescura. Muita coisa sabe? Assim, eu não sou muito fã do homem moderno.</p> <p>O homem moderno tem uma alimentação...eu assisti na televisão...eles comem assim aquelas comidas mais sofisticadas, com menos gordura, assim, eles querem ficar sempre em forma. Esse é o homem moderno.Então, eu não sou muito fã do homem moderno não. Prefiro um homem assim, mais tradicional. E as roupas do homem moderno de hoje, eu não gosto muito não. Eu gosto daquela roupa mais comum.</p>	Muito vaidoso, muito cheio de frescura. Muita coisa sabe? Assim, eu não sou muito fã do homem moderno.	Vaidoso
Maria	<p>é...eles trabalham...tirando alguns né? (risos). Tira mil coloca um (risos).</p> <p>E na alimentação: ele é atencioso também, lá em casa é. Meu esposo trabalha à noite e de dia fica cuidando as crianças. Ele é um homem moderno, tem que dar conta também.</p>	E na alimentação: ele é atencioso também, lá em casa é. Meu esposo trabalha à noite e de dia fica cuidando as crianças.	Duplicidade de papéis

Mariana	<p>É...até porque hoje, o pai ficou com uma certa obrigação de se modernizar dentro de casa, por questão da mulher acumular outras funções. Porque a mulher, a função acumulada dela era só a função de casa, ela tinha condições de dar conta daquilo com folga. Hoje ela tem outras funções. E aí sobra para o pai ajudá-la. E a modernidade é isso. Ela sai fazer um serviço de rua, de banco, que ele talvez deveria estar fazendo. E ele faz o de casa..essa é a modernidade!! Nós temos hoje mulheres trabalhando fora e homens cuidando de casa...é a modernidade. Fica moderno, até porque antes ...não se via pai carregar filho no colo ou coisa parecida e hoje é comum. Hoje é comum a mulher fazer o serviço do homem e o homem o da mulher. Isso não é visto mais com maus olhos. Ficou comum! De certa forma é gostoso também.</p>	<p>Hoje ela tem outras funções. E aí sobra para o pai ajudá-la. E a modernidade é isso.</p>	Axilia a mãe
Cleo	<p>Você quer saber mesmo o que eu penso? Eu acho que o homem moderno, com essa historia da mulher ir para o mercado e ela tem muito mais espaço...eu to percebendo...que ela ta tendo mais espaço em tudo. A mulher não fica desempregada sabe? Desde que ela seja uma faxineira, uma empregada doméstica, seja lá o que for... ela vai atrás, ela encontra seu canto. E pro homem, parece que vai ficando mais difícil. Eu to percebendo os homens assim...mais medrosos. Eu to percebendo, eu percebo isso. O homem, eu vejo o homem muito mais atrás da mulher.</p>	<p>Eu to percebendo, eu percebo isso. O homem, eu vejo o homem muito mais atrás da mulher. Antes...era a mulher, todas atrás do homem, elas não apareciam era só o homem na frente. Agora eu vejo, uma infinidade de casos...sabe a mulher ganhando bem e o homem que não consegue emprego. Até homem que cuida de casa e a mulher trabalha eu conheço!</p>	Medroso

	<p>Antes...era a mulher, todas atrás do homem, elas não apareciam era só o homem na frente. Agora eu vejo, uma infinidade de casos...sabe a mulher ganhando bem e o homem que não consegue emprego. Não sei se você conhece, mas eu conheço muitos casos. O homem desempregado e quando consegue um emprego, é um emprego que ganha pouco. Sabe? Até homem que cuida de casa e a mulher trabalha eu conheço! Eu conheço uns dois ou três casos. Eu conheço sabe? Eu vejo hoje esse homem moderno. Claro que tem aqueles com aquela garra, com aquela ...mas tem muitos que eles se sentem meio sem espaço...parece que recuo. Eu percebo isso!</p>		
Ana	<p>Ele se esforça muito mas... nem todos os homens...não vou falar que são todos, mas nem todos é...conseguem ter aquele pique que a mulher tem. Tem uma exceções né? Tem homens que guenta o rebolado direitinho, mas a maioria não guenta.</p> <p>Vou responder pelo meu ta? Se eu ficar uma semana fora e ele ficar uma semana com as crianças assim...eles vão comer: arroz, ovo, batata frita e bife...todos os dias e aí para variar ele põe ovo, arroz e bife ou bife, arroz e ovo e é assim a semana toda. Esse é o homem moderno de hoje ou então faz um miojo. Que como é considerado pelos que não gostam de Qui nojo! (risos). Taí..esse é o homem moderno!</p>	<p>Ele se vira assim né? Fazendo o arroz que, hoje em dia é muito prático porque tem aquele arroz que você compra no pacote e você joga ele na água e ele cozinha e ta pronto...</p>	Prático

	<p>Ele se vira assim né? Fazendo o arroz que, hoje em dia é muito prático porque tem aquele arroz que você compra no pacote e você joga ele na água e ele cozinha e ta pronto e eles se viram assim...mas a maioria ...é isso aí! Ele não sabe fazer um legume, de jeito nenhum...</p>		
Nice	<p>Ai! (risos). Ele age assim..ele ajuda a esposa porque hoje em dia, um só..muitas famílias tem que juntar as rendas né? Então ele tem que...eu acho que ele interage dessa maneira né? Ele chega em casa, ele vê que a esposa ta trabalhando, ele vai ajudar na alimentação, no cuidado dos filhos, da casa. ...tem que ver para os dois.</p>	<p>Ele chega em casa, ele vê que a esposa ta trabalhando, ele vai ajudar na alimentação, no cuidado dos filhos, da casa. ...tem que ver para os dois.</p>	Ajudar a esposa
Nenice	<p>O homem tem que ser moderno, o homem tem que ser moderno. O homem que não é moderno, que que ele faz? Ele prejudica a família, porque ele não acompanha. É a mesma coisa da mulher que não quer ser moderna, ela vai prejudicar os filhos, não ser moderna...aquele modernismo que ultrapassa os limites não, mas dentro dos limites ele também tem que acompanhar. E quando não acompanha, a mulher vai sozinha, ou com os filhos, com amigas para sair porque o marido não gosta. Não aquilo que o marido sonha, não é aquilo que ele quer, é difícil, porque nem todo homem gosta das coisas que as</p>	<p>O homem que não é moderno, que que ele faz? Ele prejudica a família, porque ele não acompanha. É a mesma coisa da mulher.</p>	Acompanha a família

	mulheres gostam. A maioria das mulheres gosta de comer, dançar, tomar sorvete, ir ao shopping...e homem não gosta nada disso. Ele gosta de tomar cerveja, ficar em casa, lê revista, jornal, vê televisão...a mulher não..ela quer sair.		
Márcia	Olha, eu admiro muito esse homem moderno... mas talvez ele não tenha tido consciência, mas ele está ficando em desvantagem e ele vai sofrer com isso a hora que ele tiver consciência, o mesmo processo de crescimento que a gente teve ele vai ter que construir, porque ele viu que a mulher que...se antes ele era o provedor, ela não precisa mais dessa figura em casa, porque ela tem condições de prover as necessidades da família. Inúmeras mulheres são pai e mãe de seus filhos. Vencem sozinhas sem a presença do homem em casa, mas acredito que...se realmente ele lutar ao lado dela, o crescimento dos dois vai ser maior, agora, se houver competição, daquele ranço de machismo persistindo....ele ta ferrado (risos).	...ele viu que a mulher que...se antes ele era o provedor, ela não precisa mais dessa figura em casa, porque ela tem condições de prover as necessidades da família. Inúmeras mulheres são pai e mãe de seus filhos. Vencem sozinhas sem a presença do homem em casa, mas acredito que...se realmente ele lutar ao lado dela, o crescimento dos dois vai ser maior, agora, se houver competição,	Co-responsável
Norma	Pula também, trabalhar. Dá conta de tudo. Isso é muito importante.	Pula também, trabalhar. Dá conta de tudo. Isso é muito importante.	Da conta de tudo

3. Quando seus filhos eram pequenos quem cozinhou para a família?

Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
---------	---------------------	----------------------	-----------

Ediana	<p>Eu e minha mãe, porque eu não parava em casa. Eu trabalhava com vendas e eu ia fazer cobranças e largava ela com minha mãe, ela era bebezinho, até que eu consegui colocar ela na creche. Ai só passava a tarde e pegava, porque eu não tinha tempo. Ai eu largava ela com minha mãe, porque eu saia cinco horas da manha para trabalhar, chegava onze horas da noite, porque eu saia do serviço e ia direto para a escola. Eu só tinha tempo de ver ela em casa a noite. Então, ela falava para minha mãe, eu vou esperar minha mãe. Ela não falava vovó para minha mãe, ela falava bobó para minha mãe e tinha horas que ela enrolava a língua para pedir as coisas para minha mãe e tinha horas que a minha mãe não entendia e minha mãe deixava ela sem nada, porque minha mãe não entendia o que ela falava. As vezes no final de semana a gente tinha que vê, então as vezes eu chegava em casa, pegava meu caderno e saia para a escola. Ela dizia: eu não entendi o que sua filha falou, aí eu perguntava e ela dizia: - vovó não me deu tal coisa, aí eu perguntava: - o que você quer? Ai ela falava e inventou um leite cor de rosa que a minha mãe não entendia, até descobrir que era o leite com quick. Minha menina não sabia esperar. Ela batia a mão no prato.</p>	Eu e minha mãe, porque eu não parava em casa.	Eu e minha mãe
Seleida	<p>Eu mesmo. Sempre foi assim. O meu marido...ele não cozinha, ele não gosta e diz que não nasceu para a cozinha. Quando eu não to em casa, ele compra marmitex, mas</p>	Eu mesmo. Sempre foi assim.	Mãe

	não cozinha. Aliás, ele não gosta de fazer nada em casa. Não me ajuda em nada. Porque ele fala: - Então, você vai me ajudar também lá na oficina. Eu não posso por minha mão suja de graxa na cozinha, não tem como! Minha mão não combina com a cozinha. Até tem hora que eu concordo com ele.		
Maria	Era eu. Sempre.	Era eu.Sempre.	Mãe
Mariana	Eu. Eu acho que cozinhar tem que ser limpo né? Tem que ter higiene. Eu assim..uma pessoa...você pega lá uma funcionária para cozinhar para você...não é a mesma coisa. Eu assim...pode ser uma comida bem simples, mas eu...porque eu não conheço a pessoa que vai cozinhar para mim. Eu não sei sabe...eu sempre preferi eu. Já pude...já pude...não assim por falta de condições cê entendeu? Mas assim, eu sempre...nunca contratei ninguém para cozinhar para mim é de preferência minha. Por que? Porque a gente nunca sabe...cê conhece, mas você não conhece total a pessoa, sinceramente.	Eu não sei sabe...eu sempre preferi eu. Já pude...já pude...não assim por falta de condições cê entendeu? Mas assim, eu sempre...nunca contratei ninguém para cozinhar para mim é de preferência minha.	Mãe

Cleo	Eu. Sempre foi eu. Eu acho que por uma questão financeira mesmo. Porque a minha irmã que mora aqui, ela não é de cozinha, ela é nata empresária. Ela nunca foi mulher dona de casa, então, a minha irmã já tem. No momento que ela pode, ela tem. Ela da toda a instrução. A mulher hoje em dia faz glúten, leite de soja, soja, faz arroz integral, ela ensina, mas ela não faz não.	Eu. Sempre foi eu. Eu acho que por uma questão financeira mesmo. Porque a minha irmã que mora aqui, ela não é de cozinha, ela é nata empresária. Ela nunca foi mulher dona de casa, então, a minha irmã já tem.	Mãe
Ana	Eu. Sempre foi assim. Sempre fui eu.	Eu. Sempre foi assim. Sempre fui eu.	Mãe
Nice	Eu mesma. Sempre foi assim, até a idade que elas estão agora.	Eu mesma. Sempre foi assim, até a idade que elas estão agora.	Mãe
Nenice	As vezes era eu. E quando....assim, quando eu tinha empregada tudo bem, ela cozinhava, mas eu estou sempre atenta. Sempre atenta. Eu não deixo fazer as coisas..aliás, eu nunca deixo. Até hoje eu falo...você pode fazer isso, isso e isso, ta na geladeira, você pega...agora, se eu volto aqui rapidinho, eu vou ver aquilo que eu pedi e de que maneira está fazendo. Pos muito óleo, pos muito azeite..pois isso, pois aquilo. Então, eu to sempre ligada...de anteninha ligada.	As vezes era eu. E quando....assim, quando eu tinha empregada tudo bem, ela cozinhava, mas eu estou sempre atenta.	Empregada doméstica
Márcia	Pois eu tenho essa moça, graças a Deus, ela é meu braço direito. Agora, antes dessa moça, eu tive algumas outras que faziam menos do que eu e eu já não sabia grande coisa, nesse ponto, o que fosse feito tava ótimo, naquela época, não tinha esse negócio de escolher	Pois eu tenho essa moça, graças a Deus, ela é meu braço direito.	Empregada doméstica

	isso, escolher aquilo não, era o que podia fazer e tava muito bom e tinha que comer aquilo...não tinha muita escolha não.		
Norma	<p>Toda vida fui eu. Toda vida trabalhei, mas toda vida fui eu. Então, minhas crianças são tudo um atrás do outro né? Mas eu colocava na creche de manha, a tarde pegava, ai, fazia janta, dava banho nas crianças...tudo era eu. De manhã saia eu e ele, ele trabalhava nesse tempo, aí nos saia do serviço e passava na creche, mas toda a vida foi eu que cozinhei.</p> <p>Ele me ajudava muito, nossa! Quem chegava primeiro ia cozinhando. Opa! Fazia de tudo...agora ele não faz...ele ta doente. Mas ele me ajudou muito.</p>	Toda vida fui eu. Toda vida trabalhei, mas toda vida fui eu.	Mãe

3.1. Agora que os filhos cresceram quem cozinha em casa?

Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	Bom, sou eu né? As vezes, quando eu to trabalhando, ela fica com a minha mãe. Só no final de semana que ela fica comigo à tarde, aí eu cozinho. Durante o dia, ela fica com a minha mãe e vai para a escola a tarde, aí, ela estuda dois períodos. A minha mãe cozinha, ela chega, almoça, toma um banho e vai para a outra escola. Tem que ta tudo no horário dela, se não ela também fala: - Vó! Não tem	A minha mãe cozinha	Minha mãe

	nada para mim comer, porque to morrendo de fome. As vezes a vó ainda ta fazendo e ela diz: - Anda vó, porque se não vocês vão me matar porque eu to com fome.		
Seleida	Eu mesma preparo a alimentação e eles gostam. Eles adoram minha comida.	Eu mesma preparo a alimentação e eles gostam.	Mãe
Maria	Ah! Eu sempre mando ela (filha) pra cozinha. Ela já cozinha, só que ela morre de preguiça. Eu ensinei ela a cozinhar. Eu falo: - hoje não vou fazer comida, pode ir. Ai então ela fala vai me ensinando que eu faço, aí eu ensino ela: é assim que faz o arroz Ontem mesmo ela foi fazero arroz ta fritando aqui, mexe, deixa fritar bem o arroz, depois você põem água, enquanto eu vou banha seu irmão que é bebezinho. Ela diz: - Ta bom mãe. Ai ela colocou a água no arroz e depois eu fui terminar de cuidar.	Ah! Eu sempre mando ela (filha) pra cozinha. Ela já cozinha, só que ela morre de preguiça. Eu ensinei ela a cozinhar.	A Filha mais velha
Mariana	Continuo sendo eu.	Continuo sendo eu.	Mãe

Cleo	De vez em quando a minha filha cozinhava.	De vez em quando a minha filha cozinhava.	Mãe Minha Filha
Ana	Continuo sendo eu. Nunca tive ninguém para ajudar.	Continuo sendo eu. Nunca tive ninguém para ajudar.	Mãe
Nice	Eu mesma que preparo. Eu sempre chego do serviço e sempre vou e faço a janta né? Sempre eu! Faço suco, faço tudo. Então, eu chego e faço tudo!	Eu mesma. Sempre foi assim, até a idade que elas estão agora.	Mãe
Nenice	Eu tenho a moça, quando eu acho...quando eu não acho eu me viro. Sim, tranqüilo.	Eu tenho a moça, quando eu acho...quando eu não acho eu me viro.	Empregada doméstica
Márcia	A minha secretária..ela está a muitos anos comigo, graças a Deus e eles gostam muito da comidinha dela, então....graças a Deus! A paz celestial!	A minha secretária..ela está a muitos anos comigo, graças a Deus e eles gostam muito da comidinha dela.	Empregada doméstica
Norma	Agora é minha filha de 17. Mas eu faço a janta, que ela estuda de manhã, daí já chega, almoça e o resto ela faz. Lava louça, limpa casa...	Agora é minha filha de 17. Mas eu faço a janta, que ela estuda de manhã...	Filha

3.2 Quando a senhora era pequena, quem cuidava da alimentação?

Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	Bom, às vezes, a minha mãe, né? Só que as vezes, ela saía para trabalhar e deixava no jeito, aí ela chegava e esquentava. A gente chegava da escola e ia almoçar, tomava banho e ia almoçar para depois fazer o que tinha que fazer.	Bom, às vezes, a minha mãe, né?	Minha mãe Irmã mais velha
Seleida	A minha mãe, até os meus 20 anos. Minha mãe sempre mandava a gente para a cozinha, porque as vezes ela precisava sair e mandava a gente para a cozinha. Ia lá e aprendia a fazer as coisas.	A minha mãe, até os meus 20 anos. Minha mãe sempre mandava a gente para a cozinha	Minha mãe
Maria	Era eu. Era eu. Minha mãe trabalhava....a minha mãe fazia salgado para vender, ainda eu ajudava ela.É filha única. Meu irmão não se interessa, não ajudava de jeito nenhum.	Era eu. Era eu. Minha mãe trabalhava....a minha mãe fazia salgado para vender, ainda eu ajudava ela.	Mãe
Mariana	A mãe. Sempre foi assim.	A mãe. Sempre foi assim.	Minha mãe

Cleo	<p>Mais a mãe. Eu cozinhava, mas era difícil...mais era a mãe. Que na casa da mãe, não tem jeito..é a mãe.</p> <p>Não tinha ninguém para ajudar. Só as filhas, pois os homens não ajudavam. Nunca teve não.</p>	Que na casa da mãe, não tem jeito..é a mãe.	Minha mãe
Ana	<p>A mamãe. Sempre foi a mamãe. Ela tinha empregada para fazer tudo menos a cozinha, porque ela gostava de cozinhar, como é até hoje. Ela tem 78 anos e ela que gosta de cozinhar. Então, ela faz...também a comidinha da mamãe é deliciosa e é ela e ela mesmo! Que o papai nunca aceitou comer comida de outra pessoa.</p>	A mamãe. Sempre foi a mamãe. Ela tinha empregada para fazer tudo menos a cozinha, porque ela gostava de cozinhar, como é até hoje.	Minha mãe
Nice	<p>A minha mãe. Ela sempre que cuidou também. As vezes os filhos que iam crescendo, ficando mocinha sempre davam uma ajuda né? Sempre os mais velhos..família grande...sempre os mais velhos.</p>	A minha mãe. Ela sempre que cuidou também. As vezes os filhos que iam crescendo, ficando mocinha sempre davam uma ajuda né?	Minha mãe
Nenice	<p>A minha mãe e minha vó. As duas. A minha vó, foi assim, uma mãe pra gente também. Sempre junto com a gente, ensinando...nossa! Minha vó....maravilha!</p> <p>minha mãe tinha empregada...sempre. Tinha, tinha.</p>	A minha mãe e minha vó. As duas. A minha vó, foi assim, uma mãe pra gente também.	Minha mãe/ Vó
Márcia	A mãe, sempre.	A mãe, sempre.	Minha mãe

	...naquela época, todos tinham muitos empregados, porque a vida era muito diferente, eu não sei te falar, porque as crianças não participavam do mundo dos adultos como te falei antes. Eu não sei te dizer como era pagamento, salário...não tinha noção destas coisas. Mas que todos tinham muitos empregados, ah!! Isso tinha.		
Norma	Minha mãe, ela não trabalhava, nós era em nove. A gente trabalhava e ela não trabalhava, roupa era a gente que lavava no final de semana. Ela não lavava roupa.	Minha mãe, ela não trabalhava	Minha mãe

3.3 Qual a inspiração para o preparo dos alimentos (cardápio da família)? Quem sugere o cardápio?

Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	Às vezes eu pego e olho em revista, jornal..até livro. Aí as vezes eu vejo ou minha menina pede. Então eu falo para ela : - Se eu não sei, eu vou procurar saber como se faz e vou fazer. Daí ela fala: - eu vou ficar olhando. As vezes ela fala: - quero comer tal coisa, eu vou procurar olhar..se eu já sei, eu já faço, se eu não sei, eu vou ver primeiro que que faz para fazer.	Às vezes eu pego e olho em revista, jornal..até livro. Aí as vezes eu vejo ou minha menina pede.	Mídia
Seleida	Lá, eu mesma! Assim, eu abro a geladeira,	Quando eu abro a geladeira e vejo o que	Faz o que tem.

	<p>vejo o que tem e no final de semana meu marido sugere, as vezes ele dá uma idéia para mim. Ele diz: - Selma, o que você acha da gente fazer um churrasquinho ou uma costelinha no forno, aí ele sugere, da a idéia.</p> <p>Minha filha sugere. As vezes ela pede: - Mãe, faz um macarrão, que ela adora macarrão. Aí eu faço macarrão para ela, faço frango que ela gosta...só que sempre ...só uma vez na semana, no máximo, por causa dos hormônios. Ela sugere.</p> <p>Quando eu abro a geladeira e vejo o que tem dentro, aí eu lembro da televisão, que as pessoas é...geralmente assim...que tem pessoas vai na geladeira vê o que tem e faz. Igual o programa da Ana Maria, uma vez ela levou uma culinária lá, que ela deixou um monte...vários ingredientes em cima e falou que era para ela fazer, inventa uma receita com aqueles ingredientes. Daí ela fez. Era duas mesas que tinha, era duas pessoas, era para eles fazer tipo uma revanche do alimento. Aí eles inventaram um prato..que eu não lembro..faz tempo. Era no máximo 10 a 20 minutos. Era um prato feito na hora. É assim que eu faço.</p>	<p>tem dentro, aí eu lembro da televisão, que as pessoas é...geralmente assim...que tem pessoas vai na geladeira vê o que tem e faz.</p>	
Maria	Ah! Sempre eu peço opinião para minha mãe. Ah mãe! Vamos fazer tal coisa, uma comidinha diferente, uma coisinha ou outra, a	Ah! Sempre eu peço opinião para minha mãe. Ah mãe! Vamos fazer tal coisa, uma comidinha diferente, uma coisinha ou	Mãe

	<p>senhora me ajuda?Aí nós vamo lá e faz. Eu moro junto com ela, no mesmo quintal. Ai nós junta três e faz comida para todo mundo.</p> <p>A minha guria fala assim: mãe! Faz tal coisa assim mais gostoso. Massa né? Aí eu pego faço aquela panqueca ou pastel, daí eles comem.</p>	<p>outra, a senhora me ajuda?</p> <p>A minha guria fala assim: mãe! Faz tal coisa assim mais gostoso</p>	Filha
Mariana	<p>Mas eu penso assim: o que que eu vou fazer para os meus filhos hoje? Eu sempre procuro fazer uma coisa que eles gostam. Tipo assim, eles chegarem da escola e falarem: - Ah! A mãe fez isso, cê entendeu? Como o Roberto, mesmo porque, ele quase não fala. Para você ver o quanto eu sou ruim na cozinha. Eu não sou lá grande...não sou. Mas sempre procuro fazer e eles falarem: Ah! A mãe fez isso ou ah!! A Marli fez isso. Mas, é por isso mesmo. É tão ruim quando você faz um prato e eles não gosta. Ai mãe ta ruim. Ai mãe passou no sal. É ruim escuta isso, sabe? Que as vezes cê procura fazer, cê procura fazer, no meu caso, eu que tenho...horário para tudo né? Então quer dizer que, eu ali...correndo... procuro fazer coisas assim que eles gostam. Mas as vezes a gente acaba errando..passando</p>	<p>Mas eu penso assim: o que que eu vou fazer para os meus filhos hoje? Eu sempre procuro fazer uma coisa que eles gostam.</p>	Filhos

	no sal, cê entendeu...aí eles falam: Ah Mãe!! Ta salgado! Puxa! É tão chato! Quando a gente faz assim...é que eles falam: Ai mãe! Ta gostoso, sabe?		
Cleo	Saúde. Sempre. Por que eu não cozinho por cozinhar. Então eu procuro assim...o que que eu fazer tudo o que tem...a gente lê muito, a gente fica aprendendo. Um alimento que tem de proteína, se tem mais ferro, se tem mais isso, se tem mais aquilo. Pode ser uma coisa muito simples, mas eu sei que aquilo ta completo. Cê entendeu? Bom, eu penso nisso! Bom, o alimento tem que ter o arroz, o feijão porque os dois casam bem né? As proteínas, as fibras elas casam bem, aí tem que ter os legumes, tem que ter as proteínas...então eu penso. Uma refeição completa.	Bom, eu penso nisso! Bom, o alimento tem que ter o arroz, o feijão porque os dois casam bem né? As proteínas, as fibras elas casam bem, aí tem que ter os legumes, tem que ter as proteínas...então eu penso. Uma refeição completa.	Refeição completa
Ana	Olha! Eu sou assim...aqui em casa, nós não temo o hábito de jantar. Nós tomamos um leite, uma vitamina e essa é a nossa janta, né? Mas o almoço quando assim...quando eu começo...eu gosto muito da cozinha...então, eu procuro falar assim: - Puxa, meu filho gosta de nhoque vamos dizer. Procuo fazer aquele nhoque tanto amor...eu capricho tanto..que eu não sei de onde vem tanta inspiração para fazer aquela comida saudável, feita na hora..com todo o trabalho que eu tenho, eu ainda acho inspiração para fazer a comidinha. Tem que ter inspiração e tempo.	- Puxa, meu filho gosta de nhoque vamos dizer. Procuo fazer aquele nhoque tanto amor...eu capricho tanto..	Filho

	<p>Normalmente...meu marido não...o que eu fizer ele acha excelente! Agora, meu filho que é um dos gêmeos, esse sempre tem sempre um prato especial que quer comer, quer que eu faça. Meu filho mais velho também, tem aquele especial que ele quer que eu faça. Mas o meu marido e meu outro filho não...o que eu fizer eles comem.</p> <p>Um dos gêmeos gosta muito de massa e por isso agora ta fazendo o regime do feijão. Ele gosta de lasanha, de nhoque então ele gosta dessa massinhas e meu marido como é paraguaio gosta muito de carne. Mas aqui não comemos, não temos o hábito de comer..nós comemos muita carne branca. Eu faço assim frango, de vez em quando peixe.</p>		
Nice	<p>Tem vezes que elas pedem um prato diferente, ou elas mesmo preparam né? Ou convida a prima delas que ta sempre lá em casa preparando e as vezes eu mesma, vou fazer tal coisa e elas dizem: - Então faz mãe. As vezes elas ajudam também né? Só que eu não sou muito de cozinha, mas quando eu vou para a beira do fogão, eu procuro fazer da melhor forma possível.</p> <p>Livros de receitas eu uso as vezes, as vezes assim, igual as meninas, as vezes vê algum</p>	Tradição né. Comer mais família. Eu sigo minha mãe.	Sigo minha Mãe

	<p>prato. Esses dias mesmo, minha filha pegou uma receita de pizza caseira...mas na televisão nem tanto.</p> <p>Tradição né. Comer mais família. Eu sigo minha mãe.</p>		
Nenice	<p>Sou eu quem sugiro o cardápio. Olha, eu sempre vi minha mãe fazendo as coisas, a minha vó fazendo as coisas, e eu..apesar de naquela época sera comida com muito condimento, hoje se viu, eu to falando que não é mais, é diferente porque a nossa alimentação é diferente daquela ..do passado. Mas, eu acho que a mulher, ela tem que ta atenta, ta? Mesmo que ela tenha quem faça, mas ela tem que ser a dona da casa. Ela é prioridade da casa, ela é a dona do lar. Esse negócio de você deixar as coisas por conta dos outros...não está certo. Ta? Não está certo...é a mesma coisa de filho! Pode crescer, estão grandes..estão aí vivendo a vida deles..mas estão aqui, dentro de casa...eu disse isso para eles: - por mais que um dia você saia do meu seio, um dia você casa, mas se você fizer alguma coisa para sua mulher que eu veja que você está errado eu vou chamar sua atenção. Eu não vou ser a seu favor porque é meu filho. Eu vou pegar duro em você. Acho que você tem que ser consciente! Não é passar a mão na cabeça só</p>	<p>Olha, eu sempre vi minha mãe fazendo as coisas, a minha vó fazendo as coisas, e eu..apesar de naquela época sera comida com muito condimento, hoje se viu, eu to falando que não é mais, é diferente porque a nossa alimentação é diferente daquela ..do passado....</p>	<p>Mãe</p> <p>Vó</p>

	porque é seu filho. Aí, você ta educando errado.		
Márcia	<p>Você acredita que a gente já tem tanta afinidade que ela já sabe nossos gostos? Raramente eu peço alguma coisa, porque as vezes eu amanheço com vontade de comer alguma coisa, tal como o bife à milanesa e ela diz: - Vou fazer bife à milanesa, faz tempo que a gente não come. Nós temos afinidade, ele sabe tudo que eu gosto de comer...ela mesma cria o cardápio, ela aproveita, por exemplo uma comida que sobra e ela reavalia o que que pode fazer, para aprender a economizar. É muito raro eu dar palpite. Ela também já conhece os gostos da gente; também, quanto tempo!!</p> <p>Quero acrescentar que ela já aprendeu que salada tem que ser colorida, porque tem mais valor nutricional, então ela coloca: alface, agrião, tomate, cenoura, pepino...e quando acaba, por exemplo, cenoura, ela me avisa e fala que tem que ser colorida a salada...ela já internalizou e ela já sabe o que tem que combinar com o que.É muito engraçadinha! Ela é um amor!</p>	Vou fazer bife à milanesa, faz tempo que a gente não come. Nós temos afinidade, ele sabe tudo que eu gosto de comer...ela mesma cria o cardápio, ela aproveita...	Empregada doméstica
Norma	As crianças que me falam (risos). No final de semana mesmo, eles pedem: - Mãe faz tal coisa, eu não sei fazer muito bem, mas faço e da tudo certo.Eles adoram fazer lasanha, eu	As crianças que me falam (risos). No final de semana mesmo, eles pedem...	Filho

	<p>não sei fazer lasanha. Bom, eles acham que ta bom, não sei se é porque eu faço, mas eu faço e eles adora minha lasanha.Eles falam: - Vamo faze uma lasanha no fim de semana. Ai, a gente acaba fazendo.</p>		
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

3.4 No momento do preparo da refeição, a senhora pensa em coisas que a senhora comia quando era pequena?			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	<p>É penso sim, só que simplesmente o básico que eu do para ela, que as vezes eu quase não comia quando era criança...uma alimentação diferente que é frutas, legumes, verdura ainda mais quando o médico, nutricionista passou para ela o que ela tinha que comer certinho, as vezes eu lembro e vou fazendo né? Ai ela fala: - Eu não como tal coisa. Eu falo: você nunca testou, nunca comeu..e sempre é bom comer uma primeira vez. Aí esses tempinho ela tava com uma frescura do meu irmão que ele não come tal coisa, eu falo para ela: - você para com isso, você tem que comer, que é bom para seu crescimento, desenvolvimento do seu corpo, é bom para você aprende e fortalece.</p>	<p>É penso sim, só que simplesmente o básico que eu do para ela, que as vezes eu quase não comia quando era criança...uma alimentação diferente que é frutas, legumes, verdura..</p>	Alimentação diferente da infância
Seleida	<p>Lembro. Lembro que eu comia o arrozinho caseiro feito no fogão a lenha da minha mãe, o feijozinho e aquela carinha de porco bem fritinha...uma delícia! Eu lembro que quando</p>	<p>Eu lembro que quando a gente era criança é...a minha mãe cozinhava no fogão a lenha, então a comida tinha mais sabor.</p>	Lembrança da infância

	<p>a gente era criança é...a minha mãe cozinhava no fogão a lenha, então a comida tinha mais sabor.</p>		
Maria	<p>Não... um macarrão assim, simples né. Uma galinha com molho com polenta que ela faz e é gostoso também, ela deixava pra nós, só chegava do colégio esquentava e comia.</p> <p>A galinha faço, mas a polenta não, eu não gosto da minha polenta. Da dela eu gosto. A galinha com molho eu faço, fica igual dela. Meu irmão fala: - Oh! Faz aquela galinha com molho, quando ele vai lá em casa.</p>	<p>A galinha faço, mas a polenta não, eu não gosto da minha polenta. Da dela eu gosto.</p>	<p>Lembrança da mãe</p>
Mariana	<p>...é...porque a mãe nunca gostou de dar porcaria, era criado assim...mais na base no arroz, uma carne, uma salada, uma verdura, o leite cê entendeu? O queijo ...é...o que a mãe fazia muito pra gente era...aquela ...uma sopa com fubá..toda noite, que a mãe fazia pra nós. Uma sopa muito saudável.</p> <p>A receita da mãe eu..eu faço, só que eu não faço sopa salgada, que é com carne moída com legume, então, em vez de você colocar o macarrão, você colocava o fubá, entendeu? Mamãe falava que era para ficar forte, essas coisa. Não, eu só faço o mingau doce. O mingau do fubá e coloco açúcar e canela.</p>	<p>A receita da mãe eu..eu faço, só que eu não faço sopa salgada, que é com carne moída com legume, então, em vez de você colocar o macarrão, você colocava o fubá, entendeu?</p>	<p>Receita da mãe</p>

Cleo	<p>Depois que a gente lembra. Quando eu era criança, eu parei de comer carne. Daí, a minha mãe...isso eu não esqueço...a minha mãe começou a fazer lentilha pra mim, começou a fazer grão de bico, naquela época, não tinha muita soja, mas lentilha ela fazia muito e até hoje eu gosto muito de lentilha e toda vez que eu como lentilha, eu lembro disso, como minha mãe se preocupava e fazia lentilha. Sabe? Por exemplo, uma farofinha de cenoura crua, ralada com ovo cozido e farinha de milho, cheiro verde e azeitona picada...mas é gostosa!</p>	<p>Daí, a minha mãe...isso eu não esqueço...a minha mãe começou a fazer lentilha pra mim, começou a fazer grão de bico...</p> <p>como minha mãe se preocupava e fazia lentilha.</p>	Lembrança da infância
Ana	<p>Lembro, lembro..lembro muito porque eu levei o hábito do mesmo hábito que era na minha casa, sentar-se a mesa e comer, as comidas que a mamãe fazia, o meu pai não comia sem macarrão. É, mais era uma macarrão espaguete fininho com pouquíssimo molho então a gente cresceu vendo meu pai ...que deixava de comer arroz, feijão para comer o macarrão. E...a minha mãe vinda de família árabe ela costuma fazer muito quando a gente se reúne o kibe. Que também faço muito né?, Porque aquilo que você aprendeu a comer desde pequena eu..a casa da minha mãe é assim: nós reunimos os cinco filhos, noras, genros, netos e bisnetos e todo mundo se senta a mesa pra comer..sabe é aquela festa sempre que a gente se reúne. Que isso é quase que semanalmente. A família, como te falei, é</p>	<p>Lembro, lembro..lembro muito porque eu levei o hábito do mesmo hábito que era na minha casa, sentar-se a mesa e comer, as comidas que a mamãe fazia, o meu pai não comia sem macarrão.</p>	Hábito da infância

	<p>tudo! Além desse convívio com os cinco irmãos e cunhados e cunhadas como é de tradição, a família se reúne uma vez por ano....a família inteira. A festa da família, que já vai para o 13º ano, então, é...onde a gente..ali..você se expressa tudo...você encontra...você pode dizer que você conhece a família inteira. Por isso que eu disse para você que família é tudo.</p>		
Nice	<p>Sempre. Sempre penso. Peixe frito, carne de panela, feijão preto...faço sempre!</p>	<p>Sempre. Sempre penso. Peixe frito, carne de panela, feijão preto...faço sempre!</p>	<p>Receita da mãe</p>
Nenice	<p>Ah sim!!! Olha, de condimento não...não! Tem muita coisa gostosa que se faz lá e que não se faz aqui. Lá, por exemplo, é uma delícia para nós, tem gente que não gosta..agora que o pessoal tá começando...a tapioca. Lá não se chama de tapioca se chama de beiju, tem o beiju que é feito com a farinha torradinha que é aquele beijuzinho, tem o que faz enroladinho, como se fosse um lenço, é o que faz com o polvilho, você coloca na boca, não precisa passar manteiga nada ele estala...ce come sem manteiga, sem nada ele é...na hora que você ta fazendo a farinha, elas tiram aquilo da mandioca, eu não sei..eu não lembro, então, elas fazem aquilo enroladinho, como se fosse um lenço, branquinho, branquinho...enrolado assim. E tem a tapioca que a tapioca que eu vivi e me criei comendo tapioca só que eu não sabia da diferença do</p>	<p>Olha, de condimento não...não! Tem muita coisa gostosa que se faz lá e que não se faz aqui.</p>	<p>Receita da mãe</p>

	<p>nome, lá é beiju. Então, tirou da frigideira, passa a manteiga..lá é de leite, que aqui é margarina né? Não se usa manteiga, é muito difícil. Porque também eu acho prejudicial, eu acho muito gorduroso. Lá é manteiga de leite que vem naquelas garrafas, aí, você punha na beira do fogão ela sempre....é líquida, mas ela endurece um pouco. Ai você tira coloca na colher e já joga no beiju. Aí, você ta fazendo quando é quentinho né? Tem que o pão de queijo, que aqui também tem, só que o pão de queijo de lá eu acho mais gostoso. Porque não sei...não sei se o queijo é mais natural, é bem mais natural do que esse que nós usamos aqui, que já é de laticínio. Lá é feito em casa. Tem uma série de coisas que eu ainda...a lingüiça..é uma delicia, apesar de ser apimentada, tudo de lá é apimentado.</p>		
Márcia	<p>Me lembro, me lembro...eu sempre gostei muito de comer, comer mais...eu sou mais do sal e não do doce, como já te disse. Sobremesa aqui em casa é final de semana por causa das crianças. Eu comia muito bife, porque eu era muito chata para comer naquela época, to tirando o atraso até hoje (risos) porque era bife, arroz, feijão e ovo frito, porque naquela época ninguém sabia o que era o colesterol.</p> <p>Então, eu acho que tem toda uma mistura de coisas que veio do passado, que a gente traz para o presente e que a gente vai levando para</p>	Então, eu acho que tem toda uma mistura de coisas que veio do passado, que a gente traz para o presente e que a gente vai levando para o futuro dos filhos delas né?	Lembrança da infância

	o futuro dos filhos delas né? Chazinho..isso aí também é básico. Isso também esta sempre no bolsinho do colete.		
Norma	Penso, muitas coisas que minha mãe fazia...o que que ela fazia? Frango com molho que ela gostava...hoje eu não tenho mais mãe, toda vez que eu vou fazer frango com molho, eu penso quando eu era criança....em tempo a gente lembra, chega doe o coração sabia? Você lembrar assim, é horrível né? Ah! Muita coisa eu lembro que minha fazia..macarrão com frango. As vezes meu irmão vai lá em casa para comer meu macarrão com frango por causa da minha mãe. Eu faço igualzinho o da minha mãe, ninguém acerta fazer. A única pessoa que acerta fazer o macarrão igual ao da minha mãe, é eu. Aí meu irmão fala: - Eu quero comer aquele macarrão da mãe, ele fala da mãe. Ai tem que fazer 2 pacotes de macarrão, aquela panelona enorme...todo mundo come sabe? A única pessoa que faz igual ela...mais é muito bom, meu Deus! Gosto muito!	...frango com molho, eu penso quando eu era criança....em tempo a gente lembra, chega doe o coração sabia? Você lembrar assim, é horrível né?	Lembrança da infância

4. No momento da compra do alimento você observa se o produto é regulamentado/autorizado pelo poder público?			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	<p>Observo, a data de validade, o valor certo, o prazo para vencer. Eu nunca compro produto que ta para vencer. Por exemplo, se eu compro hoje, amanhã ou depois ta vencendo, aí o que eu compro mesmo, eu já vejo os dias ou meses para vencer o prazo. Ai eu pego e vejo o valor calórico também, vejo tudo. As vezes eu to olhando e minha menina fica: - mãe, compra tal coisa. Eu digo: - Perai, eu vou ver o valor da proteína que ele tem certinho. Aí eu fico olhando a data, eu falo esse aí não, muito gorduroso, muita açúcar. Eu falo: - A gente tem que controlar. E a gente tem que reparar se tem algum tipo de vitamina também. Eu sempre compro, a primeira coisa que eu olho é data de validade e as proteínas que ele tem.</p>	<p>Ai eu pego e vejo o valor calórico também, vejo tudo.</p>	Vê tudo
Seleida	<p>Olho aquele selinho lá...do ministério da agricultura..acho que é da agricultura. Aquele selinho lá. Se tem aquele selinho, quer dizer que o produto é bom. Mas as vezes nem sempre né? Porque as vezes eles podem enganar também. Mas geralmente o que a gente vê aí, o pessoal falando: - Presta atenção, ô o selinho. Se o selinho é o do Ministério da Agricultura lá. Então eu observo o selinho.</p>	<p>Presta atenção, ô o selinho. Se o selinho é o do Ministério da Agricultura lá. Então eu observo o selinho.</p>	Selo do Ministério da Agricultura
Maria	<p>A validade, o preço né? Eu procuro o mais</p>	<p>A validade, o preço né?</p>	Data de Validade

	barato, não procuro o mais caro não. Eu olho...		
Mariana	<p>Nós não temos hábito de olhar, carimbo de CIF.. a gente não tem. Mas a gente vai passar a adotar, a cuidar um pouco mais.</p> <p>O que é muito importante...é o que aconteceu ...as propagandas, os comentários né? De televisão, cê entendeu? Isso é muito importante, porque te da um alerta. Porque na verdade, eu não tenho costume de ver se tem selo. Só quando passou lá uma coisa na televisão, aí, você fica mais atenta. Mas fora isso...não</p>	Nós não temos hábito de olhar, carimbo de CIF.. a gente não tem.	Não olha
Cleo	<p>Não. Sinceramente, eu não reparo. Esse é uma coisa que eu não reparo. Eu olho validade né? Mas o selinho eu não reparo, a gente esquece né?</p> <p>Falta de hábito. A gente acha que ta lá é que ta tudo certo. Para você se ta lá ta certo e nem sempre é assim. Esse é o problema?</p>	Eu olho validade né? Mas o selinho eu não reparo, a gente esquece né?	Data de Validade
Ana	Ah! Muito importante essa sua pergunta. Eu observo muito a qualidade, a validade (ênfase) ...muito importante isso daí. A validade eu sempre olho...tudo. Eu costumo ir ao supermercado..graças a Deus eu tenho um companheiro maravilhoso que não tem pressa. Então nós vamos no supermercado que horas?	<p>. Eu observo muito a qualidade, a validade (ênfase) ...muito importante isso daí.</p> <p>A gente olha...meu marido também é muito...olha muito assim...esse aqui não tem o Inmetro....não tem o selinho do Inmetro, outros tem...sabe?</p>	Data de Validade

	<p>Á noite, ou então o dia que os meninos não tem aula e que a gente não tem compromisso. É o dia que nós vamos, porque nós não temos pressa..sempre de chinelinho baixinho, para mim olhar, comprar..tudo do jeito que deve ser.</p> <p>Sempre, sempre a gente olha. A gente olha...meu marido também é muito...olha muito assim...esse aqui não tem o Inmetro....não tem o selinho do Inmetro, outros tem...sabe? Então, olha muito o que contém o produto..o que contém sabe? Esse aqui tem isso, isso e isso. Ali..cálcio não sei o que...ele lê, possui vitamina....isso a gente frisa muito, tanto é que minha compra não dura menos que quatro horas. Quatro a cinco horas...é que nós fazemos as compras, geralmente...verduras e frutas, nós fazemos uma vez na semana, mas a compra do grosso, que demoramos de quatro a cinco horas é a compra do mês, que eu costumo fazer compras do mês. E as verduras eu compro mais uma vez na semana. Então a gente costuma comprar assim: essa semana eu vou comprar alface, agrião...aí uma outra. Verdura de folha, eu costumo comprar duas vezes na semana que é para não estragar, agora os legumes assim é à vontade.</p>		
Nice	Eu observo mais a data de validade né? Prazo de validade, se ta amassada a lata, se ta enferrujada...eu observo tudo isso aí.	Eu observo mais a data de validade né? Prazo de validade.	Data de validade

	<p>Igual ontem naquela feira que nos tava aqueles alimentos estavam bem bonitos, sabe? Aquele legumes...os pés de alface lindos...tomate. Eu falei: - De primeira essa feira hein?</p>		
Nenice	<p>Às vezes não. O que eu olho muito é validade, eu não compro nada se a validade não tiver assim, bem para frente. Por exemplo, frango, o frango era..antigamente ele vinha com uma validade de 15 a 20 dias, hoje, ele vale..ele só te da 5 dias. Congelado ele te da mais tempo, mas eu observo assim...que o congelado além dele perder todo o sabor, ce não sabe quando ele foi colocado ali dentro, além disso, você vai pagar muito mais caro porque o gelo vai pesar muito mais do que realmente o que tem de frango ali dentro. Então, eu prefiro o resfriado, né? Embora, você vai passar uns três dias da validade e ele ainda está bom para consumir. Mas, por exemplo, danone, requeijão essas coisas não...chegou na validade e não consumiu ...jogo fora. Porque isso é perigoso. Eu acho que você vai ingerir aquela coisa e já vai te fazer mal, já vai para o hospital, já vai ter um monte de coisa.</p>	<p>O que eu olho muito é validade, eu não compro nada se a validade não tiver assim, bem para frente.</p>	<p>Data de validade</p>
Márcia	<p>Olho sempre, aquele selinho? Olho, olho sempre! Ah! Olho também, sabe o que, que eu não tinha comentado antes..mas assim, se tem alguma substância que seja suspeita, no</p>	<p>Olho sempre, aquele selinho? Olho, olho sempre! Ah! Olho também, sabe o que, que eu não tinha comentado antes..mas assim, se tem alguma substância que seja</p>	<p>Vê tudo</p>

	<p>caso assim, vamo dizer transgênicos, gordura trans, eu leio, leio tudo, sou uma leitora assídua, de rótulos, etiquetas, agora, claro...se eu já conheço o produto, que não mudou o nome fantasia, é o mesmo fabricante, aí, eu só olho a data de validade. Isso serve mais para produtos novos, eu não compro nada novo, sem dar uma espiadinha, uma estudadinha.</p>	<p>suspeita, no caso assim, vamo dizer transgênicos, gordura trans, eu leio, leio tudo...</p>	
Norma	<p>Eu vejo preço, aquele que ta mais em conta.</p> <p>O trigo né...eu não esqueço do trigo, porque eu já compro o trigo e as vezes ele ta cheio de carunchinho né? Então, a primeira coisa que eu olho, que eu lembro é o trigo, mais é o trigo e o leite condensado que uma vez eu comprei não prestei atenção, aquele leite veio tudo açucarado, não gostei, é outra coisa que eu presto atenção quando vou comprar. Era o mais barato, mas acabou saindo mais caro porque não prestou.</p>	<p>Então, a primeira coisa que eu olho, que eu lembro é o trigo, mais é o trigo e o leite condensado que uma vez eu comprei não prestei atenção...</p>	Data de validade

5. Você pagaria qualquer preço pelo alimento que você e sua família gostam?			
Sujeito	Discurso na íntegra	Essência do Discurso	Categoria
Ediana	Pagaria porque é essencial. Por exemplo, aquela feijoada pronta, eu paguei porque tive vontade. Ainda minha mãe disse que era muito caro, mas nós acabamos fazendo juntas.	...aquela feijoada pronta, eu paguei porque tive vontade.	Preferência
Seleida	Pagaria. Qualquer preço. Se tiver vontade eu pago. Se for bom eu compro, não importa o preço, porque é alimento. Por exemplo, bacalhau eu compro, uma quantidade pequena. Isso é importante porque a única coisa que a gente aproveita é o alimento.	Pagaria. Qualquer preço. Se tiver vontade eu pago. Se for bom eu compro, não importa o preço, porque é alimento.	Preferência
Maria	Eu pago. Ah! Porque eu gosto de ver eles comendo né?	Porque eu gosto de ver eles comendo né?	Preferência
Mariana	Depende né? Que de repente a coisa que eu gosto, o alimento que eu gosto....mas ele não está bonito. Cê entendeu? Eu compro por nós. Se é uma coisa que eu gosto e todo mundo gosta!!! Eu primeiro vou olhar a qualidade dele, do produto. De repente é um produto que ta lá, que você gosta muito, que não encontra e apareceu lá, mas o troço ta	Eu compro por nós. Se é uma coisa que eu gosto e todo mundo gosta!!! Eu primeiro vou olhar a qualidade dele, do produto...	Preferência

	<p>lá..com uma cara feia, ta mucho, ta não sei o que, cê entendeu?</p> <p>Eu penso que eu não vou deixar de comprar uma coisa que eu quero, que eu gosto, que todo mundo gosta equer dizer, eu pagaria sim. Se eu tivesse dinheiro eu pagaria sim. Se fosse uma coisa muito cara....mas eu pagaria o que vale. Agora, não adianta pedir muito num negócio mucho lá, não adianta que eu não compro. Eu não pagaria. Agora, se for uma coisa, uma suposição, uma pêra muito bonita que todo mundo gosta cê entendeu? É caro..é caro...todo mundo gosta, porque ninguém sabe o amanhã.</p>		
Cleo	<p>Olha, eu não sou pessoa gastona, eu sou mais para econômica, sabe? Então, eu compraria um alimento caro desde aquilo....que eu sentisse que ele é indispensável e bom para a saúde da família. Por exemplo, azeite de oliva extra virgem, sabe? É caro, um vidrinho é 14 ou 15 reais, eu compro, porque eu sei o quanto ele é bom. Então, eu compro. Agora..tem coisas que eu não compro jamais, por exemplo, ovo de páscoa grande. Menina!! Para mim, aquele é dinheiro jogado fora, uma barra grande de chocolate, uma lata de panetone...sabe? Não tem nexo! Eu não vejo nexo naquilo! Sabe? Por exemplo, uma fruta cara que eu quero comer, mas ela ta cara, mas de repente, eu compro outra que é a mesma</p>	<p>Então, eu compraria um alimento caro desde aquilo....que eu sentisse que ele é indispensável e bom para a saúde da família.</p>	Saúde

	<p>coisa, mas bem mais barato. Eu sou racional!!</p> <p>Agora tem coisas também que você de repente gostaria de comprar, mas são caro, mas como aquilo não é assim...primordial, você pode substituir, e ai não compra né? Igual salmão. Salmão é uma delícia, mas é caríssimo..eu nunca compro salmão...que é muito caro! Lá muito de vez em quando, mas muito de vez em quando...aí você como outra coisa, outro peixe uai!!</p> <p>Eu compro bastante atum, bastante sardinha, o pacu...outros peixes. O pintado nós não comemos né?</p>		
Ana	<p>Pagaria. Olha!! Eu costumo falar pro meu marido assim...dinheiro é quase tudo né? Mas ele não compra muitas coisas como a saúde. O dinheiro hoje em dia é difícil, quem tem mais, apesar de que eu acho que tem pessoas que tem muito dinheiro e não come uma comida saudável como eu como. Então, o dinheiro não é tudo nessa questão. Muitas vezes você tem dinheiro e você come mal. As vezes você fica comendo nesses lugares aí, que você nem sabe o que está comendo. Então, eu não sei até que ponto essa parte da alimentação é boa. Agora, para mim, eu acho que eu comeria ainda melhor. Porque eu acho assim: se você tem, você pode comprar, fazer, mas infelizmente nem todo mundo que tem</p>	<p>Pagaria. Olha!! Eu costumo falar pro meu marido assim...dinheiro é quase tudo né? Mas ele não compra muitas coisas como a saúde...</p>	Saúde

	<p>dinheiro pensa que nem a gente. É esse meu modo de pensar. Não sei se estou certa ou errada mas eu penso assim.</p>		
Nice	<p>Se eu pagaria? Bom, eu gostando e minha família também, eu acho que...estando num valor médio né? Se eu gosta do alimento eu não vejo preço, eu vejo o meu lado. Eu vejo por mim e minha família e não vejo o preço. Eu acho que sendo de qualidade...</p>	<p>Se eu gosta do alimento eu não vejo preço, eu vejo o meu lado. Eu vejo por mim e minha família e não vejo o preço.</p>	Preferência
Nenice	<p>Não. De maneira alguma. Não...não. Porque se o alimento é caro e mesmo eu tendo dinheiro, eu não vou pegar o dinheiro e pagar aquilo que a pessoa pediu por um simples alimento, enquanto tem outros alimentos que podem substituir. De maneira alguma, eu acho que isso aí é uma ..você ta jogando fora tudo aquilo que você adquiriu. Não..eu não faço isso. Eu acho que todo o trabalho, toda a nossa vida, o trabalho do meu marido, o meu trabalho, o trabalho dos meus filhos...ele tem que ter valor e isso aí eu to jogando fora. Não...</p> <p>Eu como quase todas as mulheres a gente sai e vai procurar o que é mais barato. As vezes meu marido pergunta: - Você saiu de manhã e está voltando agora? Você rodou o supermercado inteirinho olhando prateleira por prateleira para ver o que é melhor, o que ta na validade, que você pára para ler e você</p>	<p>Não. De maneira alguma. Não...não. Porque se o alimento é caro e mesmo eu tendo dinheiro, eu não vou pegar o dinheiro e pagar aquilo que a pessoa pediu por um simples alimento, enquanto tem outros alimentos que podem substituir.</p>	Preço

	vê quanto que é, que você vai no outro supermercado, porque encontrou uma comadre lá e que lá ta mais barato e você vai lá. Então, a mulher demora no supermercado, ela fica no supermercado.		
Márcia	<p>Você fala assim, qualquer preço é muito relativo. Qualquer preço vai implicar nas minhas possibilidades. Vamos supor que eles querem comer caviar que vem lá da Rússia, que custa US\$ 100 uma latinha, eu não vou comprar. Eu uso muito o bom senso também, porque meu dinheiro é muito suado (risos). Aliás, o dinheiro de todo trabalhador né? Toda a pessoa que trabalha duro. Então, eu não responderia sim, não. Levando em conta esse....extremo, vamos dizer assim.</p> <p>Se eu estou com mais dinheiro em um determinado momento vou comprar um filet mignon, mas se eu não tiver o dinheiro naquele momento, vou comprar uma alcatra, a proteína animal vai estar ali do mesmo jeito e a carne é saborosa do mesmo jeito. Eu não extrapolo as minhas possibilidades, eu sou racional nas minhas compras. Você pode ter observado os critérios que eu uso para fazer as compras, eu uso também o gasto do dinheiro e isso vale para tudo na minha vida. Eu sou muito racional nesse ponto, não é a mídia que faz a minha cabeça.</p>	Qualquer preço vai implicar nas minhas possibilidades. Vamos supor que eles querem comer caviar que vem lá da Rússia, que custa US\$ 100 uma latinha, eu não vou comprar. Eu uso muito o bom senso também, porque meu dinheiro é muito suado (risos).	Preço

Norma	<p>Eu pagaria, com certeza. Porque eles gosta né? Eu geralmente faço os gostos dos meus filhos, se vê, a caixa de bombom, as vezes eu nem tenho condições, mas tenho que levar três. Eu fico pensando assim...eles só comem uma vez no mês, então, por que não levo? Né? As vezes nem to podendo leva, mas eu tenho que pegar três, se levo um, vai dividir acaba saindo briga. Ai levo um pra cad um, do fechadinha e cada um se vira. Entendeu? Eles gostam tadinho...né? Eles não vestem um roupa boa porque não podem, então come pelo menos o que gosta né?</p>	<p>Eu pagaria, com certeza. Porque eles gosta né? Eu geralmente faço os gostos dos meus filhos, se vê, a caixa de bombom, as vezes eu nem tenho condições, mas tenho que levar três.</p>	Preferência
-------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------

